UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGHIS

“Sejam bem-vindos ao meu canal”: videografias de si de homens trans e possibilidades para uma História do Tempo Presente

MATHEUS YAGO GOMES FERREIRA

Professora Orientadora: Regina Helena Alves Silva

Belo Horizonte - MG

Agosto de 2019

MATHEUS YAGO GOMES FERREIRA

“Sejam bem-vindos ao meu canal”: videografias de si de homens trans e possibilidades para uma História do Tempo Presente

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha: História Social da Cultura

Orientadora: Prof. Dr. Regina Helena Alves Silva

Belo Horizonte - MG

Agosto de 2019

901
F383s
2019

Ferreira, Matheus Yago Gomes.

"Sejam bem-vindos ao meu canal" [manuscrito] : videografias de si de homens trans e possibilidades para uma história do tempo presente / Matheus Yago Gomes Ferreira. - 2019.

147 f. : il.

Orientadora: Regina Helena Alves da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.História – Teses. 2. Autobiografia - Teses. 3.Transexualidade - Teses. 4.Youtube (Recurso eletrônico) - Teses. I. Silva, Regina Helena Alves da . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

"Sejam bem-vindos ao meu canal: videografias de si de homens trans e possibilidades para uma História do Tempo Presente"

Matheus Yago Gomes Ferreira

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Regina Helena Alves da Silva - Orientadora
UFMG

Profa. Dra. Miriam Hermeto de Sa Motta
UFMG

Profa. Dra. Rafaela Vasconcelos Freitas
UFRGS

Belo Horizonte, 08 de novembro de 2019.

AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 - PAMPULHA
31270.901 - BELO HORIZONTE - MG
e-mail: ppghis@fafich.ufmg.br
FONE: (31)3409-5068 FAX: (31) 3409-5044

Dedico essa dissertação a todas e todos que existem e resistem em tempos sombrios.

AGRADECIMENTOS

Gosto da ideia de agradecer. Demonstrar meu afeto talvez seja o único momento que eu não sou sucinto. Nesse momento, se fundem o pesquisador e o indivíduo, se apresenta a vulnerabilidade e injeta nesse documento toda sua pessoalidade. Como sortudo que sou por ter ao meu redor tantas pessoas que tornaram o meu mestrado mais leve, depositando em mim confiança e me incentivando em momentos que a descrença ousou a me invadir, esses agradecimentos tem um sabor especial, fazendo com que as linhas e nomes a seguir não representem a sua totalidade. O Mestrado foi um dos episódios em que mais me senti abraçado. E cá estamos. E cá chegamos. No plural, que é como me sinto.

Antes, dedico esse trabalho a toda a população transexual e travesti brasileira. É uma enorme responsabilidade fazer um trabalho com essas trajetórias com o máximo respeito que vocês merecem. Obrigado pela luta. Desejo que cada vez mais vocês se diplomem e ocupem esse espaço que também é de vocês por direito, para que suas vozes ecoem em palcos, mesas, eventos e pesquisas.

Aproveito para agradecer ao Luca Scarpelli e ao Lucca Najar, que inspiraram esse trabalho e foram minhas fontes. Obrigado por todos os ensinamentos ao assistir cada um dos seus vídeos. São pessoas como vocês, com tamanha capacidade de transmitir ideias e de narrar suas trajetórias, que o mundo precisa ouvir.

Agradeço imensamente a UFMG. Essa casa, dona de um dos finais de tarde mais bonitos de Belo Horizonte, que me abrigou e me testou por tardes e noites, me ofereceu a chance de ter contato com um ensino que eu não imaginava que teria. Desde a minha entrada na graduação em 2012, até a aprovação no Processo Seletivo do Mestrado, que veio no final de 2016, sou grato não só a Instituição, mas todos os envolvidos, incluindo o Colegiado, o Programa de Pós Graduação em História e a Secretaria do Programa. Agradeço também a CAPES, pelo incentivo e pela bolsa, que possibilitou com que essa pesquisa fosse realizada. A agência, bem como todas as outras que resistem em fomentar a pesquisa no país, merecem proteção. Agradeço também aos governos responsáveis por oferecer a mim uma educação pública, gratuita e de qualidade. O ensino transforma, emancipa. Em

especial, ao ex-ministro da Educação, Fernando Haddad, responsável não só por esse ensino descrito como por fornecer inciativas capazes de colocar na Universidade gente que um dia nossa história negou a colocar.

Agradeço a Regina Helena, minha querida orientadora. Eu agradeço muito pelo jeito que nos entendemos, por risadas e olhares; por acreditar no meu trabalho e pela liberdade de criação proporcionada. Havia mesmo de ser você a me orientar, alguém cujo olhar para a Academia, para a educação, para a História, para a mídia, e para o nosso papel se assemelha ao meu. Para esse trabalho, desafiador ainda quando era apenas um projeto a ser avaliado, carecia de alguém tão disposta a expandir as possibilidades e a experimentar algo novo como você.

Agradeço a professora Miriam Hermeto, a qual muito contribuiu para esse trabalho. Você que muito acreditou em mim desde a graduação, que compartilhou comigo conhecimento em tantos eventos, que esteve presente do início ao fim dessa trajetória, que me inspirou e trouxe contribuições riquíssimas no Exame de Qualificação. Aproveito para agradecer a Regiane Lucas, pelos conselhos e pelo olhar cuidadoso nesse Exame. Agradeço também a Rafaela Vasconselos Freitas, cuja dissertação de mestrado muito me elucidou acerca dos meus desafios nessa pesquisa e contribuiu para que eu me norteasse, tendo agora a honra de tê-la na Banca.

Agradeço a todos os professores que me inspiraram ao longo da minha formação e que tive o prazer de ser aluno. Agradeço à Adriana Romeiro, Carlos Mendonça, José Newton e Vanicléia Santos que sempre me pararam nos corredores, querendo saber do andamento da pesquisa e de como eu estava. Um agradecimento especial à professora Ana Paula Caldeira, um ser que irradia energia e cuidado, cujo incentivo foi essencial para que eu propusesse essa pesquisa.

Agradeço ao Centro Pedagógico da UFMG, que junto ao meu Departamento formou o educador que sou. Em especial, agradeço as amigas Stella Gontijo e Laura Jamal, que compartilham comigo para além daquelas grades sonhos e uma amizade de muito valor. Assim como Adriana Angélica, inspiração na arte de lecionar, uma amiga cuidadosa e grande incentivadora.

Agradeço aos meus amigos, inclusive aqueles que aqui não estão nominados. Cada pessoa que contribui para o meu bem estar e me oferece o melhor de si tem participação nessa minha realização.

Ao Cássio Bruno, Gabriela Galvão e Marina Helena, que além de amigos, foram importantes colegas e professores ao mostrar o meu lugar e ampliar as minhas possibilidades dentro da História.

Agradeço aos colegas de mestrado 2017/1. Cada troca foi de extrema importância, muitos de vocês desde o processo seletivo. Agradeço também minha turma da graduação, 2012/1, que me acompanham desde a nossa entrada. Cada momento compartilhado e cada esforço de vocês de me mostrar que eu pertencia a algo é magnífico. Agradeço também aos colegas da comissão do VII EPHIS pela cooperação que gerou esse evento lindo que tenho muito orgulho de ter contribuído para sua realização.

Agradeço ao Allysson Lima, Felipe Malacco, Guilherme Cardoso, Luísa Marques e Tiago Medeiros, amigos especiais que o mestrado me apresentou ou aproximou, que em especial tiveram um cuidado muito grande com as minhas inseguranças e questões, sempre me confortando. Agradeço ao Luiz Carlos Vieira pela amizade, escuta e a ajuda oferecida. O mesmo ao Rodrigo Moreira Braz, pelo cuidado ímpar com meu trabalho. Obrigado também ao Pedro Pinheiro e Paulo Bevilacqua, que além de me ajudarem, confiaram em mim, na minha pesquisa e me inspiraram.

Agradeço a Amanda Birindiba, Isabela Rosa, Pollyanna Rodrigues e Raquel Marques, responsáveis por refrescarem minha cabeça e me oferecerem um ambiente de leveza e amizade. Nossos papos sempre me alegram. O mesmo também digo a Daíze Souza e Aleph Macaullay, que mesmo de longe estiveram tão presentes e por quem tenho muita gratidão por todos os anos de amizade. Agradeço também a Leliane Amorim pelos finais de tarde “trocando ideia” e “botando fé” um no outro e pela cumplicidade. Aos amigos de Morada Nova, obrigado por todos os momentos partilhados desde a infância, é lindo ver que se inicia mais uma década com vocês próximos a mim.

A Flávia Chagas, Luiz Cláudio Andrade, Paula Oliveira, Victor Fernandes e Victor Gonçalves, agradeço imensamente por se tornarem minha família em Belo Horizonte. Sou imensamente orgulhoso dos laços que criei e vocês cinco são responsáveis por eu enxergar essa cidade como o meu lar.

Agradeço também a, Amanda Alexandre, André Onofre, Bárbara Munaier, Breno Terra, Camila Figueiredo, Carolina Othero, Fabiana Léo, Gabriela Luíza, Isabela Lemos, Ívina Guimarães, Jean Ranyere, Joyce Gabriella, João Pedro Rodrigues, Luíza Parreira, Marcella Alves, Marcos Abreu, Pedro Beaumont, Rafaela Martins, Vinícius Gamis, Vinícius Garzon e Ygor Gabriel. Vocês me proporcionaram momentos de alegria e leveza, sorrisos, abraços e votos de que tudo ficaria bem. De diferentes formas, cada um de vocês contribuiu pra eu me sentir querido e capaz. E um obrigado a cada pessoa que esse período na Academia me trouxe, por cada conversa de corredor e pelas cervejas compartilhadas a partir daí.

Ao Gustavo, pelo amor, pela doçura, pelo conforto em cada sorriso. Obrigado por ter aparecido e ter escolhido permanecer. Você tem sido crucial para o alento nesse momento final.

Agradeço também a minha família, meu alicerce, minha origem, minha força, que por vezes acreditaram mais em mim que eu próprio. Agradeço aos tios e tias, primos e primas, e em especial meus avós, exemplos de sabedoria, cuidado e amor.

Agradeço ao Bruno, que é amigo, cunhado, família. Sempre me incentivando, fazendo bem a mim e aos meus. Agradeço ao meu pai, que do jeito dele acreditou em mim, me amou e me incentivou a fazer o que eu gostava. Obrigado por lá atrás fazer com eu viesse para cá com o incentivo de nunca deixar ninguém me rebaixar. Gratidão à minha mãe, exemplo de amor incondicional, garra, cuidado e carinho, e que nunca mediu esforços para proteger seus filhos. Mãe-amiga, que eu admiro pela sua imensa capacidade de se reerguer. E agradeço a aquela que aguentou os estresses do dia-a-dia, que foi muito mais que irmã. Que por vezes me acolhia no silêncio ou nos longos papos. Camila, ou melhor, Cacá, em quem me espelhei desde novo, que compartilhamos momentos de desânimo, mas que somos os primeiros a aplaudir um ao outro. Obrigado por também cuidar de mim.

Confesso que a solidão sempre foi um medo. E ouvi de como esse processo de escrita era solitário. E por vezes foi. Nunca estive sozinho, mas por vezes tive que optar pela reclusão. Todos vocês, na volta, estavam lá. A todos aqui agradecidos, nominalmente ou não, meu muito obrigado pelo acolhimento e por terem ajudado cada um do seu jeito.

RESUMO

O presente trabalho consiste na abordagem e análise de dois canais autorais no Youtube de homens trans brasileiros - Lucca Najar e Transdiário - e dos seus vídeos, hospedados entre 2016 e maio de 2018. Consideraremos que o conjunto desses relatos de si, aqui nominado como "Videografias de Si" pode ser considerado como um material autobiográfico, criador de um Espaço Biográfico, categoria apresentada pela antropóloga Leonor Arfuch. Através dessa consideração e análise, essa pesquisa pretende apresentar esse Espaço como rica fonte para a História do Tempo Presente, especialmente para um grupo relegado às margens pela escrita historiográfica habitual, como na representação em mídias de massa.

Assim, além de evidenciarmos a relevância ganhada pela plataforma na contemporaneidade, pensaremos o corpo como ferramenta para a criação desses relatos, tanto em um espaço offline através das relações sociais que esses sujeitos estão imersos, como no espaço online provindo do registro dessas experiências e da midiatização dos processos provindos da transexualidade. Esse conjunto de fatores atesta o papel politico da criação e publicização desse materialpara o grupo social abordado.

Palavras-chave: Youtube; videografias de si; transexualidade; História do Tempo Presente; Espaço Biográfico.

ABSTRACT

The present work consists of the approach and analysis of two Youtube's channels of Brazilian trans men - Lucca Najar and Transdiário - and their videos, uploaded between 2016 and May 2018. We will consider that all these account of oneself, here named as "Videographies of oneself" can be considered as an autobiographical material, creator of a Biographical Space, category presented by the anthropologist Leonor Arfuch. Through this consideration and analysis, this research intends to present this Space as a rich source for the History of the Present Time, especially for a relegated group to the margins by the usual historiographical writing and the representation in mass media. Thus , in addition to highlighting the relevance gained by this platform in contemporary times, we will think of the body as a instrument for creation of these accounts, both in an offline space through the social relationships that these subjects are immersed, and in the online space coming from the record of these experiences and mediatization of processes arising from transsexuality. In this series of factors attests to the political role of creating and publicizing this material for the social group addressed.

Keywords: Youtube; videographs of themselves; transsexuality; History of the Present Time; Biographical space.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Luca Scarpelli. 28

Figura 2. Vinhetas ilustrativas dos referidos canais. 29

Figura 3. Lucca Najar. 31

Figura 4. Resultados da pesquisa “chá de revelação” no Youtube. 44

Figura 5. Luca Scarpelli mostrando os resultados dos dois meses de aplicação de testosterona 67

Figura 6. Luca Scarpelli mostrando os resultados do primeiro ano de aplicação de testosterona 71

Figura 7. Luca Scarpelli mostrando os resultados do primeiro ano de aplicação de testosterona 72

Figura 8. Ivan (Carol Duarte) assiste vídeos de homens trans, incluindo Lucca Najar, na novela “A Força do Querer” (2017) 104

SUMÁRIO

2. INTRODUÇÃO: ENTRE TELAS, AMADURECIMENTOS E PARACETAMOL 1

3. CAPÍTULO UM: BROADCASTING YOURSELF: YOUTUBE, YOUTUBERS E AS VIDEOGRAFIAS DE SI. 12

3.1. “Me at the zoo”: Nascimento e ascensão do Youtube. 13

3.2. Videografias de Si: O advento das autobiografias audiovisuais 21

3.3. Nascimento em Tela: Lucca Najar, Luca Scarpelli e a transmasculinidade no Youtube. 27

3.4. Youtube, relevância e influência 36

4. CAPÍTULO DOIS: O CORPO NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO BIOGRÁFICO. 42

4.1. Gênero, corpo e materialidade. 43

4.2. O espaço biográfico 48

4.3. O corpo que fala: os relatos iniciais. 54

4.4. (Trans)gredir as normas: processo transexualizador e transformação da materialidade dos corpos 61

4.5. Materialidade e obviedade: indumentária e performatividade trans 75

4.6. As videografias de si e as possibilidades para uma História do Tempo Presente 81

5. CAPÍTULO TRÊS: ESPAÇO SOCIAL: AS RELAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO MÚLTIPLO 85

5.1. O Espaço Social 86

5.2. O Eu trans: Corpos políticos e autoafirmação na criação e transformação dos espaços sociais 88

5.3. A transição é coletiva 93

5.4. Redes vivas de informação: A construção de um espaço social *online* a partir do registro de si 98

5.5. Carne, pedra e a criação de um espaço social *online* através do corpo. ...109

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 113

FONTES 122

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 126

1. INTRODUÇÃO: ENTRE TELAS, AMADURECIMENTOS E PARACETAMOL

Embora facilmente perceptível na leitura dessa introdução, deixo avisado que optei por escrevê-la na primeira pessoa do singular. Talvez ela até adquira um tom ensaístico. Um trabalho que escolhi trabalhar com subjetividades e relato de si carecia, mesmo que de maneira breve e argumentativa, de um registro meu. Ao mesmo tempo, escrevo me questionando se esse registro é de fato meu ou se empresto esse espaço ao trabalho se registrar por si só. De todo modo, essa pesquisa e eu estamos emaranhados, então nas próximas linhas estarei relatando o caminho percorrido para que essa dissertação ganhasse forma.

Essa trajetória, como não poderia ser diferente, se passa por muitas telas. Cinemas, celulares, computadores, aparelhos televisivos. As mídias[1] sempre ocuparam horas dos meus dias – pra não dizer dias inteiros. Com o passar do tempo, fui vendo que eu não só a consumia: eu queria pensá-la. E encontrei a História como caminho para tal.

Em 2011, eu, recém-completados dezoito anos, me empenhava para prestar o vestibular em História na UFMG. A escolha do curso veio pela vontade de lecionar, de trabalhar com gente, e acreditar que a História era uma ferramenta de transformação social a partir da sala de aula. Acreditava que pensar a mídia academicamente seria recalcado. A essa altura, pelo SISU eu havia sido aprovado na UFRJ em História, e não fui. Cair em pleno Rio de Janeiro aos dezessete anos seria complicado para um jovem mineiro e interiorano. Foi em 2011 que conheci os deslumbres de uma metrópole como Belo Horizonte, entre eles o seu circuito cultural. Assim tive acesso ao *Indie Festival*, realizado no Sesc Palladium. No escuro, entre os filmes independentes em cartaz a escolha foi Romeos, meu primeiro acesso ao cinema alemão.

A trama, dirigida por Sabine Bernardi contava a história de Lukas, um garoto de vinte anos. Recrutado para trabalhar em um serviço comunitário, viveria na ala feminina, ao contrário dos demais rapazes. Lukas era um garoto trans. Rememorando, Lukas foi o primeiro homem trans que vi, mesmo que em uma produção fictícia. Anterior a isso, meu contato com a transexualidade era apenas a feminina, e vinha de duas formas: A ridicularização, por parte de programas como os

[1] E aqui chamo de mídia tanto as mais tradicionais, como rádio, jornais, revistas e televisão, quanto as novas, como celulares, computadores, internet, redes sociais, tv a cabo e serviços de *streaming*.

do SBT, que dentre algumas das suas abordagens, dava dinheiro pra quem adivinhasse “quem ali nasceu homem” ou tentava “pregar peça” nos homens ao no ato do assédio, perceber a existência de um pênis naquele corpo considerado feminino. A segunda forma era a fetichizadora, pautado em um discurso do exótico e do inacreditável, espécie de um desejo proibido e improvável. A figura central era Roberta Close. “A mulher mais bonita do Brasil é um homem”, como Berenice Bento traz de uma revista de 1984 na apresentação de “O que é transexualidade” (2008)[2], se referindo à modelo.

Ao me deparar com a transmasculinidade, retratada na excelente atuação de Rick Okon, e toda a delicadeza que encontrei no trato dessa questão na grande tela, fui convidado a um segundo movimento. Na trama, Lukas era apaixonado por Fabio. Logo, o protagonista era um homem trans e gay. Desloquei-me de modo a, finalmente, separar o gênero da sexualidade[3].

Nunca mais assisti Romeos, embora no ato dessa escrita o saudosismo me convida a fazer. Marcou-me, por fim, o alívio que Lukas sentiu na última cena, ao correr pela beira da praia, pela primeira vez, sem camisa. Comoveu-me ver o passo que dera para identificar-se mais consigo mesmo, e o seu movimento acompanhado de sorrisos e olhos marejados.

Em 2013, já no meu terceiro período em História pela UFMG tive a oportunidade de fazer uma disciplina optativa sobre História e Televisão. Em 2014, uma sobre História e Propaganda. Ambas se tratavam de estágios docentes de historiadoras que hoje são minhas colegas de Pós Graduação. Estas foram responsáveis por eu, mais do que nunca, me enxergar dentro da História. Desde então, Simpósios Temáticos e demais eventos acadêmicos contribuíram para que eu visse a amplitude que a utilização das mídias como fonte histórica poderia alcançar. E eu entendi que era ali que eu queria – e deveria - estar.

O objetivo dessa pesquisa é compreender os relatos de si de homens trans em canais do Youtube como material biográfico. Esses registros contribuem para a fomentação do debate público e funcionam como plataforma política em prol da modificação da sua condição de vulnerabilidade. Para isso, esses sujeitos

[2] BENTO, Berenice. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008.
[3] O que hoje me soa obvio, mas que até então eu nunca tinha sido convidado a refletir sobre.

encontram na materialidade mutável dos seus corpos ferramenta para a criação de um espaço de registro de si, informação e socialização.

Nossa hipótese é que, através de uma análise multidisciplinar e que compartilhe diversos saberes – acadêmicos ou não -, esse tipo de material se apresenta como eficaz fonte para os estudos da chamada História do Tempo Presente, especialmente os que abordem sujeitos e grupos historicamente marginalizados.

Apresento, a partir daqui, minhas escolhas, cuja elucidação, assim acredito, possibilitará enxergar a função de cada uma das peças que comporão o trabalho.

Em dois importantes anos que passei em uma experiência de Iniciação à Docência – aquele que viria a ser o último estágio da minha graduação -, entendi o ofício do historiador e do professor de História como um papel relevante, desafiador e pertinente na formação crítica dos meus ex-alunos. Na busca por tornar minha didática mais palatável a um gosto geralmente criterioso adolescente, remeti aos Youtubers para aprimorar os meus planos de aula. Já era uma mídia presente no meu cotidiano, e já compreendia que era um portal plural e que dialogava diretamente com diversos públicos, especialmente o jovem.

Nesse contexto o Youtube já se configurava como fenômeno. Mais ainda, os seus profissionais ultrapassavam os limites da plataforma e já se encontravam em livros, programas de TV e até material escolar. Os chamados Youtubers podem ser definidos, para Rafaela Bernardazzi[4] como

> pessoas que possuem canais no site YouTube, que postam produtos audiovisuais e que, a partir disso, podem acabar tendo retorno financeiro e transformando essa atividade em carreira profissional. Ou seja, esse termo foi designado a partir da prática, de um fenômeno que surgiu de forma espontânea e se transformou em uma nova possibilidade no mercado audiovisual e *online*.

O resultado do uso dessa ferramenta em sala de aula rendeu-me uma apresentação no Encontro de Pesquisa em História da UFMG, o EPHIS. A ideia de pensar os usos desse material para a História e para além do ensino de história me apeteceu, o que resultou em elegê-lo como meu objeto de pesquisa. Além disso, me contemplava a ideia de trabalhar com relatos de vida, que eu havia tido contato no início da graduação ao conhecer a História Oral. No pensamento de um recém-

[4] BERNADAZZI, Rafaela.; VAZ DA COSTA, Maria Helena Braga e. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. 2017. Communicare. Edição Especial. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf. Acessado em: 09 de Janeiro de 2019

formado, era uma maneira unir a História e os saberes que estavam além dos muros da universidade, que incluísse debates públicos e, mais que isso, que possibilitaria o convite a grupos tão pouco ouvidos por nós para que ecoasse então - tendo eu como instrumento – suas vozes.

Trabalhar com algo pouco estudado na História de certa forma me estimulava. Confesso que ocasionalmente os rumos se tornaram nebulosos, dado ao fato que, em tese, encontraria menos trabalhos na área para me nortear. Ao longo desses anos, percebi que um dos pontos que mais evoluí foi o de perceber que não carecia desespero no meio da nebulosidade. Habitava em mim, nos livros, na minha orientadora, a capacidade de clarear E acima de tudo havia professores e um Programa de Pós Graduação que optou acreditar que minha pesquisa era possível de ser feita na História.

Enquanto assistia o meu trabalho se concretizando multidisciplinarmente[5], fui tendo o alento de encontrar pesquisas recentes, especialmente na Comunicação Social, Saúde Pública, Antropologia e Psicologia que utilizavam fontes parecidas com as minhas. Inclusive no trato de canais do Youtube de jovens transexuais. Já havia nessas áreas um esforço de entender, assim como nessa pesquisa, esse portal que se abre a partir do Nascimento em Tela[6] das pessoas trans (como denomina Tobias Raun) para tais pessoas e para a área de estudo. Muito me confortava e estimulava, então, a trazer tais estudos para a História. Veio da Comunicação, por exemplo, a minha escolha por nominar um conjunto de relatos de si dispostos no Youtube como Videografias de Si. Para Bruno César Simões da Costa[7], videografias de si são

> novas formas de registro autobiográfico em vídeo nas quais a enunciação de si funciona como um modo de historização pessoal. Nelas, destacam-se dois aspectos: o caráter autobiográfico e uma tendência confessional.

Por que então trabalhar com as videografias de si de transexuais? Primeiramente, por considerar que gênero é uma categoria de análise histórica, uma

---

[5] "O estudo dos usos sociais das mídias digitais exige um esforço interdisciplinar na busca de fontes históricas e teóricas assim como na reflexão metodológica. Trata-se de um campo multifacetado cuja aproximação envolve diversas áreas de pesquisa assim como uma metodologia que acione técnicas distintas e complementares de investigação." (MISKOLCI, 2011. p. 14)

[6] Ou seja, do despertar de uma pessoa trans midiatizado, onde, para Raun, a câmera, o registro e a participação do outro contribuíssem de forma singular para a criação daquela subjetividade "nascida em tela".

[7] COSTA, B. Práticas Autobiográficas Contemporâneas: as videografias de si. Doc On-Line, n. 6, p. 141-157, ago. 2009b. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_bruno_costa.pdf. p. 146. Acessado em: 10 de Janeiro de 2019

vez que “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado”[8]. A escolha por trabalhar justamente com a transexualidade é, dentre outros fatores, por ver que esse poder político é ainda constantemente intensificado no trato para com essa comunidade.

Começou então a materializar-se a vontade de trabalhar especificamente com relatos de vida de homens trans. Emergia socialmente uma demanda para se falar sobre, ao menos para mim e na minha percepção. O horário nobre da maior emissora do país anunciava que abordaria a questão em sua principal telenovela. Manchetes (geralmente discretas) anunciavam que possíveis avanços e/ou retrocessos nessa questão figuravam as discussões institucionais no nosso país. As séries estadunidenses que eu assistia começaram a colocar personagens trans e sendo na maioria das vezes interpretados por atores trans.

Em uma das andanças pelo Youtube, conheci Paracetamol[9]. Trata-se de um videoclipe de um jovem cantor escocês, Declan Mckenna lançado no em 2016 Eis sua narrativa: o clipe começa com uma figura jovem e masculina falando para a câmera. No seu monólogo é mencionada a transição, concretizada em cenas onde retratam a relação do jovem com o espelho e sua indumentária. Inicia-se, junto à canção, uma cena de uma reunião de amigos, onde dentre esses estavam um casal gay. Um deles, que chamarei informalmente de “rapaz loiro”, começa então a socializar com o protagonista e arrancar deste, até então com um semblante retraído, risadas. No restante do clipe, são retratadas cenas dessa amizade. Transbordam sensibilidade e cumplicidade. E muito me encantou nesse vídeo a personagem do “rapaz loiro”. De certa forma, a figura desse jovem representou na minha experiência de espectador, a empatia. Ainda me remeto a essa narrativa, inclusive, para pensar na empatia e no respeito que devem ser oferecidos a esses sujeitos.

Iniciava-se a despertada de pensamentos sobre um possível empréstimo do meu corpo, da minha capacidade de pesquisa e do lugar que ocupava em um programa de pós-graduação em uma universidade pública para exercitar essa empatia. Durante a minha trajetória acadêmica, antes e depois da escolha das minhas fontes, observo o quão pouco a transexualidade ainda é retratada em

[8] SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, p. 71-99. 1995. p. 76.
[9] MCKENNA, D. Declan McKenna - Paracetamol (Official Video). 2016. (06m01s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iqojQJGt-Vo. Acessado em: 01 de Junho de 2018.

comparação a outras temáticas dentro dos estudos de gênero e sexualidade. Exemplo disso é que na edição de 2018 do já citado EPHIS, o Simpósio Temático dedicado à temática, a abordagem da transexualidade obteve menos de 2% dos trabalhos inscritos. Além disso, houve por minha parte um exercício de percepção que eu não via essas pessoas ocupando os espaços que eu frequentava com assiduidade, principalmente o acadêmico e o de serviços que eu utilizava. O tema se fez urgente a mim.

Navegando pelo vasto universo de possibilidades do Youtube, conheci então meus dois objetos de estudo. O primeiro foi o canal Transdiário. O próprio título do canal foi responsável por chamar minha atenção. Alimentado por um jovem, natural de Belo Horizonte, agora residente da capital paulista, me chamou a atenção no tom que aquele Youtuber falava. Luca Scarpelli transparecia serenidade pela tela. Através desse canal, olhando os canais relacionados – uma das diversas funções dos algoritmos desse site – conheci então Lucca Najar[10]. A sensação que tive ao assistir aos registros de Najar foi a mesma. Então comecei a pensar nos meus critérios de seleção e vi que ambos se encaixavam.

A escolha dos canais a serem analisados vai além do gosto pessoal. Elegi alguns critérios que deveriam ser atendidos. O canal deveria conter mais de um ano de existência, com a finalidade de tornar mais perceptível a trajetória do sujeito. Outro critério era que o canal deveria conter um diário sobre o processo de hormonização e outras mudanças do campo físico, uma vez que elegi o corpo como ferramenta de análise e ferramenta de subjetivação da transmasculinidade contida nesses relatos. Tornou-se a mim importante que houvesse relatos que soassem como iniciais para entender aquela trajetória como a de um trans para alguém que fosse leigo no assunto: como me entendi? Como contei? E por fim, para a importância do fomento dessa pesquisa, que o canal estivesse na ativa e com assiduidade na sua atualização. Analisando o discurso dos Youtubers, ainda, ficou a mim perceptível que em ambos os canais suas produções – às vezes declaradamente e as vezes de forme subentendida - continham uma intenção de introdução ao tema para alguns, espaço para identificação a outros, e que juntas, essas intenções agregassem pessoas ao debate que ali se estabeleceria.

[10] só me atentei pela coincidência do nome *a posteriori.*

No amadurecimento da minha pesquisa, através da participação em eventos acadêmicos, me foi apresentada mais de uma vez a História Pública. A partir da bibliografia que se destinava a pensá-la, tal como sua produção no Brasil, entendi meu trabalho parte desse movimento. Esse se colocava como ambiente de múltiplas possibilidades, de compartilhamento de conhecimentos na busca por um saber histórico mais amplo. Assim, me encantava a ideia de um movimento historiográfico que estimulava a revisão e a revitalização dos princípios e das práticas do pesquisador.[11] Compreendi através dessa leitura como a mídia modificava a esfera e os debates públicos e que esse movimento historiográfico visava à inserção de diferentes públicos em suas pesquisas.

Dediquei-me também a leituras sobre a História do Tempo Presente. Nossos objetos contribuem para esse campo da historiografia, ao oferecerem registros para a compreensão do tempo presente pelo olhar do historiador. Esse campo foi provindo da necessidade social de entender pelo olhar da História mazelas trazidas por grandes eventos e grandes traumas.

> A História do Tempo Presente, além de apresentar uma multiplicidade de fontes, apresenta-se como uma possibilidade de delimitar novos campos de análise, novas problemáticas, novos instrumentos, novas metodologias e essas por sua vez, irão impactar a pesquisa histórica, redimensionando-a. Esses fatores somados ao cotidiano do mundo pós-moderno - com a globalização, o avanço tecnológico – onde as relações políticas, econômicas e sociais passaram por grandes mudanças, renderam para a história novas problemáticas.[12]

No primeiro capítulo dessa dissertação, aplicarei nas escolhas aqui mencionadas o aporte teórico que fundamenta cada uma delas, com a proposta de que no final de sua leitura, o leitor consiga ver cada uma como ramificação de um algo só. Tornou-se necessário conceituar melhor o Youtube para que fique evidenciado o papel desse site como uma mídia relevante, de uso e consumo crescente, e que desperta no espectador atributos de fidelização característicos e únicos, que acabam também por moldar a própria plataforma. O slogan do Youtube, *Broadcast Yourself* (algo como “se transmite”), convida o espectador a criação de

---

[11] SANTHIAGO, R. História Pública e Autorreflexividade: Da prescrição ao processo. In: Tempo & Argumento. Florianópolis, v.10, n.23, p. 286-309. 2018. p. 305.

[12] MACHIESKI, E. Da S.. Historiar o Tempo Presente: possibilidades e desafios para uma História da Infância a partir de fontes judiciárias. Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novo desafios. Julho, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434423155_ARQUIVO_HistoriaroTempoPresente(1).pdf. Acessado em: 10 de Janeiro de 2019

conteúdo e alimento da plataforma, sendo uma dessas formas através dos canais autorais de autotransmissão (ou transmitir a si mesmo).

Os *Youtubers*, caso de Luca Scarpelli e Lucca Najar, tem ganhado relevância e sendo chamados de influenciadores digitais. Tanto na caracterização da plataforma, quanto na parte dedicada especificamente ao ofício de Youtuber, trarei dados e pesquisas que apontem o consumo desse tipo de material. Será entendido esse ofício como algo que brinca com as dimensões do que é público e do que é privado através da espetacularização do íntimo.

Apresentarei os meus objetos, aqui se tratando dos canais em si, e não os sujeitos que os alimentam. Não é a minha intenção com esse trabalho criar uma narrativa que conte a história de cada um dos *creators*, uma vez que essa narrativa já está produzida e divulgada. Interessa-me o seu uso para a História, inserindo-as no contexto de uma história recente, podendo assim compreender a transexualidade na contemporaneidade. Por isso, ainda nesse capítulo, introduziremos a discussão sobre a consideração do conjunto desses relatos como uma videografia de si.

Assim, inauguremos nossa análise que se intenciona em unir a historiografia, a mídia e o gênero. Ao abordamos o "Nascimento em Tela" – conceito trazido por Tobias Raun[13] em obra homônima – ou seja, a midiatização de corpos transexuais regida por múltiplos fatores e propósitos, buscaremos entender a internet (e em especial o Youtube), como fértil terreno para a expressão através do gênero e o fomento de debates públicos. A mídia e a internet é, na nossa concepção,

> (...) campo fértil para a expressão de demandas políticas relativas às questões de gênero e sexualidade. Por meio da comunicação em rede produzem-se novas subjetividades, marcadas pela forma como temos nos deixado interpelar por essas comunicações. Temos nos valido dessas ferramentas digitais para negociar reconhecimentos, assim como para nos reconhecermos como sujeitos de direitos e de desejos.[14]

No segundo capítulo, adentrarei mais na análise dos vídeos. A ideia é a legitimação desse material como autobiografia, que se dará na consideração dessas videografias como um Espaço Biográfico[15], como nomina Leonor Arfuch. Começarei a desenhar aquilo que configurará aos olhos do leitor no final da sua leitura o espaço múltiplo que se cria através desses registros.

---

[13] RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. P. 79-96.

[14] MISKOLCI, R ; PELUCIO, L. Gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. Florianópolis, SC, 2017. P. 263-268.

[15] Arfuch utiliza em sua obra o conceito de "espaço biográfico" para nomear a articulação dos vários tipos de discurso que apresente em sua essência alguma ligação com o relato de si.

Após o primeiro capítulo introduzir a discussão e considerar as videografias como material autobiográfico, pensarei no capítulo dois tal produção como relato de si. Ou seja, que se configuram como formas enunciativas que culminam na produção de narrativas de si. Essa prática, construtiva e emancipatória, costura a subjetividade do indivíduo a outras trajetórias, identifica conflitos, frustrações e vitórias utilizando a narrativa como ferramenta política (RAGO, 2013)[16]. Para Judith Butler[17], o relato de si é

> um ato – situado numa prática mais ampla de atos – que executamos por, para e até mesmo sobre um outro, um efeito alocutário, uma atuação pelo outro, e diante do outro, muitas vezes em virtude da linguagem fornecida pelo outro. Tal relato não tem como objetivo o estabelecimento de uma narrativa definida, mas constitui uma ocasião linguística e social para a autotransformação.

A partir desse ponto compreenderemos que o relatar a si mesmo é relatar um conjunto de normas, que se impõem como dispositivos de poder nos sujeitos. Os sujeitos dessa pesquisa registram e expõe a subversão das normas que definem os limites dos gêneros. “As normas de gênero têm tudo a ver com como e de que modo podemos aparecer no espaço público, como e de que modo o público e o privado se distinguem, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual.”[18] E como instrumento principal dessa subversão, esses sujeitos têm o seu próprio (e político) uso do corpo.

O capítulo dois tratará de pensar a materialidade desses corpos e buscará perceber o uso desses pelos dois *creators*. Uma vez que os “sujeitos vêm sido indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência dos seus corpos”[19], o capítulo relacionará esses corpos e a categorização destes como corpos midiáticos e corpos que falam no exercício de sua publicização, através das videografias. A ideia é pensar na instrumentalização dos corpos no ofício de transforma-los e transmiti-los em um espaço biográfico construído em ambiente virtual, com características próprias e sintomáticas da contemporaneidade.

---

[16] Margareth Rago é utilizada no artigo “O Relato De Si E A Produção Da Fala Política De Vítimas Em Postagens De Redes Sociais” (2017), de Angie Biondi e Ângela Cristina Salgueiro Marques. Essa definição utilizada pelas autoras foi a encontrada que de forma mais introdutória explicava o que seria o relato de si. Para mais, ler: RAGO, Margareth. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

[17] Obra: BUTLER, J. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

[18] BUTLER, J. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 29.

[19] LOURO, G. L. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. v. 01. 90p. p. 77.

Os relatos eleitos para análise nesse capítulo aparecerão, em suma, em três diferentes abordagens. A primeira trata da autoidentificação e sua anunciação ao mundo. Esses vídeos, geralmente introdutórios nos canais, relatam tanto a jornada em busca da sua identificação como um homem, como também de que forma essa identificação foi proclamada a terceiros. A segunda aborda a transição hormonal e os possíveis procedimentos cirúrgicos que aproximariam os sujeitos de corpos lidos como o gênero com o qual se identificam. Já a última trata das roupas como dispositivos sociais, compulsórios e com discursos construídos, que contribuem para impressão no sujeito normais regulatórias socialmente atribuídas a cada gênero.

Após o entendimento da criação desse Espaço Biográfico através dos relatos de si, passo para o capítulo três pensando o outro caráter desse espaço: o espaço social, conceito trabalhado por Henri Lefebvre. O Espaço Social é algo construído através do exercício da sociabilidade dos sujeitos. Cada um desses estará imerso em diversos espaços, sendo esses interpenetrantes. É nessa pluralidade que a teoria do capítulo se fundamenta. Após elucidação do conceito supracitado, pensaremos o seu agente: o sujeito. A consideração desse sujeito pertencente aos diversos espaços sociais permitirá que seja pensada a criação desses espaços. Assim se compõe um retrato dos espaços sociais *offline* dos sujeitos cujas videografias estão sendo abordadas.

O cerne desse capítulo se dá no pensamento que essas videografias de si culminam na criação de um novo espaço social para aquele indivíduo. Esse tem como particularidade se dar em um ambiente *online*, contendo todos os elementos então lhes permitido, como o anonimato, a circulação de ideias e o contato com desconhecidos. Apesar desse espaço se dar em ambiente *online*, defendo que ele só é possível através das experiências vividas fora das telas, como as apresentadas no ponto anterior, o que fundamenta então a existência da videografia de si. Esse espaço *online* ainda conta com um caráter de uma Rede Viva de Informação. A partir do relato de si, esse espaço social *online* fundamenta-se em partes pelo caráter informativo que os registros de si ganham. Extrapola-se, portanto o registro pelo registro, ele é apropriado pelos espectadores como um portal de informações. Essa apropriação revela não só a relevância desse tipo de material, como evidencia através de uma análise de comentários e outros tipos de interação um movimento sócio-político na construção de outras subjetividades trans.

Esse último capítulo também contará com uma análise acerca do caráter coletivo do processo de transição. Nesse ponto abordarei vídeos que retratem de que forma pessoas que cercam os Youtubers foram afetados e como se sentiram em relação ao processo de transição.

As considerações finais têm o intuito de refletir a pesquisa como uma produção dentro da ampla percepção do que é e como se faz História Pública. Como norteador, utilizo a teoria de Geraldo Zahavi de que a História Pública é abrangente, empolgante, cativante e provocativa.[20]

A expectativa é que com a presente dissertação, eu tenha abrangido diversas áreas do saber histórico, que cative o leitor, que contribua para o debate sobre a utilização das novas mídias e do fomento dos estudos de Gênero e Sexualidade e da História do Tempo Presente. Por fim, que cumpra o propósito de ser parte de um movimento inclusivo dentro da historiografia, que abrace sujeitos relegados à invisibilidade histórica.

[20] ZAHAVI, G. Ensinar história pública no século XXI. In: (introdução a hsitoria publica, essa referencia tem ela la), p 53.

2. CAPÍTULO UM: BROADCASTING YOURSELF: YOUTUBE, YOUTUBERS E AS VIDEOGRAFIAS DE SI.

Pensar uma evolução social da mídia requer uma compreensão simultânea tanto do avanço da mídia em si e do seu consumo quanto da mudança cultural que permite não só a expansão e o seu acesso, como as demandas que operam na sua evolução e funcionamento.

Através da nossa análise bibliográfica, percebemos que até no final da década passada tanto a historiografia quanto a produção de outras áreas das humanidades debruçavam em entender e tentar delimitar os limites da internet. Registrava-se a percepção de uma mudança social no que era taxado como público e como privado, como íntimo ou como facilmente divulgado, e que essas transformações acarretavam na busca por uma mídia que suprisse esse desejo de consumo e expressão.

A internet então foi gradativamente se inserindo nos serviços, como Asa Briggs e Peter Burke levantam em Uma História Social da Mídia (2004)[21], e permitia, mesmo que ainda não disponível a todos, a interação dos sujeitos ao redor do globo. É nessa tecnologia que os anseios contemporâneos encontram terreno para a criação de plataformas próprias, não necessariamente independentes de demais e anteriores mídias, que então saciasse a "fome de realidade" que se criava, tanto na exposição quanto no consumo da exposição de terceiros.[22]

Os computadores se emaranhavam nas práticas sociais. Os serviços se tornavam cada vez mais dependentes da informática e crescia o uso residencial do aparelho. Dessa forma, práticas de registro e conversa como os bate-papos, blogs, fotologs, e por fim videologs surgem no ambiente virtual, alterando a forma do já consolidado costume de se autoregistrar e comunicar. Começa então a se pensar as singularidades nessas formas de registro, partindo de uma conexão que se estende, através da ponte tecnológica, a níveis globais.

> Os computadores interconectados através das redes digitais de abrangência planetária se converteram em poderosos meios de comunicação, por cujas veias globais circulam infinitos textos nas mais diversas línguas, que são permanentemente escritos e reescritos, lidos e

[21] BRIGS, A.; BURKE, P. Uma História Social da Mídia. De Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
[22] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 35.

> relidos - e também esquecidos ou ignorados - por milhões de usuários no mundo inteiro.[23]

Atualmente, O Youtube se configura como a principal ferramenta para a produção e depósito desses registros. Funciona como canal (nome inclusive que cada conta de registro recebe) de registro e divulgação de si, sendo assim uma espécie de arquivo de memórias individuais e/ou coletivas. O site de compartilhamento de vídeos, através da difusão do seu acesso, resulta cada vez mais em uma cultura que se cria e se modifica. São expressões; “memes”; hábitos; meio de se relacionar com a tecnologia, com o outro, com o registro de si, com a explanação da intimidade; o acesso e a interferência na vida do outro.

Este capítulo visa compreender as práticas feitas no Youtube enquanto site de compartilhamento de vídeos. Para isso, fez-se necessário apresentar um histórico do site e trazer dados que não só mostrem o seu crescimento, mas que atestem a relevância dessa mídia na sociedade brasileira e o seu potencial. É preciso também compreender o indivíduo que aceita o convite de *broadcasting yourself* – slogan do próprio site – e faz do Youtube plataforma de produção e divulgação de material autoral audiovisual. As pesquisas mostrarão não somente tais dados como também de que modo esses criadores de conteúdo acabam por ganhar relevância e influência.

Tendo isso, enfim, pensaremos o ato de se autoregistrar, e da forma afoita que a sociedade se porta ao consumir essas vivências ali depositadas. As chamadas “videografias de si” têm potencial ainda de fazer ecoar vozes que historicamente encontraram pouco espaço, socialmente e midiaticamente. É nesse aspecto que se encontram as duas fontes elegidas para análise nesse trabalho. Os canais Transdiário e Lucca Najar - que visam retratar e registrar a transexualidade e transmasculinidade - serão devidamente apresentados para que na sequência entendamos seus canais como espaços múltiplos, pertinentes à contemporaneidade e aos debates públicos acerca desses temas.

2.1. “Me at the zoo”: Nascimento e ascensão do Youtube.

[23] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 35.

Um simples passeio no zoológico filmado por dezoito segundos daria início a história de um dos maiores portais da Internet. Em 2005, o vídeo[24] batizado com o que aqui nomeia nosso título foi hospedado naquele que viria a ser o maior site de compartilhamentos de vídeos da Internet. O Youtube, criado naquele ano por três trabalhadores do comércio virtual - Jawed Karim, Steve Chen e Chad Hurley -, pouco permaneceu na posse dos seus fundadores. No ano seguinte o gigante Google desembolsaria US$1,65 bilhões na compra da plataforma. O crescimento e a popularização do site não se restringiram a ultima década. Observar a trajetória do Youtube nos revela como essa mídia é sintomática da contemporaneidade. Ao longo desse texto veremos que ela não só aparece sob efeito de demanda popular de um caráter de compartilhamento e exposição, como ele próprio atua na transformação social tanto dos debates públicos quanto da forma de se consumir mídia, material audiovisual, informação e narrativas de vida.

Para Briggs e Burke[25] a sociedade atual está inserida em um contexto midiático que tem afetado a vida dos indivíduos de maneira transformadora. Proponentes de uma análise social midiática, os autores atestam que a principal fonte atual dessa transformação é a própria internet. A informática faria com que toda a vida social dos sujeitos e seus afazeres tomassem uma nova forma.

A sociedade não se vê mais sem tecnologia, bem como a tecnologia não dá menção nenhuma de parar seu desenvolvimento. Aos entusiastas dessa nova tecnologia na época do seu surgimento, a internet "liberava e dava poder aos indivíduos, oferecendo vantagens sem precedentes à sociedade", ou ainda, que "com a convergência tecnológica alcançaríamos 'maior liberdade humana', 'mais poder para o povo'"[26]. Os fundadores do Youtube já eram inseridos no meio informatizado, trabalhavam na Paypal, empresa responsável por transições financeiras e realização de pagamento de compras *online*. Já estavam, portanto, contribuindo para a alteração do indivíduo para com alguns serviços por intermédio da tecnologia informatizada.

Nesse contexto informatizado, midiatizado e digital, plataformas que permitem a subjetivação do usuário acabam ganhando forma ao passo que a própria

[24] “Me at the zoo” nunca foi apagado. Em junho de 2019 ultrapassava os setenta milhões de acesso. JAWED. Me at the Zoo. 2005. (00m18s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jNQXAC9IVRw. Acessado em: 30 de Janeiro de 2019

[25] BRIGS, A; BURKE, P. Uma História Social da Mídia. De Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

[26] Ibid., p. 354.

sociedade demanda de locais onde assim possam fazer. São coexistentes. A internet viria, para além da facilitação dos serviços e a mudança na forma de se comunicar, para dar esse "maior poder para o povo", transformando entre outras coisas, a forma desses indivíduos se portarem na mídia, ou ainda, quem se inseriria nela.

As mídias digitais "potencializam e transformam meios anteriores de comunicação, os quais, por sua vez, já foram inovadores e causaram grandes mudanças sociais e subjetivas"[27]. No contexto da criação do Youtube, estávamos já imersos em mídias digitais que buscavam trazer essa subjetivação para as telas dos nossos computadores. Os blogs alastravam-se na internet, podendo ou não revelar a *persona* que o criara. Para Carmen Pimentel, a "invasão" de páginas pessoais na rede era somada a já tradicional demanda pelo registro pessoal graças ao instinto autobiográfico, "tão antigo quanto o ato de escrever"[28]. Os blogs seriam, portanto, uma evolução das formas com que essa autobiografia era confeccionada, dos diários e agendas, até atingir o campo digital. Desse modo, "qualquer pessoa que domine noções básicas de inglês[29] pode ter um weblog ou blog, como passaram a ser chamados os diários criados com este modelo de ferramenta que se assemelha a um editor de textos"[30].

A posteriori, combinado ao desenvolvimento da fotografia digital e a facilitação da aquisição de câmeras fotográficas digitais, a Internet também possibilitou que o "eu" ou o "nós" ganhasse forma e imagem, apresentando ao usuário corpos, rostos, figuras, lugares. Somada a mídia anterior, os fotologs também tiveram relevância principalmente na primeira década do século XXI, o que contribuiria para o surgimento de um novo tipo de pessoa pública. Essa se baseava em uma persona criada para a exposição nas plataformas supracitadas. O conteúdo publicizado passaria pelo crivo do próprio criador, montando aos olhos de quem acessava, uma trajetória.

---

[27] MISKOLCI, R. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos. Natal, v. 12, p. 9-22, 2011. p. 10.

[28] PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. O Marrare (Online) (Rio de Janeiro) , v. 11, p. 1-19, 2011. p. 3.

[29] Grande parte dos servidores de hospedagem desses blogs eram disponibilizados apenas na sua língua original, nesse caso o Inglês. Mesmo com a demanda de páginas traduzidas, quando assim foram disponibilizadas, termos e expressões não eram traduzidos ou não se era usual fazer tal adequação, como podemos citar os termos "post" ou "like".

[30] Nas palavras de Oliveira, 2002, p. 137 apud PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. O Marrare (Online) (Rio de Janeiro), v. 11, p. 1-19, 2011. p. 8.

> Tudo ocorre como se em cada post fotografassem um momento de suas vidas, para afixá-lo nessa imensa janela virtual de alcance global que é a internet. São produzidas, assim, infinitas cápsulas de tempo congelado e parado, faíscas do próprio presente sempre presentificado, fotografado em palavras e exposto para que todo o mundo possa olhar.[31]

Paralelo a esses exercícios, crescia o número de opções e usuários de redes sociais, voltadas para a interação e comunicação dos sujeitos. Exemplo principal e pioneiro, a rede social MySpace, fundada em 2003, chegou a contar com mais de quinhentos milhões de usuários[32]. Unindo blogs, fotologs, música e interação entre os usuários, foi superada no início dessa década pelo Facebook. O MySpace, porém, ditou às redes sociais posteriores as demandas de unir interação com disponibilização de conteúdo, e foi peça importante no processo de subjetivação do indivíduo no meio *online*.

Em 2006 o Youtube começaria a se transformar em um portal acessado e relevante para a cultura de massa. A aquisição pela Google acima mencionada apresentaria resultados significativos já no ano seguinte.

> Em novembro de 2007, ele já era o site de entretenimento mais popular do Reino Unido, com o site da BBC ficando em segundo. No começo de 2008, de acordo com vários serviços de medição de acessos, já figurava de maneira consistente entre os dez sites mais visitados do mundo. Em abril de 2008, já hospedava algo em torno de 85 milhões de vídeos, um número que representa um aumento dez vezes maior em comparação ao ano anterior e que continua a crescer exponencialmente. A comScore, empresa de pesquisa de mercado da internet, divulgou que o serviço respondia por 37% de todos os vídeos assistidos nos Estados Unidos. Como uma comunidade de conteúdo gerado por usuários, seu tamanho gigantesco e sua popularidade entre as massas eram sem precedentes.[33]

Sobre o sucesso, Jean Burgess e Joshua Green no capítulo de abertura da obra *YouTube e a Revolução Digital* (2009), elenca três possibilidades de explicação ao *boom* do Youtube. A primeira, que apontam como a levantada pela comunidade tecnológica, é pela presença do site de vídeos em destaque no site *Slashdot*, voltado ao público afoito por novidades tecnológicas, que "tanto criticou prontamente a arquitetura tecnológica do YouTube como o colocou em suas listas de sites que mereciam atenção"[34]. Outra hipótese seria a viralização[35] de uma das esquetes do

---

[31] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 136.

32 Informação retirada do artigo "MySpace. Como a primeira grande rede social não soube resistir ao tempo", do portal DN Insider, cujas publicações visam debruçar-se sobre o entendimento das novas e mais antigas tecnologias da informação, portais, redes sociais e *gadgets*. 20 de Março de 2019. Disponível em: https://insider.dn.pt/em-rede/myspace-evolucao-e-queda/ Acessado em: 18 de Maio de 2019.

[33] BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade São Paulo: Aleph, 2009. p. 18.

[34] Ibid., p. 19.

premiado show *Saturday Night Live*, da rede NBC nos Estados Unidos. *Lazy Sunday* é apontado por Burgess e Green como o primeiro hit do Youtube, ultrapassando o primeiro milhão de visualizações ainda nos dez primeiros dias.[36] O vídeo, retirado após exigência da NBC (emissora do programa humorístico) sob ameaça de cobrança de direitos autorais, foi responsável por projetar o Youtube nessa união conflituosa e desavisada a uma das partes entre a grande mídia de massa e o portal que começava a dar seus primeiros grandes passos.

Uma última hipótese seria a levantada por Jawed Karim, que atribuía o sucesso a quatro recursos essenciais: recomendações de vídeos por meio da lista de "Vídeos Relacionados", um link de e-mail que permite o compartilhamento de vídeos, comentários (e outras funcionalidades inerentes a redes sociais) e um reprodutor de vídeo que pode ser incorporado (*embed*) em outras páginas da internet.[37] Esse levantamento nos parece, aparentemente, o maior dos responsáveis pelo despontamento da plataforma. Isso porque, como levantado acima, criou-se um modo de se consumir e produzir conteúdo, ao passo que estabeleceu relações sociais e contribuiu para a subjetivação na internet. O fato de o Youtube permitir que seu conteúdo fosse incorporado em outras páginas, por exemplo, permitiria que o leitor de blogs consumisse seu conteúdo sem migrar de página. Se assim o fizesse, após despertar da curiosidade, encontraria na lateral direita da tela a possibilidade de continuar navegando por conteúdos similares sendo recomendados, "transformando cada texto em um nó de uma ampla rede hipermídia"[38]. Entretanto, principalmente esse fato contribuiu para a caracterização do Youtube como uma rede social, ao implementar ferramentas inerentes a esse tipo de mídia. Desse modo, convidava direta ou indiretamente o usuário a consumir, participar, interagir e até criar conteúdo. O slogan do Youtube - *broadcasting yourself* - adotado pouco depois da sua fundação transmitiria o chamado da plataforma pelo sujeito, o dando a sensação e a possibilidade de ali ser pertencente. Desse modo, assim como as

---

[35] "Viral" acaba se tornando termo chave e condicionante para o sucesso do Youtube e de produtos ali disponibilizados. Caracterizam-se assim, vídeos com rápida circulação, por meio de demais redes sociais, atingindo números expressivos em pouco tempo, acabando se tornando *trending* e ultrapassando as barreiras da plataforma que estão hospedados.

[36] BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade São Paulo: Aleph, 2009. p. 19.

[37] Nas palavras de Ganner, 2006, apud BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade São Paulo: Aleph, 2009. p. 20.

[38] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 59.

demais redes sociais, o site foi se modificando à medida que demandas do publico aparecia. Ao adquirir relevância - conforme veremos ao longo desse trabalho-, contribuiria também para a modificação no modo que a sociedade se registra, se impõe, se expressa, se relaciona, produz e consome mídia.

Diferente de Jean Burgess e Joshua Green, acreditamos que nenhuma hipótese levantada justificaria isoladamente a difusão do Youtube na internet e na sociedade, e sim que isso ocorreu pela junção destas três. O Youtube ganharia reconhecimento por uma mídia especializada, atingindo um público mais afoito por novidades tecnológicas. O site entregaria, por meio dos próprios usuários, conteúdo em que o público demandava ver ou rever, mesmo que os Direitos Autorais fizessem com que sua disponibilidade fosse efêmera. Comumente vemos no Youtube incessantes tentativas de hospedar esses conteúdos protegidos, mesmo o site os derrubando assim que percebidos[39]. Por fim, o Youtube se adaptava as demandas das redes sociais, da possibilidade da subjetivação e da exposição, e se incorporava em mídias até então mais acessadas, difundindo o seu alcance para quem as acessasse. A soma dessas estratégias com contribuição de uma mudança social do usuário na forma de se consumir mídia, levou o Youtube ao patamar de um dos portais mais acessados da contemporaneidade e de considerável relevância social. Como se porta a plataforma perante as demandas sociais? Como atua na transformação do meio e da afirmação e participação dos sujeitos, e qual o status adquirido pelo site ao longo desses anos?

Recorremos às pesquisas de mercado e de comportamento para o conhecimento da dimensão desses portais no cotidiano brasileiro e mundial. Pesquisa recente[40], realizada pela agência We Are Social em parceria com a plataforma de mídia Hootsuite, nos oferece dados para entendermos o perfil do usuário das redes sociais no nosso país. Com dados coletados de vinte e dois milhões de pessoas em quarenta e cinco países diferentes, no que se refere ao Brasil, atestou-se que 66% da população é ativa nas redes. Na mesma pesquisa, foi

[39] Veremos a seguir que esse hábito de buscar em sites de compartilhamento de vídeo conteúdos outrora transmitidos em outras mídias, tem como contribuição um novo modo de se consumir televisão, com os serviços de TV On Demand. Suas características e paralelos com o comportamento do usuário serão elucidados nas próximas páginas.

[40] We Are Social: DIGITAL 2019: GLOBAL INTERNET USE ACCELERATES. 30 de Janeiro de 2019. Disponível em: https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates Acessado em: 27 de Maio de 2019.

levantado que 61% desses internautas utilizavam dispositivos móveis, como celular ou tablet, para realizar esse acesso.

Sobre o que acessam, a pesquisa aponta que ao contrário do cenário global, o Youtube ocuparia a rede mais acessada pelos brasileiros, seguido pelo Facebook e o WhatsApp. Para a Sandvine[41], empresa norte-americana de equipamentos de rede e serviços de cibersegurança, o YouTube é responsável por 37% do tráfego mundial de Internet móvel, ou seja, do acesso provindo dos dois dispositivos supracitados.

O consumo de vídeos *online* cresceu 135% nos últimos quatro anos no Brasil. O mesmo estudo que nos revela tal dado mostra que o consumidor afirma buscar no site de vídeos conteúdos não oferecidos pela TV[42]. É-nos de suma importância tal afirmativa, visto que nos é interessante observar a construção não só do criador de conteúdo, mas de quem o consome. Esse certo desinteresse[43] pelo conteúdo televisivo criado por emissoras (principalmente as abertas) vem acompanhado do crescimento da busca por entretenimento em plataformas *online*. Há quem se interessa, por sua vez, pelos produtos televisivos, que também tiveram mudanças na forma em que são consumidos. Observamos isso no crescimento de serviços de *streaming*[44], que oferecem ao consumidor hora conteúdos exclusivos, hora o acesso ilimitado e irrestrito de horários de conteúdo já veiculado na rede de televisão[45]. Esse fato nos mostra não apenas que se muda o jeito de ver TV ou de se consumir especificamente vídeos do Youtube, e sim que se torna vigente uma cultura

[41] Sandive: The Mobile Internet Phenomena Report. Fevereiro 2019. https://www.sandvine.com/hubfs/downloads/phenomena/2019-mobile-phenomena-report.pdf. Acessado em: 27 de Maio de 2019

[42] Dados retirados de pesquisa encomendada pela Google para as agências Provokers e Box 1824. Google. Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. Setembro de 2018. Disponível em: https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/Acessada em 30/05/2019

[43] Ressalva-se aqui que nos parece, ainda, complicado afirmar que há um desinteresse geral pelo consumo da televisão, e não uma alteração na forma de se consumí-la, conforme que se seguem mostrarão. Exemplo disso é que um dos maiores fenômenos da cultura pop dos últimos anos – se não o maior- foi um produto televisivo, a série da HBO Game of Thrones.

[44] De acordo com o The Holywood Reporter, a Netflix, maior serviço de tv on demand do mundo, já ultrapassa 139 milhões de assinaturas no mundo. Essas assinaturas não correspondem ao número de espectadores, já que uma vez criada, a conta no serviço pode ser dividida entre usuários. https://www.hollywoodreporter.com/news/netflix-grows-subscriber-base-139-million-worldwide-1176934

[45] As três maiores emissoras do país já contam com serviços de disponibilização de conteúdo na internet via aplicativo (como a Rede Globo e a Rede Record) ou hospedagem no Youtube (caso do SBT). O grupo Globosat, responsável por diversos canais de tv a cabo, como o GNT e o Multishow, também já oferece aos assinantes das operadoras de TV que incluem os canais em sua grade, todos os programas das suas emissoras através do site e aplicativo Globosat Play.

modificada na forma de se consumir produções audiovisuais como um todo. Exemplo disso é que a mesma pesquisa aqui citada mostra que nove entre dez usuários do Youtube recorrem ao *streaming* da Google para estudar. O Youtube se oferece, portanto, como um espaço de múltiplas possibilidades, do conhecimento ao puro entretenimento, e que atende a demanda do consumidor de poder acessar quando e onde quiser.

Já o Pew Research Center[46], que se dedicou a analisar o acesso entre os adolescentes entre 13 e 17 anos[47], atesta que nessa faixa etária o Youtube também é a plataforma preferida entre esse público: são 85% dos entrevistados[48]. O número tem sido crescente, ao contrário, por exemplo, do Facebook, ainda a maior rede social do mundo, com dois bilhões de usuários ativos. Em 2015, a pesquisa mostrou que a plataforma era usada por 71% dos jovens pesquisados, mas em 2018 esse número caiu para 51%.

No âmbito aqui pautado, o público mais jovem obterá maior atenção em nossa análise. São entre os treze e os trinta e cinco anos que as pesquisas que aqui temos abordado revelam uma maior interferência e participação do Youtube no cotidiano, bem como uma maior influência dos criadores de conteúdo. Logo, para entendermos a relevância das nossas fontes, é necessário compreender os hábitos desse público que mais atingem.

Temos claro exemplo disso em pesquisa realizada pelo Google, empresa que detém o portal Youtube. A “Os Influenciadores de 2017 - Quem Brilha na Tela dos Brasileiros”, com dados coletados entre Maio e Agosto de 2017 coloca que 10 entre as 20 personalidades que mais influenciam os jovens entre 14 e 34 anos são Youtubers[49]. É desse ramo, inclusive, a primeira colocação, o comediante da internet Whindersson Nunes. Esse número já havia sido idêntico[50] em pesquisa[51] realizada

[46] Pew Research Center: Teens, Social Media & Technology 2018. 31 de Maio de 2018. Disponível em: https://www.pewinternet.org/2018/05/31/teens-social-media-technology-2018/. Acessado em 29 de Maio de 2019. Acessado em: 29 de Maio de 2019

[47] Faixa etária que a pesquisa realizada pelo We Are Social não abrangeu.

[48] Seguidos pelo Instagram e o Snapchat, respectivamente.

[49] Google: Os Influenciadores de 2017 - Quem Brilha na Tela dos Brasileiros. 11 de Setembro de 2017. Disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/1xdC5FQ7FZ727bA2cqPbk5AYYELFZcswTQoSgHabEKWI/edit#s lide=id. P.36. Acessado em 29 de Maio de 2019.

[50] Por sua vez, não necessariamente as posições e as personalidades que apareceram na pesquisa se repetiram.

[51] Essa pesquisa, porém, só abrangia o público entre 14 e 17 anos.

também pela Google, esta em parceria com a Meio&Mensagem[52] no ano anterior[53]. Na análise dessa última pesquisa citada, Luciana Corrêa, coordenadora e pesquisadora da área Famílias e Tecnologia, do ESPM Media Lab, afirma que esse fenômeno da influência e do engajamento deve ser observado segundo os parâmetros de legitimidade: o público abrangido pela pesquisa investe seu tempo nesses *creators* ao enxergar em seu discurso atributos como autenticidade e transparência. “Essas gerações têm ainda mais sensibilidade para diferenciar o que é falso do que é verdadeiro. Para eles, a celebridade não está tão distante assim, é alguém que ele encontraria na rua” [54].

Essa aproximação do consumidor e do criador de conteúdo é peça chave para entendermos como se estabelecem as relações de curiosidade e identificação que fornecem a esse tipo de fonte seu caráter de influência, o que até nomeia esse ofício, visto que são comumente apresentados e auto apresentados como influenciadores digitais. Adentraremos nesse fazer e seus reflexos virtuais e sociais nas páginas seguintes.

2.2. Videografias de Si: O advento das autobiografias audiovisuais

Parte do sucesso do Youtube se deve ao material audiovisual que é disponibilizado no site. Considerando a evolução da mídia e observando o avanço da internet, percebemos um chamado sendo lançado e difundido, o de confiança nos usuários como co-desenvolvedores[55], não apenas como consumidores passivos.

Desse modo, a internet se faz cenário de todos para todos[56] e vozes passam a ser ecoadas, ouvidas e monetizadas, tornando ofício a criação desses conteúdos voltados à plataforma.

---

[52] Meio&Mensagem: Os mais influentes entre jovens do Brasil. 11 de Janeiro de 2016. Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/01/11/os-mais-influentes-entre-jovens-do-brasil.html. Acessado em 29 de Maio de 2019

[53] Porém, só na pesquisa de 2017 um Youtuber atingia o topo entre os influenciadores. Em 2016, o topo era ainda ocupado por personalidade televisiva, a atriz e comediante Tatá Werneck.

[54] Afirmativa encontrada no portal Meio&Mensagem na divulgação da pesquisa, em link citado na referência número 12 desta página.

[55] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 14.

[56] Ressaltamos porém que em território brasileiro, por mais que crescente, a Internet não está ao alcance de todos os seus residentes, assim como o acesso a um aparato tecnológico que permita um registro com maior qualidade.

Na prática, isso significa que se há essa procura por esses materiais autorais, há, em consequência, quem se dedica a criação e divulgação destes. Esses criadores - aqui denominados como Youtubers ou *creators* - como foi mostrado, figuram hoje como fenômenos midiáticos, projetando-os ao patamar de influenciadores digitais. Ao cumprir o chamado do site de hospedagem outrora mencionado, dentre as diversas possibilidades, parte significativa desses influenciadores dedica o seu material autoral para falar de si.

Para Paula Sibilia[57], essa prática de registrar-se e midiatizar-se seria resultado da inserção das novas mídias no cotidiano e da sua contínua transformação, somado ao desejo de exaltação da própria vida em paralelo ao interesse pela vida alheia. Desse modo, essas trajetórias não carecem de serem fundamentadas no "excentrismo" exacerbado. O cotidiano, o trivial, passa a ser interessante por essa cultura da espetacularização e desse voyeurismo[58], práticas assim coexistentes.

> Tudo aquilo que antes concernia à pudica intimidade pessoal tem se 'evadido' do antigo espaço privado, transbordando seus limites, para invadir aquela esfera que antes se considerava pública. O que se busca nessa exposição voluntária, que anseia alcançar as telas globais é se mostrar, justamente: constituir-se como um personagem visível. Por sua vez, essa nova legião de exibicionistas satisfaz outra vontade geral do público contemporâneo: o desejo de espionar e consumir vidas alheias.[59]

Consideramos que o interesse no consumo dessas vidas pode se manifestar partindo de dois sentimentos. O primeiro na curiosidade pelo diferente, por aquilo que eu não sou[60], por aquilo que eu anseio em assistir ao destoar do meu próprio cotidiano. Por outro lado, há também o interesse por querer consumir aquilo que eu sou, dos meus, através de uma janela de identificação.[61] Não importando a motivação do consumo, nos dois casos há a procura pela narrativa, ou seja, por acompanhar os passos, o desenvolvimento. E é nesse aspecto que daremos início em pensarmos tais trajetórias como autobiografias, pois, como veremos a seguir, – e

---

[57] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

[58] Chamamos aqui de voyeurismo a prática de assistir e acompanhar vidas alheias, acompanhar com interesse mórbido aquilo que se coloca em teoria como privado.

[59] SIBILIA, P. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão?. Ciência e Cultura, v. 62, p. 52-55, 2010. p. 53.

[60] Podemos cogitar, inclusive, que há intrínseco aí uma curiosidade por aquilo que eu queria ser, algo mais perceptível nos influenciadores digitais de outras redes como o Instagram, que tendem a espetacularizar por fotos tanto aquilo que ditam como tendências, como o registro de momentos positivos.

[61] COSTA, B. Práticas Autobiográficas Contemporâneas: as videografias de si. Doc On-Line, n. 6, p. 141-157, ago. 2009b. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_bruno_costa.pdf. p. 143. Acessado em: 10 de Janeiro de 2019

mais adiante nos próximos capítulos – há um desejo de fidelização dos espectadores por parte dos *creators*, e ao mesmo tempo um desejo desse público que determinadas demandas possam vir a ser atendidas. Nessa lógica de coexistência, constrói-se audiovisualmente uma narrativa de vida, de cunho testemunhal, passível a nós pesquisadores, a consideração como prática autobiográfica, com aparato bibliográfico de autores que assim já as categorizam. Entre eles está Bruno César Simões da Costa, quem nos emprestará a nomenclatura já elucidada na Introdução desse trabalho.

Durante esse texto - e principalmente no capítulo a seguir – debruçaremos nesses aspectos, abordando-os através de autores que se dedicam a pensar o registro autobiográfico e o relato de si. Por hora, cabe a esse ponto pensar a existência, a difusão e a confecção desse tipo de material.

Primeiramente, devemos considerar que o Youtube e toda a sua popularização aqui já detalhada contribuiu para que as práticas audiovisuais fossem transformadas. Em conjunto com a modernização e a popularização de instrumentos que permitem a criação de materiais audiovisuais, obtivemos maior poder também de consumi-los. Desse modo, não é mais um público específico que detém tais capacidades, pelo contrário, questiona-se a quem detém o poder da produção e difusão do audiovisual. É esse um dos poderes dados por essa evolução midiática, o de questionamento, que inclusive alimenta a procura por produtos como os que aqui estão sendo analisados. Ao cair na rede mundial, esses materiais ficam disponíveis para circulação para os mais diversos nichos sociais.

Somado às facilidades de acesso anteriormente mencionadas, criou-se, como brevemente citado, um interesse pela narrativa do outro, e por vezes essas se tornam interessantes a um público pelo poder singelo da sua cotidianidade. É o que se deseja consumir desde que revistas especializadas em celebridades eram vendidas para o consumo dos “flagras” realizados por paparazzis[62], geralmente onde esses famosos eram clicados[63] em momentos banais[64]. Se ainda observamos a criação dos novos produtos midiáticos, podemos somar a popularização de

[62] Nome dado aos profissionais, jornalistas e/ou fotógrafos que se dedicavam a conseguir esses “furos” de reportagem, a esses flagras, de pessoas públicas.
[63] Deve se salientar aqui que, ao contrário das nossas fontes, onde há a livre escolha de se espetacularizar, esses veículos de comunicação tendiam a extrapolar os limites da privacidade do outro, sem o consentimento.
[64] Ou, como se especializou alguns veículos de comunicação sensacionalistas, em momentos de conflito ou de completa invasão de privacidade.

programas de tv como reality shows[65] como parte fundamental do crescimento desse interesse. Foi sendo fundamentado e naturalizado no consumidor um fascínio sobre o cotidiano, sobre as trajetórias de vida e sobre o estabelecimento de relações sociais, por vezes conflituosas[66.]

E quem teria uma trajetória interessante para que essa espetacularização e esse registro acontecessem? O que seria considerado interessante nesses casos? Para Phillipe Lejeune[67] ser biografado, nos moldes biográficos canônicos era detenção dos "grandes", um privilégio. Graças ao que aqui vem sido observado, há uma alteração nesse quadro. Essa nova narrativa de si aqui abordada abre espaço para a exposição do que é habitual na vida de outras pessoas até então não abraçadas pelo privilégio da biografia, da grande história, da representação midiática e da criação de politicas públicas. Cresce então o interesse do público, inclusive, por narrativas daqueles que são (até então) anônimos, e partes de grupos sociais historicamente marginalizados.

Se esse novo fazer autobiográfico modifica a ideia de quais vidas são passíveis de registro, outras transformações também ocorrem. São dadas novas categorizações de passado e presente, de público e privado, de privacidade, de publicização, de identificação.

E qual a estrutura de uma videografia? Primeiramente, devemos esclarecer que consideraremos aqui como videografia o conjunto dos relatos agrupados em plataforma única que juntos, compõe a narrativa do sujeito videografado. Há, nesse exercício de se videografar, certa estruturação que os vídeos tendem a seguir. Essas características estruturais permitem o movimento entre as duas partes envolvidas (enunciador e enunciatário), bem como a adequa naquilo que um espectador inserido no consumo desse material espera ver, já que a prática da produção de material autoral para o Youtube possui com uma linguagem própria para a plataforma.

---

[65] Leonor Arfuch, em sua obra "O espaço biográfico", de 2002, ao considerar práticas contemporâneas de fazer biográfico, inclui os reality shows nessa categoria.

[66] Podemos aqui considerar dois tipos de realities, especificamente. Primeiro aqueles de convivência e confinamento, onde a vigilância 24 horas expõe ao espectador o convívio do cast selecionado. E segundo, aqueles realities que visam a exposição do cotidiano de alguém ou alguéns específicos, geralmente figuras já públicas.

[67] LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2008.

Essa, por mais que singular e característica do próprio site, se assemelha em alguns aspectos a tendências observadas em demais redes sociais contemporâneas ao site de compartilhamento de vídeos. Além do apelo visual, por exemplo, (o que conforme visto foi gradativamente modificando as práticas de registro que vinham sendo de forma escrita) a duração e a edição são peças importantes para tornar o vídeo chamativo e, principalmente, dinâmico, fluido.

Os vídeos tendem a ser curtos. Dentre os vídeos selecionados para essa pesquisa, a média de duração é de cinco a seis minutos. O maior deles, por sua vez, pouco passa dos dez, enquanto o mais curto se dá em pouco mais de trinta segundos. A edição é frequente, com cortes feitos em curtos espaços de tempo. O *zoom* é utilizado em determinados momentos, o que nos dá a impressão de ênfase, já que geralmente é usado na complementação de alguma afirmativa então feita. Constantemente, não só nos canais abordados, recursos como modificações da voz e, principalmente, a utilização de imagens em preto e branco após algum corte, aparece para passar ao espectador a impressão de *off*, ou seja, algo que soe como bastidores. Trechos com esse tom são usados, principalmente no canal Transdiário, na introdução dos vídeos, como uma "preparação" para começar. Consideramos que esse recurso vise trazer certa informalidade, de modo a aproximar as duas partes envolvidas nesse exercício e criar um ambiente que irradie intimidade.

A linguagem empregada tende ser a mais coloquial, em um tom de conversa com o outro. Nesse sentido, Paula Sibilia[68] atesta que a cotidianidade deve transparecer, também, na linguagem - esta simples - para que assim o espectador encare como uma conversa habitual. O tom dessa conversa é de cunho confessional e pessoal. Logo, o emprego da primeira pessoa do singular é majoritário. Ainda nesse aspecto, observamos o considerável emprego da primeira pessoa do plural, quando vão tratar das questões que atingem o grupo, não somente o indivíduo.

Ainda sobre a linguagem, o tom didático também é comumente usado, especialmente naquelas videografias que, como levantado nas páginas anteriores, visam subjetivar indivíduos pertencentes a grupos marginalizados. Pelo desconhecimento social acerca dessas vivências, esse tom é eficaz ao chamar o outro para que ele entenda as minúcias dessa trajetória. Assim, o engajamento desejado vai sendo trilhado, ao mesmo tempo em que possibilita que essas

[68] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

videografias adquiram outros caráteres que não o mero registro. Essa ideia da criação de um espaço múltiplo será esclarecida nos próximos dois capítulos, onde teremos elucidado o conjunto de papéis que a videografia acaba por desempenhar no caso dos nossos objetos.

No estabelecimento da relação entre quem fala e quem ouve, Paula Sibilia levanta outro aspecto, denominado por ela como “pacto de leitura”. Isso significa que, no exercício do consumo da videografia, quem assiste deve compreender que o autor, narrador e o protagonista tratam-se do mesmo indivíduo.[69] Nas videografias de si, o mais comum é que essas sejam criadas a partir de um discurso solipsista, o que facilita que esse pacto levantado pela antropóloga ocorra.

Outro aspecto seria a fidelização do espectador, fundamento por um crédito dado ao relato como verdade. Para que isso ocorresse, caberia ao narrador de si firmar outro pacto, esse introduzido a nós por Phillipe Lejeune: o pacto biográfico[70]. Este se daria no engajamento de um autor em contar diretamente sua vida (ou uma parte, ou um aspecto da sua vida) num espírito de verdade. É uma espécie de contrato, onde o leitor confia na legitimidade do relato de vida ali exposto. O leitor perceberia a construção da narrativa do autobiógrafo, e assumiria que aquilo que foi relatado como expressão da personalidade de quem enuncia, e assumiria então, aquilo como verdade. Esse engajamento não necessariamente partirá do dia do nascimento, como uma biografia tradicional. Veremos, analisando nossas fontes, que o ponto estabelecido como partida é o de afirmação da sua transexualidade, seja para si, para um público, para aqueles que os cercam. Logo, esse engajamento do autor possibilitaria o engajamento do leitor em embarcar na narrativa, concretizando no caso das videografias, a fidelização tão pregada pela plataforma e pelos usuários.

A chamada do outro é comumente reforçada ao final do vídeo, quando o discurso mira no ganhar o espectador: a inscrição no canal, o pedido de compartilhamento e likes, e, principalmente, de comentários. Respectivamente, essas chamadas visam à fidelização e o embarque do espectador na biografia fragmentada, o ganho de novos espectadores pela expansão do alcance do vídeo ou a atenção pelos números, e, por fim, a aqui já mencionada participação do outro.

---

[69] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 30.

[70] Retomaremos a ideia de pacto biográfico ao tratar dos relatos de si e intensificarmos a discussão dos relatos no Youtube como uma autobiografia.

Nos capítulos posteriores, veremos que essa participação possibilita não só que a videografia seja feita sob esse caráter singular, como possibilita também a criação de um espaço de informação e a continuidade do relato. E assim fundamenta o maior diferencial da videografia de si perante aos outros gêneros autobiográficos: a chamada do outro, a chamada a interação. Para Bruno Simões Costa[71], devemos considerar o ato de se videografar

> como uma chamada à participação do outro para a constituição do self e, justamente na interação dos selves, a sensação de pertencimento ao mundo é constituída. Essa posição em relação ao ato autobiográfico se sustenta nas especificidades do vídeo, que possibilita e convida a participação do outro; ao contrário de outras formas de escritas autobiográficas (como o diário, por exemplo) ele não é depositário de segredos. O registro videográfico clama, de certo modo, por um espectador e o espectador é necessário para o que o processo de constituição de sentido se complete.

As videografias de si dispostas no Youtube tem essa interação como sustentáculo. É isso que deposita valor a essas narrativas e possibilitou que essa plataforma adquirisse a relevância indicada na abertura desse capítulo.

Portanto, na confecção dos relatos que compõe as videografias aqui escolhidas para análise, são eleitas partes ou aspectos (como mencionado por Lejeune) dos dois sujeitos, que com o auxilio de um aparato audiovisual, registram tais fragmentos de vida e se manifestarão em uma ideia de totalidade.[72] É o advento das micronarrativas, do fragmento de vida que tem início meio e fim por si só.

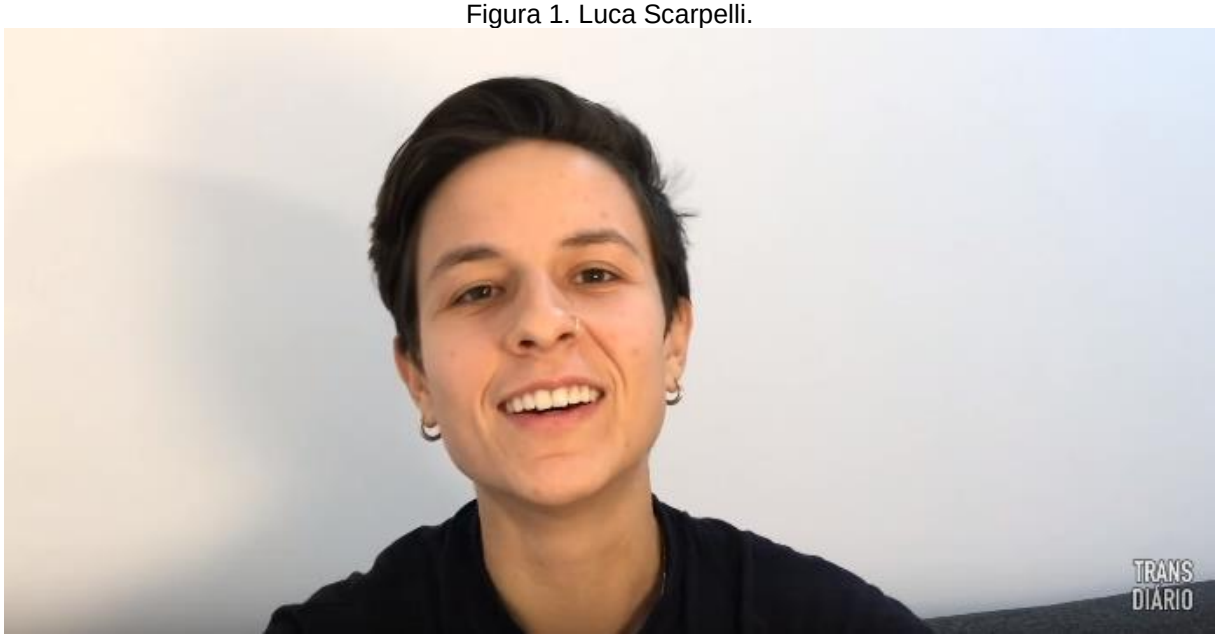
2.3. Nascimento em Tela: Lucca Najar, Luca Scarpelli e a transmasculinidade no Youtube.

O cenário é simples: Uma parede branca ao fundo e o encosto de um sofá cinza aparece na parte de baixo da tela. Nele, sentado, um jovem fala em tom comemorativo: “Hoje foi o meu primeiro *shot* de testosterona”. Essa frase introduz o vídeo “EU SOU TRANS!”[73] do canal Transdiário.

---

[71] COSTA, B. Práticas Autobiográficas Contemporâneas: as videografias de si. Doc On-Line, n. 6, p. 141-157, ago. 2009b. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_bruno_costa.pdf. p. 146.
[72] BAUMAN apud Ibid., p. 46 e 47. Acessado em: 29 de Maio de 2019
[73] TRANSDIARIO. EU SOU TRANS!. 2016. (01m27s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W9sUjwLCX0Q&. Acessado em: 30 de Maio de 2019.

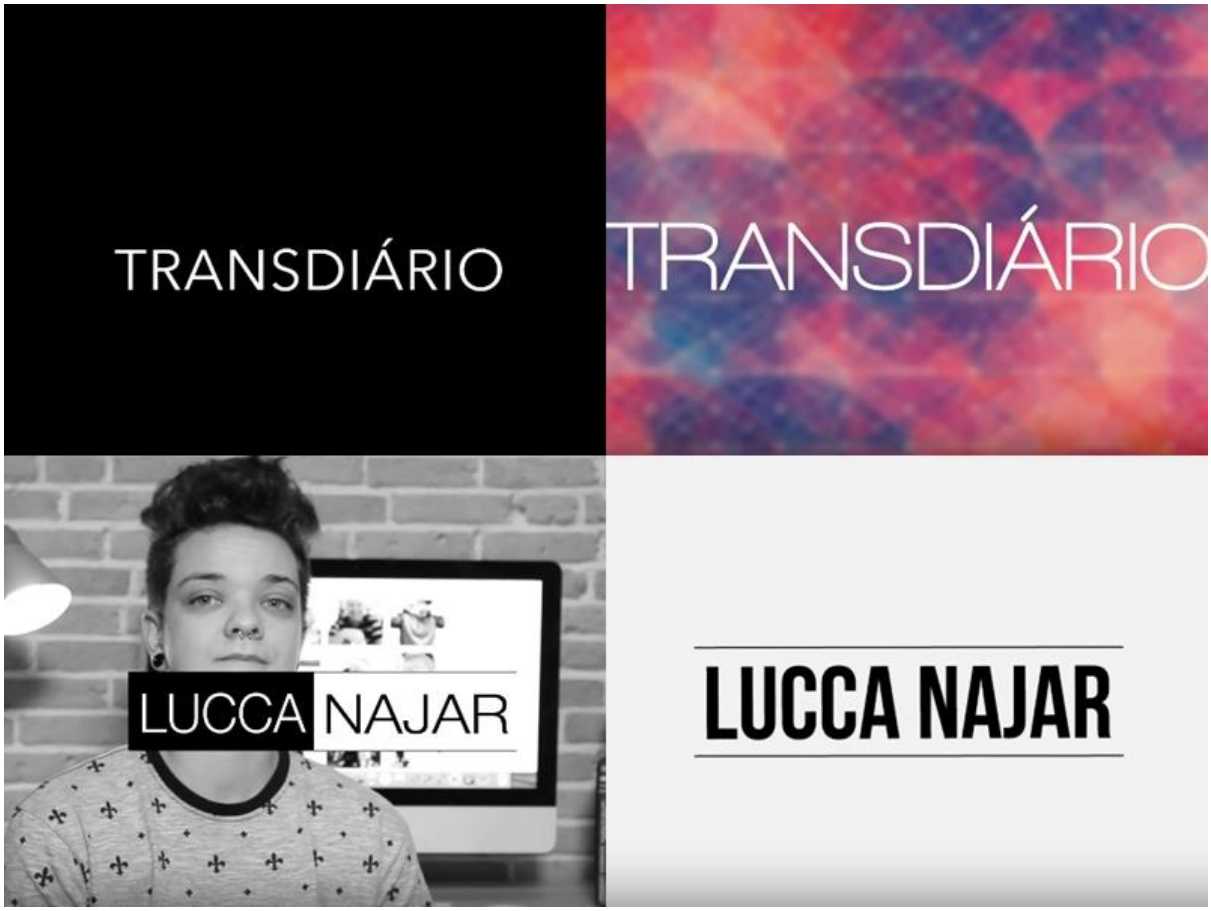
Figura 1. Luca Scarpelli.



Captura de tela do vídeo “EU SOU TRANS!”, de 2016.

Na descrição do vídeo, a apresentação: “Olá! Meu nome é Luca Scarpelli e esse é o primeiro vídeo do canal Transdiário. Nele eu pretendo falar sobre a minha transição e tirar dúvidas, responder perguntas e mais o que der na minha telha. Sejam bem vindos! :)”. A frase acima, acompanhada de uma dancinha, dá lugar a uma tela preta, com o nome do canal e uma música de fundo. Nos canais isso é comum – e aparece dos mais variados formatos -, é o que chamam de “vinheta”, tal como existem nos programas televisivos, e divide a breve introdução ao desenvolvimento do conteúdo do vídeo.

Figura 2. Vinhetas ilustrativas dos referidos canais.



Capturas de tela da primeira (esquerda) e atual (direita) vinheta dos canais Transdiário e Lucca Najar, respectivamente.

O rosto confessionalmente tímido volta à tela, e se dirige aos *timeliners*[74]. “Eu queria contar pra vocês que eu descobri... descobri não, faz mais ou menos uns seis meses que eu me aceitei como trans”. Ao contrário da descrição, o vídeo e seus um minuto e vinte e sete segundos de duração não contém qualquer apresentação como o nome do enunciatário. Ao se dirigir aos *timeliners* – o que leva a crer que esse vídeo foi compartilhado em redes sociais que seguem esse modelo[75] de disposição de conteúdo -, evidencia que esse vídeo foi, apesar de colocado em modo público, direcionado inicialmente a pessoas específicas.

Seguindo o vídeo, após a “confissão” de se tratar de um homem trans, o Youtuber reivindica: “(...) eu quero que todos vocês, a partir de hoje, me chamem de

[74] Forma com que o Youtuber se referiu aos usuários que se depararam com tal vídeo em sua Timeline (liha do tempo), modelo utilizado por redes sociais como Facebook e Twitter. Ao se referir assim aos destinatários do vídeo, atesta-nos que o vídeo foi produzido com a intenção de ser acoplado a alguma outra ou outras redes sociais.

[75] O modelo de “linha do tempo” é usado em populares redes sociais, como o Facebook e o Instagram. Isso significa que o conteúdo produzido ou compartilhado é depositado e pode ser acessado seguindo uma cronologia do post mais atual para o mais antigo.

Luca – porque esse é meu nome agora – e vai ser assim, pessoal". Nos segundos restantes, Luca fala que mesmo quem o conhecia com outro nome conseguirá se acostumar e termina o vídeo pedindo para que perguntas sejam enviadas.

O vídeo, que já passa dos cinquenta mil acessos, é o primeiro a ser hospedado no canal "Transdiário". E a ideia que temos a partir dele é de nascimento: Nasceu Luca Scarpelli.

Luca é brasileiro, belo-horizontino, publicitário, e no ato dessa escrita se encontra com vinte e oito anos. Iniciou seu processo de transição e hormonização aos vinte e seis anos. Nesse momento de nascimento de Luca Scarpelli, residia em Portugal, onde realizou seu mestrado. Atualmente, regresso ao Brasil, reside em São Paulo. Iniciou o mês de junho de 2019 com quase oitenta e nove mil inscritos em seu canal e setenta e quatro vídeos hospedados. As visualizações variam de número, não sendo possível delinear recorte temporal ou atrelar o número de inscritos ao número expressivo de visualizações de algum vídeo específico. Porém, o vídeo com mais *views* "COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS?"[76], de maio de 2017, ultrapassa os seiscentos e dois mil *views*.

Os vídeos em expressiva maioria tratam de assuntos que tangem a vida de uma pessoa trans (principalmente na de um homem trans), como o processo de transição, afetividade e direitos sociais.

A ideia introduzida a pouco, de nascimento, foi trazida por Tobias Raun no artigo *Screen-Births: exploring the transformative potential in trans video blogs on YouTube* (2010). No texto[77], Raun explora uma metáfora partindo de um vídeo de "Wheeler", um homem trans Youtuber estadunidense. Wheeler, tal como Scarpelli, inicia o ato de registrar-se no Youtube no que ele chama de "Dia Um", quando recebe a primeira dose de testosterona. Para ele, graças a aquele hormônio e através daquele vídeo, ele está nascendo.

No caso do Youtuber brasileiro, "Luca" havia nascido, para ele, seis meses anterior à hospedagem do vídeo conforme vimos na fala do *creator*. Mas o primeiro

[76] TRANSDIARIO. COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS?. 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0KLhZ5ndfvk&t. Acessado em: 30 de Maio de 2019.

[77] O texto foi traduzido como "#Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube" por Jaqueline Gomes (UNB) e disposto em 2010 na Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN. Após a lida em ambas as versões, optamos em usar a versão traduzida por considera-la satisfatória. As citações retiradas desse texto serão de tradução da pesquisadora.

shot de testosterona motivou-o a nascer em tela. Para os *timeliners*[78], Luca ali nascia. Para o público que agora a ele seria apresentado, também. Raun classifica isso como Nascimento em Tela. Para o autor, o processo de transição, e o "crescimento"[79] que se inicia desde a primeira postagem, no caso dos Youtubers trans, se complementam.

Para esse trabalho foram escolhidos, conforme mencionado na introdução, dois canais de homens trans binários[80] no Youtube. Além do já mencionado, Lucca Najar[81] também "nasce em tela". Esse de forma mais sucinta: foram gastos trinta e três segundos. Ao contrário de Scarpelli, o primeiro vídeo do canal de Najar, o "Oi Pessoal"[82], foi gravado antes da primeira dose de hormonização, o que ele chama de "Pré-T"[83]. É esclarecido que o canal servirá para o registro de "todo o processo de readequação [ao gênero com o qual se identifica]". O cenário do vídeo[84] também remete a um ambiente casual e Lucca é o único a aparecer frente à câmera.

Figura 3. Lucca Najar.

Captura de tela do vídeo "Oi pessoal", de 2016.

[78] Reforçando que pressupõe-se que *timeliners* se refere a pessoas do convívio social ou virtual de Luca anteriores ao Upload do vídeo.
[79] Consideramos aqui que, mais que crescer, o sujeito trans a partir do seu processo de transição, se emancipa.
[80] Ou seja, que se identificam com o gênero masculino.
[81] Lucca Najar é tanto o nome do Youtuber quanto o nome do canal.
[82] NAJAR, L. Oi Pessoal. 2017. (0m33s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wkZbvVhYxgk. Acessado em: 31 de Maio de 2019
[83] "T" é como comumente se referem dentro e fora do Youtube o hormônio testosterona. Graficamente, sempre escrito em letra maiúscula.
[84] Embora fuja do cenário oferecido no vídeo de Luca Scarpelli de apenas uma parede atrás com um móvel e grande proximidade do Youtuber e da câmera.

Lucca tem 27 anos, também é de Belo Horizonte, cidade que reside até hoje. Formado em Cinema e Audiovisual, no ato dessa escrita se encontra com um número similar de inscritos ao canal anteriormente citado: são oitenta e oito mil inscritos. Iniciou o mês de junho de 2019 com cento e oito vídeos hospedados em canal homônimo. Seu vídeo com maior número de visualizações é de novembro de 2016, o "HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1"[85] que conta com mais de quatrocentos e sessenta mil *views*. Parte dos seus vídeos conta com a presença, mesmo que por voz, da namorada, Bruna Pimenta, e dentre os assuntos dos vídeos, o namoro dos dois e a afetividade como um todo – as vezes perpassando por possíveis diferenças ao se relacionar com uma pessoa trans ao invés de uma cisgênero – aparece. Para além, o canal foca em assuntos ligados a comunidade trans, com temáticas similares as que Luca Scarpelli aborda. Os dois Youtubers são amigos, e chegaram a gravar vídeos juntos, hospedados em ambos os canais, tal como desenvolvem projetos em conjunto, conforme apurado nas redes sociais dos dois.

Ao longo dessa pesquisa, buscamos a consideração desses registros como uma autobiografia. No caso de canais de pessoas trans, esse caráter autobiográfico contém traços diferenciados de outras videografias. Esse Nascimento em Tela, discutido nessas páginas, oferece ao Youtuber "uma oportunidade multimodal para documentar, contar e comentar continuamente sobre sua estória e suas mudanças de gênero – e receber feedback dos outros"[86]. Simultaneamente, oferece ao espectador a oportunidade, graças aos recursos audiovisuais, de ser testemunha das mudanças ocorridas devido ao processo de transição, servindo inclusive de espelho para alguns destes[87].

Tobias Raun[88] defende que o ato de se autobiografar no Youtube reinventa o processo de transição daqueles que o midiatizam. A presença e a chamada do outro e o comprometimento que se cria num sentimento de comunidade[89] para com quem acompanha são fatores determinantes para essa reinvenção. A chamada do outro ocorre nos dois vídeos inaugurais dos canais. Enquanto o primeiro, do Transdiário,

---

[85]. NAJAR, L. HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1. 2016. (08m09s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p_3qaMy4h9Q&t. Acessado em: 31 de Maio de 2019. O vídeo será abordado no capítulo três

[86] RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. P. 88.

[87] Ideia a ser discutida a posteriori.

[88] RAUN, T. op. cit. p. 79-96.

[89] Segundo o autor, uma comunidade (trans)nacional de engajamento.

pede para que perguntas sejam lançadas a partir do material publicado – tendo assim a finalidade de fomentar as temáticas para os vídeos seguintes -, o de Lucca Najar diz esperar todo mundo nos próximos vídeos e acrescenta na descrição do vídeo que o intuito do canal que ali nascia era “conhecer mais homens trans, pessoas interessadas e trocar experiências.”.

Essa reinvenção se daria na transformação de algo até então sempre tratado como extraordinário em algo ordinário e, ao passo que esse sentimento de comprometimento brota no ato de se autobiografar e se publicizar, o discurso poderá chegar a atentos consumidores como esclarecimento ou até mesmo como alento. Os diversos papéis que esses registros desempenham serão esmiuçados a partir do capítulo seguinte.

Tobias Raun[90] considera o aparato tecnológico envolvido no ato de se videografar não só parte do exercício, mas que ele por si só já apresenta uma significância. O autor argumenta, por exemplo, que a câmera serviria de testemunha e possibilita não só a documentação, mas a transformação. Desse modo, Wheeler, observado por ele e supracitado

> (...) se torna mais e mais acostumado à câmera e em frente à câmera ele aprende e reaprende práticas corporais culturalmente localizadas que definem gênero. Nos vlogs ele está produzindo ou representando uma certa identidade (de gênero) e a experimentando ante a uma audiência.[91]

Desse modo, a câmera não só desempenha as funções a pouco mencionadas, mas serve de espelho a partir do momento que a *webcam*[92] oferece ao Youtuber o reflexo de si.

A câmera oferece ao espectador a oportunidade de presenciar e testemunhar o processo de transição que esses sujeitos estão imersos, e no exercício de uma análise cronológica das postagens, perceberem esses traços binários de categorização dos gêneros transparecerem gradativamente em tela, sendo que parte destes é provinda do tratamento hormonal, cujos resultados se tornam aparentes aos poucos.

---

[90] RAU RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. P. 88.
[91] Ibid., p. 86.
[92] Desde a publicação do artigo em questão, os aparatos tecnológicos utilizados para esse oficio também evoluíram. Raun aborda a “webcam” – ou seja, a câmera plugada de um notebook ou acoplada em um computador de mesa - como a câmera utilizada para esse registro. Hoje é comum a utilização de smartphones e até câmeras profissionais, o que ocasiona uma imagem com melhor definição.

A câmera é registro, testemunha e espelho e as relações entre enunciador e espectador se entrelaçam inclusive no desempenho múltiplo de papéis da câmera. Afinal, ela não só media o contato com quem cria o conteúdo e com o outro, mas media o criador com ele mesmo, ao passo que é através de sua lente que se inicia um processo de rememoração de si. No capítulo seguinte, ao considerarmos esse material como um relato de si, entenderemos mais esse processo que envolve rememoração e registro.

A câmera também serve de espelho, e aqui não só para o Youtuber perceber os avanços provindos do processo de transição. Comumente, cabe a essa plataforma audiovisual o papel de fonte de informação - e arriscamos dizer de encorajamento e esclarecimento sobre si mesmo - para processos de transição de quem está do outro lado da tela. Ambos Youtubers chegam a relatar terem vivido essa experiência em vídeos subsequentes. Para um espectador que está passando ou pretende passar pelo mesmo processo, o enxergar de tais resultados graças ao registro dessas pessoas e graças ao aparato tecnológico envolvido, serve de espelho para olhar para si e para o seu próprio processo e resultados adquiridos. Os Youtubers assim se emprestam para que sejam corpos midiáticos.[93]

Para o próprio criador de conteúdo, a câmera ainda é espelho, ao observarmos que há uma avaliação contínua e constante de si mesmo (a).[94] Isso a partir do momento em que o Youtuber, olhando seu reflexo, costuma ficar atento ao cabelo, ajeitar a sua indumentária, sua postura, e tudo aquilo que contribui para que ele passe a perfomatizar[95] o gênero com o qual se identifica. Esses artefatos e signos compulsórios vão sendo reforçados na construção e no imaginário social em uma lógica binária do que é correspondente ao masculino e ao feminino. Judith Butler, em sua famosa obra Problemas de Gênero (1990)[96] nos diz que

> O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero.

[93] RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. P. 91.
[94] Ibid., p. 86.
[95] Reiteramos que ambos Youtubers se identificam como homens binários. Portanto, esses códigos aqui descritos são parte de um conjunto de códigos binários ligados a performatividade da masculinidade constantemente reforçada socialmente.
[96] BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

Observar o que vem a seguir do nascimento em tela é observar também o surgimento, em maior ou menor escala[97], desse efeito do gênero. É enxergar o gênero sendo produzido por tudo aquilo que se conhece e se legitima socialmente como masculino ou feminino através dos marcos regulatórios[98]; tudo aquilo que se acumula através da interferência dos espaços, das instituições, dos saberes, das práticas, dos discursos, através da repetição estilizada de atos[99]·.

Performando o gênero masculino, os dois jovens acabam por romper regras e transgredir os arranjos, mesmo significando que se tornem, assim, alvos preferenciais das pedagogias corretivas.[100] Essa performatividade lança mão ainda de uma publicização intencional, construída e mediada pelo próprio sujeito, com motivações subjetivas.

Em comum, ambos os *creators* relatam o caráter de diário na produção dos seus vídeos como parte da motivação inicial. O que se enxerga a partir da publicização desses relatos é que esse quadro se modifica através da adição de novos significados, e que esses podem ser produzidos tanto pela reflexão do próprio sujeito videografado quanto por sentidos atribuídos através da relação com o outro, com o espectador.

Lucca Najar, conforme menção anterior, já nos exemplifica ao dizer no primeiro vídeo que o canal serviria, entre outras coisas, como registro. Najar, porém, enxergou a necessidade de se falar sobre outros lados que meramente o seu processo de transição, ao observar uma necessidade de injetar informações que expandissem o conhecimento e o interesse das pessoas para além do físico.

> Para mim, a transexualidade sempre foi psicológica, mas as pessoas se preocupavam muito com o físico. Namoro há três anos, desde antes da transição, e minha namorada sugeriu fazer os vídeos para falar sobre os lados social e psicológico desse processo.[101]

---

[97] Não podemos ignorar que nessa lógica binária dos gêneros se produz e reproduz machismos. Em vídeos hospedados em ambos os canais, tanto Luca Scarpelli quanto Lucca Najar colocam a importância de compreender que, a partir do momento que performam o gênero masculino eles estão imersos nesse sistema machista e sexista, e há, portanto, uma preocupação na desconstrução desses efeitos.

[98] FOUCAULT, M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

[99] Para Butler, isso seria a reencenação dos conjuntos de signos e significados já estabelecidos socialmente que alimentam essa lógica de legitimação do gênero através dessa repetição. BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

[100] LOURO, G. L. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. v. 01. 90p. p. 16.

[101] Entrevista concedida por Lucca Najar a Revista Glamour. Por Fernanda Frozza, Revista Glamour. Fonte: Globo. 2018. Disponível em: https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-

Scarpelli, por sua vez, relata ter encarado a desinformação, expandindo assim o horizonte ao qual sua videografia pretendia alcançar.

> No início era mais um diário mesmo para documentar as mudanças, para que quando eu chegasse no Brasil ninguém estranhasse. Mas começando a falar sobre a transexualidade eu vi que faltava muita informação, as pessoas não sabiam o básico, não sabiam a diferença entre sexualidade e identidade de gênero. E aí veio minha vontade de falar sobre outras coisas.[102]

Nota-se um desconhecimento das pessoas acerca do processo de transição e da vivência de uma pessoa trans, inclusive para aqueles que se identificam ou estão à procura por compreensão de si mesmo e seu gênero. Não contingentemente, deparamos com declarações dos *creators* relatando que em um momento decorrido, eles próprios sentiram necessidade de buscar conhecimento sobre o que acontecia com eles, inclusive utilizando o Youtube, e outros Youtubers transgêneros, para conseguir suas respostas.

Para além do nascimento em tela, nos deparamos ao acompanhar a trajetória dos dois jovens a transformação destes em referência, ao perceber, dos números às demandas por novos vídeos e assuntos a se tratar. O Youtube oferece mecanismos para que essa transformação ocorra, a linguagem desse tipo de material conclama a participação do outro e desse modo essa videografia é alimentada ou incentivada a ser alimentada.

2.4. Youtube, relevância e influência

Como apontamos, os Youtubers já fazem parte do cenário cultural brasileiro e mundial. Elevados a diversos status, de *digital influencers* a personalidades da mídia – inclusive compondo a *posteriori casts* de outros produtos midiáticos que não o Youtube -, buscamos por meio dos dados e pesquisa acima levantados e analisados mostrar o quão parte do cotidiano (principalmente brasileiro) não só esses profissionais estão inseridos, mas a própria prática de dirigir-se ao Youtube como mídia e espaço informativo. No geral, compreendemos que a mídia, em especial o site de compartilhamento de vídeos do Google, tem apresentado forte potencial na produção de conhecimento, assim como de manutenção e reprodução das

---

Share/noticia/2018/05/lucca-najar-o-youtuber-trans-que-voce-precisa-conhecer.html. Acessado em: 03 de Junho de 2019.

[102] Entrevista concedida por Luca Scarpelli a Revista Versar. Por Stefani Ceolla, Revista Versar. Fonte: Versar. 2018. Disponível em: https://www.revistaversar.com.br/conheca-o-transdiario/. Acessado em 03 de Junho de 2019.

convenções sociais sobre masculinidades, feminilidades, orientação sexual, raça, classe e geração.[103]

Exemplo disso, como mais uma pesquisa levanta, é que em fevereiro último o Google, através da divulgação da "*Creators Connect*: o poder dos YouTubers", nos informa que 76% dos brasileiros entrevistados sabem o que significa o termo Youtuber. 1% a mais é o número de brasileiros que acompanham ao menos um canal nessa plataforma. Mas principalmente, um dado que nos chama a atenção é que os entrevistados atestam na pergunta "Quem mais influencia sua opinião?", dentre as alternativas, que "Youtubers" fica na frente de "Jornalistas"[104]. Esse dado vem confirmar o caráter desses *creators* como influenciadores, no sentido mais literal da palavra. Os Youtubers ditam tendências, incitam debates, dialogam com o público, atendem demandas, vendem produtos, informam e, inseridos numa mídia que tem a portabilidade e o acesso democrático como fortes aliados, entram no dia-a-dia dos brasileiros, do entretenimento e consumo de informação em atos mais individuais até as rodas de conversa.

Dito isso, nos pareceu relevante trazer para dentro da Academia tais fontes. Se, ao que nos parece, tal mídia tão sintomática a contemporaneidade, esta poderia – e consegue – ser rica fonte para o entendimento de uma História do Tempo Presente, uma vez que esse campo historiográfico é enraizado pelo "aumento e a aceleração da comunicação, a renovação progressiva da imprensa e da edição, a elevação do nível de estudo e a força dos engajamentos ideológicos, morais"[105]. Abraçar essa mídia nos estudos historiográficos do Presente contribuirá, portanto, no entendimento das demandas sociais e dos debates acerca de políticas públicas, tal como outras mídias – inclusive das consideradas novas - já o fazem.

Se hoje dos quinze canais com maior número de inscrições do mundo, dois são brasileiros[106], nos mostra não só que materiais audiovisuais do Youtube são rico produto, mas que se tornou hábito. E isso faz com que as transformações sejam coexistentes: ao passo que se instaura esse hábito no dia-a-dia e eleva os números de visualizações, inscritos, likes, comentários e compartilhamentos; insere debates e

[103] PELUCIO, L.; SOUZA,; TEIXEIRA, T. (Org.); MAGALHÃES, B. (Org.) . Olhares Plurais para o Cotidiano - Gênero, Sexualidade e Mídia. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2012. p. 07.
[104] 20%, contra 19,1% respectivamente.
[105] CHAUVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 17.
[106] São eles o canal Kondzilla, canal de hospedagem de clipes de músicas do Funk, produzidas pelo produtor Konrad Dantas; e Whinderson Nunes, anteriormente citado nesse capítulo. O Kondzilla é hoje o maior canal de música do mundo.

questões no espectador, instigando-o, divertindo-o, convidando-o a consumir mais, transformando-o e assim também transformando o meio em que está inserido.

Analisar as videografias é analisar não só um processo de registro e espetacularização do eu, mas das transformações dos limites de intimidade, de público e de privado. “Enquanto vão se alargando os limites do que se pode dizer e mostrar, a esfera da intimidade se exacerba sob a luz de uma visibilidade que se deseja total”[107]. Desse modo a esfera pública é transformada, com a inserção de eventos que outrora não ultrapassavam o limite do íntimo. Essa publicização faz não só a modificação do meio e a transformação do cotidiano dos indivíduos, mas insere nesse meio e na convivência dos seus sujeitos e vozes invisibilizados.

O caso de Luca Scarpelli e Lucca Najar está ainda longe de atingir o patamar que *creators* como Whinderson Nunes se encontram atualmente. Mas tanto esses quanto os gigantes em números que atingem até uma esfera global (como o do comediante piauiense) alimentam socialmente tal hábito de consumo desses materiais. Desse modo, o site acaba sendo uma das opções mais requisitadas ao buscar algum tipo de informação, o que pode ser observado pela pesquisa do Google acima apresentada.

Ainda assim, não precisamos ir longe para ver que os dois Youtubers analisados extrapolam a fronteira do site de compartilhamentos de vídeos. Bastou a pesquisa com o nome de Lucca Najar no Google para ver logo nos primeiros resultados, uma matéria sobre ele na Revista Glamour, do grupo Globo; no Jornal Hoje em Dia, e até em notícias na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Além disso, Lucca serviu de inspiração para a atriz Carol Duarte compor o premiado personagem Ivan, na novela A Força do Querer, de Glória Perez, exibida no mais tradicional horário novelesco da Rede Globo. Ivan era um homem trans, que passou a maior parte da novela buscando se entender. Teve seu Nascimento em Tela representado na trama, sendo retratadas as rejeições, os estranhamentos, as violências, os alívios, os anseios, a transição e suas descobertas. A atriz responsável pelo papel não só confessa a inspiração em Najar como participou de dois vídeos do seu canal. Este, inclusive, foi usado em uma rápida cena no folhetim onde o personagem recorre ao Youtube para buscar se entender. Na busca por Transdiário ou Luca Scarpelli, vemos matérias nas revistas Versar e Veja. O jovem

[107] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 34.

ainda participou da série Liberdade de Gênero, veiculada pelo canal GNT, da Globosat Canais. Retratando o cotidiano de diversas pessoas que fogem da caixa normativa das relações de gênero e sexualidade, Luca trouxe para a tela da tv paga um resumo de temáticas já tratadas no seu canal acerca do seu processo de transição. Participa ainda de conteúdos produzidos para o canal da jornalista Patrícia Pimentel e da atriz e apresentadora Fernanda Souza, esse último com a presença de sua mãe. Ambos os conteúdos são fundamentados na transexualidade do Youtuber. O relatar dessas trajetórias permitiu que esses rapazes se tornassem assim influentes nesses assuntos que tangem essa experiência de um homem trans no Brasil, cujos registros fundamentam essa pesquisa.

Ao longo desse trabalho, mostraremos o múltiplo caráter que esse material e o seu conjunto desempenham, de autobiografia a espaço de informação. Observando que vem aumentada a inserção do debate sobre transexualidade em outras mídias ou em conversas corriqueiras, não nos parece surpreendente que o site de streaming da Google seja usado para obter informações acerca do tema. E é nesse exercício que ambos *creators* e suas produções se mostram relevantes.

Isso se dá quando permite ao público o acesso a sua cotidianidade, de cotidianos tão pouco mostrados ao grande público pelas mídias mais tradicionais, e assim não tratando a transexualidade e seus indivíduos com exotismo, e sim mostrando sua trivialidade. Por sua vez, cumpre também o importante papel de visibilidade, podendo ocasionar ou fomentar debates públicos que visariam à inserção social desses corpos e sujeitos historicamente colocados como abjetos, questionando os marcos regulatórios e o discurso biologicamente fundamentado na construção social e cultural dos gêneros.

> A visibilidade e a materialidade desses sujeitos parecem significativas por evidenciarem, mais do que outros, o caráter inventado, cultural e instável de todas as identidades. São significativas, ainda, por sugerirem concreta e simbolicamente possibilidades de proliferação e multiplicação das formas de gênero e de sexualidade.[108]

Não podemos ignorar também que, atrelados a esses fatores de engajamento tanto individual quanto coletivo, se encontra uma mudança social não só no consumo da mídia, mas também no consumo de narrativas, uma vez que se enxerga uma "fome de realidade" nos últimos anos, um apetite voraz que incita ao

[108] LOURO, G. L. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. v. 01. 90p. p. 23.

consumo de vidas alheias e reais anteriormente levantada.[109] Logo, pessoas trans, dentre outros grupos historicamente marginalizados, encontram nesse anseio social a oportunidade não só de se subjetivar como aqui defendido, mas de ser ouvido por um público mais amplo, mesmo que esse se crie, como Luca Scarpelli afirmou, através da mera curiosidade.

Não por acaso, os dois vídeos que logo no início desse capítulo são apontados como os mais vistos dos respectivos canais, apresentam temáticas ou abordagens que nos parece aguçar a curiosidade das pessoas. No Transdiário, a temática de como um homem trans faz sexo chama atenção graças a um falocentrismo enraizado que desconsidera atos sexuais sem a presença de um pênis. Vendo alguns comentários, tal como um discurso facilmente observado socialmente, a possível ausência desse órgão ainda é usado para a desconsideração desses sujeitos como indivíduos do gênero masculino. Já o vídeo do canal Lucca Najar, a própria chamada do vídeo através do seu título e a proposta do vídeo no geral já chama a atenção partindo de uma dúvida aparentemente recorrente: se há menstruação em homens trans. Aparentemente, a exacerbada diferença do número de visualizações desses vídeos para com os outros divulgados no mesmo canal pode ser atribuída à abordagem de temas que, como levantado, possam despertar curiosidade, mas ao mesmo tempo atesta um desconhecimento e uma falta de circulação dos saberes acerca desses corpos.

Desse modo, nos parece relevante frisar que, dadas as condições brasileiras a comunidade trans – algo que será mostrado ao longo do trabalho suas péssimas condições – e a desinformação que permeia os debates sobre o tema para o público geral, bem como as constantes tentativas de silenciamento desse debate na esfera pública por diversas forças agentes, as videografias de si de pessoas trans se fazem de suma importância não só no ecoar dessas vozes, mas na ajuda pela compreensão de si e do outro.

Os canais Lucca Najar e Transdiário hoje compõem uma rede crescente de canais que visam tratar da transexualidade, das dificuldades às conquistas, dos processos de saúde aos aparatos legais. Caminhando para o final desse capítulo, antecipamos que os conseguintes introduzirão discussões acerca da pluralidade de sentidos que essa plataforma acaba angariando, e como a individualidade registrada

[109] SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 34.

em material audiovisual acaba cumprindo um papel social perante a uma demanda histórica de visibilidade.

3. CAPÍTULO DOIS: O CORPO NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO BIOGRÁFICO.

No capítulo anterior buscamos delinear a cultura própria, com hábitos e costumes específicos que se criou graças à popularização dos canais no Youtube. O site em questão oferece oportunidade e ferramenta para registro e divulgação e, conforme apontamos, propicia a criação das chamadas videografias de si. Estas elevam sua relevância social ao passo que contribuem para o processo de subjetivação de quem até então eram encarados apenas como um grupo social homogêneo, distante e historicamente marginalizado. Oferecendo palco e proporcionando através de mecanismos próprios a circulação desses materiais audiovisuais, o site de *streaming* da Google se dispõe como criador e mantedor de um espaço biográfico.

Desse modo, faz-nos necessário pensar quem são esses sujeitos para *a posteriori* pensar a sua disposição em espaço *online*, simultâneo ao processo de criação deste. O sujeito aqui será analisado através da sua corporeidade, ao refletir sobre a sua materialização, e como ele pode ser instrumento para a produção, manutenção ou transformação do espaço.

A ideia é pensar de que forma esse processo de subjetivação em tela cria um espaço biográfico, o que seria esse espaço e de que forma o corpo e sua materialidade mutável são instrumentos para a criação desse espaço. A partir daqui, a análise unirá os relatos hospedados nos canais abordados e outros materiais que visem ilustrar de que forma esse processo individual relatado diz sobre o tempo presente. Assim, compreenderemos através desses arquivos vivos o que permeia a vivência dos transexuais brasileiros[110].

Refletiremos sobre a sua existência, sua afirmação para si e para o mundo, sua adequação visual através de signos compulsórios socialmente colocados e reafirmados e o processo de transição para o gênero com o qual se identifica através de procedimentos medicinais. Ao longo do capítulo - e em especial no seu fechamento - buscaremos compreender de que forma a adesão da História ao uso dessas fontes contribui para pensarmos uma História do Tempo Presente que paute a transexualidade no Brasil.

[110] O que têm buscado, conseguido, publicizado, midiatizado, tendo ameaçado.

Metodologicamente, esse trabalho partiu do assistir a todos os vídeos dos dois canais postados até a data limite pré-estabelecida[111] (maio de 2018). A partir daí iniciou a categorização das temáticas. Do que se tratava cada um dos vídeos? Qual a temática central de cada um deles? Em seguida, pensamos quais desses temas seriam relevantes para o trabalho e para a comprovação da nossa hipótese. Essa seleção ficará evidente a partir dos próximos pontos.

Fechadas essas divisões, tornou-se necessário a transcrição dos vídeos, respeitando a fala dos Youtubers, inclusive na sua inconclusão de vocábulos, gaguejadas, reflexões, gírias e encurtamentos de palavras. A transcrição buscou também por meio da pontuação ou da inserção de observações respeitar e tornar claro a emoção que o locutor parecia despejar ao relatar a si mesmo.

Nem todos os vídeos de todas essas categorias, porém, passaram por esse processo. A seleção se deu respeitando um número plausível para a realização do trabalho, e favorecendo os vídeos cujas informações fossem julgadas por nós como mais claras, detalhadas e inovadoras (no sentido de trazer algo ainda não retratado ou acrescentando um novo capítulo a um aspecto outrora relatado).

A partir da transcrição, procuramos casar esses relatos com a bibliografia selecionada, buscando não só que esses relatos exemplificassem nossas suposições, como fundamentasse a discussão mostrando que as questões abordadas estariam inseridas em um contexto macro (pensando na difusão social dessas discussões, da presença dessas vivências na sociedade e de sua expressão nos diversos meios de fazê-lo).

3.1. Gênero, corpo e materialidade.

Basta apenas uma rápida pesquisa no Google. No primeiro resultado encontrado já nos é oferecido um “manual completo” de como fazer o chá de revelação do seu bebê. Se formos ainda pesquisar no Youtube – plataforma aqui fundamentadora da pesquisa – são diversos os vídeos com os mais variados estilos

[111] Buscando respeitar o tempo determinado para a feitura de um trabalho como esse, e que buscasse ter tempo satisfatório para uma efetiva avaliação dos discursos.

dessa cerimônia, onde saltam aos nossos olhos as cores rosa e azul no *frame* da miniatura do vídeo.

Figura 4. Resultados da pesquisa “chá de revelação” no Youtube.

Captura de tela de parte dos resultados da primeira página de busca do termo “chá de revelação” no Youtube.

Esse evento que tem se espalhado na experiência da gestação é uma reunião com o intuito de revelar o sexo da criança. Não é espantosa a popularização de uma festa como essa, mas nos é intrigante assimilar que esta significativa valorização do sexo da criança se dá em meio a constantes debates dos papéis de gênero, inclusive na mídia de massa. Enquanto até fabricantes de produtos como sabão em pó utilizam um discurso que aborda a desvinculação de brincadeiras consideradas de menino ou de menina[112] em sua publicidade, o chá de revelação - inclusive na sua composição visual - supervaloriza a dicotomia de signos compulsórios (principalmente cores) que comporiam o universo masculino e feminino.

[112] Aqui nos referimos a campanha realizada pela marca Omo, cujo discurso afirmava que não deveria haver separação de brincadeiras infantis em masculinas e femininas. A campanha foi amplamente criticada por autoridades religiosas e políticos que defendem pautas mais fundamentalistas. Para ver mais, ler: “Dia das Crianças: Omo pede fim de brincadeiras que reforçam clichês de gênero”. 12 de Outubro de 2017. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2017/10/dia-das-criancas-omo-pede-fim-de-brincadeiras-que-reforcam-cliches-de-genero.html. Acessado em: 31 de Julho de 2019.

Mesmo se tratando de uma prática contemporânea, não é necessário um evento para iniciar e vocalizar a inscrição desses signos em um corpo em gestação ou recém-nascido. Historicamente a presença de um pênis ou de uma vagina já determinava características ou lugares sociais que aqueles corpos ao longo da vida teriam que cumprir. Caso algum item dessa *checklist* invisível - por vezes inconsciente, mas constantemente construída e reafirmada - não tivesse seu cumprimento, era ocasionador de estranheza, de questionamentos. Nesse reforço dos universos azuis ou rosas, ignora-se a pluralidade do sujeito, a possibilidade de "se fazer em outras cores", ou uma possível identificação individual com o universo oposto ao atribuído a ele sem consulta.

No caso das nossas fontes, dois indivíduos foram considerados femininos e assim criados desde a anunciação da sua vinda gravidez de Adriana (mãe de Luca Scarpelli) e Eliana (mãe de Lucca Najar). Ao longo da vida desses sujeitos, lhe foram atribuídos signos que legitimariam socialmente aquele indivíduo como feminino, estes refutados gradativamente como exposto adiante. Por mais que os filhos de Adriana e Eliana enquanto identificados socialmente como mulher não cumprissem em um grande grau o que nos é colocado como exemplo de feminilidade[113], não deixavam de serem lidos como sujeitos femininos[114]. Logo, são colocados neles um molde feminino e pré-determinado que atuava diretamente na constituição do indivíduo e do seu corpo.

Para Michel Foucault[115], o corpo "é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos - alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências". O corpo então seria uma herança, herança do vivido, superfície moldada biologicamente como de todos os seres. Porém, superfície essa marcada pela experiência daquele sujeito, o que particulariza o

[113] Essa afirmação é feita pelo próprio Luca Scarpelli nos primeiros vídeos, ao falar do seu entendimento como homem trans, e o seu percurso enquanto ele se identificava como uma mulher lésbica, e posteriormente uma mulher lésbica masculinizada (e em ambos os casos não se vendo como parte daquilo, como veremos posteriormente).

[114] Ambos os sujeitos narram, como veremos posteriormente quando abordamos o autoentendimento, que viveram um passado se identificando como mulher lésbica. Além de não cumprirem, então, o que se espera numa cultura hetero-cis-normativa de uma mulher no campo afetivo e sexual, ao longo de alguns relatos são apontados o rompimento com alguns signos compulsórios também nos costumes e na composição visual daquilo que é dito como feminino.

[115] FOUCAULT, M. Nietzsche. A genealogia e a História. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, 1998. p. 27.

corpo humano em relação a outras espécies, uma vez que a subjetiva. Segundo Nádia Geisa Silveira de Souza[116],

> se quisermos conhecer de onde provém o corpo, é preciso descobrir as marcas sutis, singulares, que nele se entrecruzam e fabricam uma rede custosa de desenredar. (...) A constituição das individualidades não se subordina exclusivamente às particularidades constitucionais com a qual a pessoa nasce, mas advém das relações que estabelecerá com as pessoas de seu meio social numa determinada época e sociedade.

Não se pode pensar um corpo sem pensar os fatores culturais e históricos que o moldaram[117]. Não existe corpo livre de investimentos discursivos, in natura.[118] Espera-se que aquele corpo - masculino ou feminino - performe a masculinidade ou a feminilidade esperada, já que apenas assim esse seria cabível de compreensão. "(...) Performar o gênero é seguir, em alguma medida, um certo "*script*" já ensaiado. E o binarismo de gênero é o "*script*" em que determinados papéis são cristalizados."[119] Essa performance se dá na materialidade do corpo. É nela que se manifesta cada invocação de códigos determinantes do gênero.

Espera-se que a subjetividade vá de encontro a essa rede de códigos, numa tentativa homogeneizadora das marcas constitucionais desses corpos através de uma matriz hetero-cis-normativa. Assim, o corpo

> é um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da própria história da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados. A (hetero)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reconstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais.[120]

Todos os sujeitos assim que inseridos em um espaço[121] recebem regras pré-estabelecidas, "de tal modo que a matéria dos corpos será indissociável de normas reguladoras que regem sua materialização e a significação de esses efeitos materiais."[122] Essa regulação se impõe e busca o enquadramento do indivíduo, o

---

[116] SOUZA, N. G. S. Procurando/rompendo marcas no corpo. IN: SOARES, G. F., SILVA, M. R. S. da, RIBEIRO, P. R. C. (org). Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais. ED. da FURG. Rio Grande do Sul, 2006. p. 23.

[117] "Mas qualquer afirmação sobre o corpo deve ser confrontada com seu sentido de significante histórico; com um discurso temporal; uma certa matriz teórica; regimes de verdade; fluxos de inteligibilidade." (DEMETRI, 2018. p.28).

[118] BENTO, B. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 30.

[119] DEMETRI, F. D. Corpos Despossuidos: Vulnerabilidade em Judith Butler. Florianópolis, UFSC, 2018. p. 30.

[120] PRECIADO, P. B.; Manifesto Contrassexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014. p. 26.

[121] Como no nascimento.

[122] BUTLER, J. Bodies that matter: on the discursive limits of sex. Nova York, Londres: Routledge, 1993. p. 2, tradução nossa.

coloca em caixas. Fugir dessa caixa é fugir de uma norma compulsoriamente estabelecida, repleta de rituais, preceitos, de uma natureza própria.

> As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.[123]

Quando ocorre qualquer tentativa ou manifestação de fuga, quando corpos masculinos ou femininos não correspondem ao que usualmente é compreendido como originário e natural, há uma estranheza de quem olha de fora, o que causa impacto no estabelecimento desses corpos no espaço, já que as normas "voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência."[124] Esses corpos se tornam abjetos, uma vez que não são legitimados pelo discurso, permanecendo no plano do não inteligível. "A transexualidade seria, portanto, a materialização do impossível, o inominável, aquilo que transcende a capacidade de compreensão[125]."[126]

A abjeção desse corpo também é dada pelos esquemas regulatórios dos corpos, a partir do momento em que não só o coloca nessa posição, como afirma socialmente a possibilidade daquele corpo ser considerado um corpo vivo e passível de luto. Esses esquemas regulatórios são manifestados pelos olhares - já que "o sentimento de repulsa, que tanto caracteriza o abjeto, é uma rejeição corpórea àquilo que põe em risco minha estabilidade"[127], ou seja, aquilo que "agride os olhos" estáveis, condenatórios, reguladores e regulados -, pelas instituições, pelo discurso. Ao mesmo tempo, colocar esses corpos nesse campo inteligível pode ser de acordo com Judith Butler, instrumento para que a subversão das normas.

> De fato, pode ser precisamente por meio de práticas que enfatizam a desidentificação com as normas reguladoras pelas quais se materializa a diferença sexual que tanto a política feminista quanto a política queer são mobilizadas. Tais desidentificações coletivas podem facilitar uma

[123] LOURO, G. L. (org). O Corpo Educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica. 2007. p. 9.
[124] Ibid., p. 82.
[125] Já que nossa própria capacidade de nomear o "ser" do sujeito depende de normas que facilitem o seu reconhecimento (BUTLER, 2015, p.17). Afirmamos isso para reforçar que estamos imersos a esse processo de construção, que age de modo a ao mesmo tempo que forma corpos, direciona o nosso olhar e nossos julgamentos perante essas normas regulatórias constantemente reforçadas.
[126] BENTO, B. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008. p. 32.
[127] DEMETRI, F. D. Corpos Despossuidos: Vulnerabilidade em Judith Butler. Florianópolis, UFSC, 2018. p. 18.

> reconceituação de quais corpos são importantes e quais ainda emergem como questões preocupantes.[128]

A subversão desses códigos normativos foi o caminho trilhado por Luca Scarpelli e Lucca Najar e explicitados nas suas videografias. A partir do momento que decidem exteriorizar sua transexualidade, explicita os limites dessas normas de gênero. Assim, se fazem como corpos a serem reescritos em sua materialidade mutável, corpos que ainda detêm a bagagem atribuída a eles durante os anos passados de percurso, mas que gradativamente buscam que inscrições diferentes sejam feitas sobre a sua superfície.

Já o Youtube serve de instrumento para os dois *creators*, já que encontram no site a possibilidade de projetarem seus corpos como corpos midiatizados e buscam que sua transgressão desse conjunto de normas, o que culmina na existência daquele corpo masculino, seja compreendida. Ao espectador é oferecida a chance de testemunhar tal construção, acompanhar os efeitos de um processo que envolve a medicina e a composição visual através da indumentária, a oportunidade de perceber a manifestação gradativa desses signos e de ouvir o discurso que narra essas experiências.

Dessa forma, aquele corpo ali midiatizado vai para a rede por decisão do seu dono e se projeta à interpretação e conhecimento dos demais. A aquele corpo poderá ser atribuído tanto um sentimento de repulsa pela sua ausência de inteligibilidade (o reafirmando em condição de abjeção), quanto servir de espelho, fonte de informação ou inspiração.

Os corpos midiatizados de Luca Scarpelli e de Lucca Najar são - conforme já levantado - manifestações de uma transformação social vivenciada em solo brasileiro nos últimos anos. Ao longo do capítulo veremos através da análise da videografia de ambos como a construção constante desse corpo, a sua exibição, a busca pela identificação e de que forma esse conjunto de relatos de si nos ajuda a compreender as circunstâncias que esses corpos estão sujeitos no cenário contemporâneo.

3.2. O espaço biográfico

[128] BUTLER, J. The psychic life of power: theories in subjection. Stanford: Stanford University Press, 1997. p. 04, tradução nossa.

A biografia percorreu na História um caminho que foi da glória ao questionamento, encontrando nas últimas décadas sua retomada, podendo contar nesse retorno com novas formas e plataformas de se depositar registros autobiográficos. O começo da delineação dos gêneros literários autobiográficos, - que Leonor Arfuch em "O espaço biográfico" afirma ter chegado a certo consenso ao colocar Confissões de Rousseau como tal –, bem como a quem pertencia o privilégio da escrita biográfica e seus usos na história foram discussões responsáveis por semear outras, nas quais o fazer biográfico contemporâneo tem se dedicado. É o caso dos historiadores e demais estudiosos das humanidades que falam sobre uma democratização da biografia[129] e o afã do consumo de vidas de sujeitos ditos comuns. Para a autora argentina, biografia é uma exaltação da individualidade, na medida em que o indivíduo passa, através desse ofício, a ter evidenciado as diferenças e as singularidades. Seria, então, um terreno de manifestação de políticas de diferença, que rejeitam o modelo único das vidas felizes[130].

Esse "espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente"[131] extrapolou na contemporaneidade aquilo que se considerava um indivíduo a ser biografado e como produzir esse registro, o que resultou na criação desse espaço biográfico defendido pela escritora argentina, concebido "em prol da pluralidade (...) para dar lugar às diversas formas que assumiu, com o correr dos séculos, a narração inveterada de vidas, notáveis ou 'obscuras'".[132] (ARFUCH, 2010. P.22).

O espaço biográfico é categorizado por Phillipe Lejeune como um reservatório das formas diversas[133] em que as vidas se narram e circulam.[134] Esse espaço de "confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa"[135] agrupa os diferentes modos de se biografar e se debruça a entender suas peculiaridades de

[129] Ou seja, ao contrário do passado momento de ápice da biografia na História, pensar que a biografia não é mais privilegio dos grandes, não somente esses – geralmente homens, brancos, públicos e com posses -, tem trajetórias consideradas passíveis de registro e publicização.
[130] ARFUCH, L. O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 99.
[131] Ibid., p. 36.
[132] Ibid., p. 22.
[133] "Era a simultaneidade dessas formas, escritas ou audiovisuais, a versatilidade de seus procedimentos, no âmbito de gêneros mais ou menos canônicos, e mesmo 'fora de gênero' (Robin, 1996), que as tornava particularmente significantes" (ARFUCH, 21).
[134] ARFUCH, L. O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010. p. 58.
[135] Ibid., p. 58.

produção e circulação dessas narrativas[136]. Assim, na nossa visão, cria-se um novo espaço que ao mesmo tempo busca diferenciar-se dos demais, mas que ainda é trilhado sob a relação dos outros mecanismos do fazer biográfico. Incluem-se como formas de biografias, as canônicas - as biografias (autorizadas ou não), autobiografias, cartas, diários, relatos de viagem, memórias, - assim como as provindas das práticas contemporâneas, como entrevistas, retratos, testemunhos, filmes, blogs, fotologs, videologs, programas de tv e internet como *reality shows* e *talk-shows*[137].

Para essa pesquisa, se faz necessário pensar a criação desse espaço provindo, entre outros fatores, da importante ampliação nos modos de se fazer uma narrativa biográfica. A ideia é pensar que essa demanda de consumo por essas vidas ditas comuns - ou mesmo as que Arfuch classifica como obscuras - não se trata de um mero sentimento voyeurista. Assim como as autobiografias depositadas no Youtube podem ser analisados para além de interesses mercadológicos e monetizados, ainda que esses se imponham[138]. Há também uma demanda orgânica pelo registro de si e pela ampliação de vozes, pela necessidade de falar, expor, se fazer existente e representado. Não atoa, o modelo autobiográfico adotado para análise nesse trabalho tem como pilares a interação, o outro, e a sua midiatização.

Como proposto, a análise das videografias de Lucca Najar e Luca Scarpelli nessa dissertação não visa traçar suas biografias sob o olhar do historiador, e sim a interpretação do historiador e da história sobre uma biografia já realizada, suas características próprias e sintomáticas do seu tempo e os possíveis usos políticos e sociais que sua circulação e abordagem acarreta com grandiosidade. Além disso, como mostrado no capítulo anterior, esse tipo de objeto ganha cada vez mais

[136] Para a autora, pensar o espaço biográfico funcionava como horizonte analítico para dar conta da multiplicidade [de formas de se produzir biografias] (ARFUCH, 22).

[137] Essas categorizações são dadas na leitura da obra supracitada, porém a divisão aqui apresentada, em categorias mais delimitadas, teve nossa influência. A importância que se deu de assim redigir foi a de trazer ao leitor a compreensão da existência de uma produção biográfica historicamente aclamada (com ressalvas ao período onde se questionavam o papel e a legitimidade da biografia para a história) e esses novos fazeres. E que, principalmente, na construção desse espaço biográfico, esse espaço de pluralidade de métodos e fazeres, a produção biográfica abordada na presente dissertação coexiste aos métodos de demais formatos de registros de si.

[138] Para a produção desse trabalho, foi de escolha consciente a não abordagem aprofundada sobre o caráter mercadológico do Youtube, embora valha reforçar que de forma alguma o negamos. Mesmo porque compreendemos que esse influencia a frequência de postagem e a linguagem elegida pelos seus *creators.* Porém, nossa hipótese é que para a História não se trata meramente de um produto rentável, mas sim de uma produção que também tem um caráter de registro de si, de divulgação de informação e fomento de debates públicos, aspectos aos quais nos apegamos. Vale ainda ressaltar que esses caráteres abordados nessa dissertação tiveram confissões de suas intenções feitas nas videografias de ambos *creators*.

relevância na cotidianidade do brasileiro, e com isso auxilia no fomento dos debates públicos e na criação de uma rede de informação, especialmente sobre assuntos pouco abordados em uma mídia tradicional.

Ao mesmo tempo, as especificidades dos personagens das videografias são levadas em consideração, contrastadas em si e com elementos da história do seu grupo no tempo presente. Desse modo, privilegiam-se as saídas individuais do sujeito, se insere e é resultado de práticas sociais diversas, concebe um novo espaço de socialização em ambiente virtual, e principalmente contempla a ideia de produzir relatos de si levando em consideração o outro[139] e o coletivo[140].

> Fazemos um relato de nós mesmo para um outro, e que cada relato que damos acontece numa cena de interpelação. Faço um relato de mim mesma para ti. Além disso, a cena de interpelação que poderíamos chamar de condição retórica da responsabilidade significa que enquanto estou engajada em uma atividade reflexiva, pensando sobre mim mesma e me reconstruindo, também estou falando contigo e assim elaborando uma relação com um outro na linguagem.[141]

A biografia assume um papel de "lugar de investimentos não apenas intelectuais, mas afetivos, políticos e memoriais".[142] Ao se colocar em um espaço que também é um espaço de sociabilidade, esses investimentos acabam por ser aflorados. Graças à tecnologia envolvida e os próprios protocolos que a plataforma criou, aproxima-se consumidor e biografado, e ao mesmo tempo expande seus usos através da sua pluralidade de sentidos angariados. Portanto, mais que pensar a trajetória percorrida na História pela biografia e sua gama de possibilidades de confecção, indagamos sobre esses diversos investimentos e os sentidos adquiridos através da criação e consumo desse modelo autobiográfico contemporâneo, audiovisual e, especificamente, tratando de narrativas de vidas "obscuras" para a história.

---

[139] O outro tem participação ativa na constituição dessas videografias. A consideração do outro é determinante em toda interlocução (ARFUCH, 29). A existência do outro condiciona a publicização desses registros (fator essencial para essa forma biográfica específica aqui abordada).

[140] O coletivo, como anteriormente trazido nessa escrita, se dá ao pensar que os indivíduos cujas videografias estão na presente dissertação abordadas servem de ilustração, como exemplo da problemática.

[141] BUTLER, J. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha;. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 43.

[142] AVELAR, A. de S.; SCHMIDT, B. B. (org). O que pode a biografia. São Paulo, Letra e Voz. 2018. p. 11.

Para Mary Del Priori[143], a biografia provinda dessa retomada do gênero na História, trata de "examinar os atores (ou o ator) célebres ou não, como testemunhas, como reflexos, como reveladores de uma época". Mais que reveladores de uma época, nossas fontes revelam trajetórias de indivíduos de um grupo, que historicamente, tanto essa prática de registro de si quanto sua representação midiática eram extremamente restritas.

Os sujeitos analisados são comuns. Anteriores a criação do canal não possuíam nenhum status de pessoa pública. Fundamentaram na criação do canal, e, portanto no exercício de se videografar, uma questão social, ao mesmo tempo "obscura" e trivial. Obscura pela sua ausência de representatividade significativa nos modelos canônicos de se biografar; na representação na mídia de massa e com pouca escuta nas tentativas de imposição da voz. Trivial, pois mesmo pautada na singularidade de ser uma pessoa não cisgênera como a maioria da população e na compreensão da ausência do debate sobre o tema na esfera pública e na mídia, retrata o cotidiano, suas ações, afetividades, anseios e posicionamentos.

Inserem-se, portanto, não apenas na demanda pelo debate público e na crescente busca por informações acerca de vivências como as deles, mas em um novo modelo de consumir narrativas de vida e de produção destas. Essa retomada biográfica "permitiu então a abordagem histórica pelo foco num indivíduo que não é necessariamente ilustre ou conhecido, exatamente porque ele não é ilustre ou conhecido"[144].

Desse modo, tratar das videografias de homens trans contribui para que afastemos de um fazer biográfico de cunho moralizante, que visava a divulgação de vivências a serem instrumentalizadas como exemplos sociais. Pelo contrário, o discurso dos Youtubers refuta a consideração das suas trajetórias como modelos únicos, e assim sublinha "o caráter plural, múltiplo e paradoxal das ações e itinerários individuais."[145]

---

[143] DEL PRIORE, Mary. Biografia, biografados: Uma Janela para a História. In: AVELAR, SCHMIDT (org). O que pode a biografia. São Paulo. Letra e Voz, 2018. p. 78.
[144] Ibid., p. 80.
[145] OLIVEIRA, M. da G. de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. Topoi (Rio J.) [online]. 2017, vol.18, n.35 [cited 2019-08-26], pp.429-446. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2017000200429&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1518-3319. http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x01803509.

Nossos objetos acabam por configurar, sendo assim, a narrativa biográfica de corpos, e mais que isso, da construção da sua materialidade. Para Judith Butler[146], o "eu" não contém história se não através de um conjunto de relações do indivíduo com um conjunto de normas. Como há pouco apontado, o corpo é uma superfície que recebe enunciados, e no caso das nossas fontes, contam com a ressignificação e reescrita destes. Tais escrituras são provindas de normas moralizantes, o que condiciona os corpos trans na abjeção.

Nesse aspecto, o relato de si de homens trans ao ser midiatizado e circulado expõe ao público esse processo de escrita em seu próprio corpo, e simultaneamente expõe seu posicionamento acerca da fuga da norma nesse "corpo estranho" e da abjeção impositiva. "Se o 'eu' não está de acordo com as normas morais, isso quer dizer apenas que o sujeito deve deliberar sobre essas normas, e que parte da deliberação vai ocasionar uma compreensão crítica de sua gênese social e de seu significado."[147]

Para o ato de relatar a si mesmo há então um exercício que inaugura o sujeito reflexivo, capaz de olhar para o si-mesmo e refletir sobre seu processo de formação como sujeito. Para Butler[148], a necessidade de contar uma história sobre nós mesmos nasce de uma convocação. A condição social que as pessoas trans se encontram na contemporaneidade, especificamente no Brasil, país que oferece a esses cidadãos uma expectativa de vida que não chega aos quarenta anos de idade[149], bem como todas as outras ramificações provindas da colocação desses corpos como abjetos, nos parece por si só, uma convocação.

Somado a essa necessidade, percebemos que a plataforma Youtube oferece aos sujeitos os mecanismos necessários para a inauguração desse sujeito reflexivo, criando assim sua cena de interpelação[150], trazendo-o a olhar para si mesmo e sua relação com as normas. Esse convite e convocação a refletir sobre si mesmo, somado a existência na plataforma de recursos de áudio e vídeo, resultam na

[146] BUTLER, J. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
[147] Ibid., p. 11.
[148] BUTLER, J. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
[149] A metade se comparada a população cisgênera brasileira.
[150] O termo interpelação é comumente usado no campo jurídico. Na obra de Butler, a interpelação se dá ao considerar que o "eu" não é apenas narrado nos relatos de si, mas também posto e articulado (Butler, 43). A cena de interpelação ocorre através, como já mencionado, da inauguração do eu reflexivo. Essa inauguração será explanada nas próximas páginas, principalmente ao pensarmos o exercício de se rememorar de acordo com a obra de Marie-Christine Josso (2012). Para mais sobre a relação entre interpelação e relato de si, ler BUTLER, Judith. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

criação desse corpo midiático e desse corpo que reflete, que fala, que é ouvido, que se expõe, questionando as construções acerca da materialidade do seu corpo, quais os discursos que eram e os que serão inscritos sobre essas peles e de que forma ele se porta e portará em relação a esse conjunto de normas. “A exposição, como a operação da norma, constitui as condições de meu próprio surgimento como ser reflexivo, um ser dotado de memória, um ser de quem se poderia dizer que tem uma história para contar.”[151]

As videografias, portanto, surgem não só para relatar a experiência desses sujeitos perante o conjunto de normas impositivas socialmente, mas também relata a experiência de confronto e fuga destas, a vivência de quem a partir daí é colocado em um lugar do humanamente não reconhecível.

3.3. O corpo que fala: os relatos iniciais

A partir da discussão sobre a construção dos corpos, o papel do exercício de se biografar para que - nas palavras de Tobias Raun - o corpo midiático acontecesse, prosseguiremos na discussão de entender esse processo de formação. Este se dá em tela, como afirmado no capítulo anterior e oferece ao espectador a chance de acompanhar essa construção e sua emancipação. Enquanto as videografias revelam esse processo através dos exercícios de rememoração e registro de si, quem assiste sua publicização testemunha as mudanças, os entusiasmos, os anseios.

As próximas páginas dedicam-se a refletir sobre os que categorizamos como relatos iniciais. Compreendermos o corpo como um processo, passível de obter fissuras que podem nos levar a questionar o status imutável da própria materialidade[152], aqui serão levantados os relatos de si das videografias de Lucca Najar e Luca Scarpelli cujo discurso oferece ao leitor enxergar o início desse processo de constante materialização, que caminha para a aproximação de um corpo condizente com a autoidentificação dos sujeitos abordados. É o entender-me como sou, para onde quero ir, partindo do gênero com o qual se identificam.

---

[151] BUTLER, J. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha;. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 32.

[152] DEMETRI, F. D. Corpos Despossuidos: Vulnerabilidade em Judith Butler. Florianópolis, UFSC, 2018. p. 43.

Esse seria o nascimento de um sujeito relatado. Philipe Lejeune[153] ao tratar do já citado pacto biográfico, nos diz que o ponto de partida da escrita de uma biografia não mais necessariamente será o seu nascimento. O "dia um" das nossas fontes, conforme aqui já mostramos, foi o do seu entendimento como um sujeito masculino e como uma pessoa transgênero[154]. Por mais que os relatos ainda tragam experiências anteriores a esse processo de entendimento, ou que fazem parte da trilha que leva até esse fato, a leitura dessa trajetória que nos é apresentada é de alguém buscando em sua memória manifestações dessa sua condição que explicita ao outro de que forma sua transexualidade estaria se manifestando ao longo da sua vivência como um corpo feminino.

Marie-Christine Josso[155] considera um Corpo Biográfico o Corpo Falado, um corpo que fala. Ou seja, um corpo sempre presente, que se relaciona - e onde é redigido sob sua pele microrrelatos-, um corpo que fala do seu passado e que busca uma via de passagem, que se anuncia, se rememora e se entende como um *Eu é o corpo* ou do Eu-corpo[156]. Para a autora, o processo de reflexão biográfica é uma caminhada, uma viagem,

> ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas no decurso do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa à descoberta e à compreensão de que viagem e viajante são apenas um.[157]

Desse modo, o exercício de buscar se conhecer – o que possibilita que o Corpo Biográfico se forme – não seria apenas entender que somos produtos das nossas experiências, mas sim se conscientizar dos seus investimentos e objetivos,

---

[153] LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2008.

[154] Aqui cabe a diferenciação. Entendemos que compreender-se enquanto homem implica na construção de uma masculinidade através dos signos atribuídos ao gênero, enquanto o entender-se enquanto trans implica em questões diferentes, embora coexistentes. Embora salve particularidades, tanto homens trans quanto mulheres trans compartilham de uma condição estipulada socialmente, principalmente em torno da categorização daquele sujeito como abjeto.

[155] JOSSO, M.-C. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

[156] A autora, nas notas, afirma que esse conceito é utilizado no trato de doenças psíquicas, mas que em sua obra "significa exclusivamente a evidente materialidade [do corpo] ou a encarnação do Eu".

[157] JOSSO, M.-C. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. p. 21

compreendendo “as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar”.[158]

Assim, compreenderemos com êxito o caminho percorrido para que aquele corpo se tornasse falante, a partir do conhecimento de si, o que tanto pode se aplicar no período de entendimento das nossas fontes acerca de si e do seu gênero, como no ato de se videografar. Especialmente nos que aqui apresentaremos como relatos iniciais, fundamentam a videografia e apresenta ao espectador esse decurso de autoconhecimento. Assim, procura

> envolver os nossos diferentes modos de estar no mundo, de nos projetarmos nele, e de o fazermos na proporção do desenvolvimento da nossa capacidade, para multiplicar, alargar, aprofundar as nossas sensibilidades para nós mesmos e para o mundo, para questionar as nossas categorias mentais na medida em que se inscrevem numa historicidade e numa cultura.[159]

“Eu nunca me identifiquei como uma menina”. Essa frase é (salvo adaptações) proclamada tanto no vídeo “Como eu descobri que eu era um homem trans”[160], do Lucca Najar, quanto “Como contei que sou trans”[161], do Transdiário. A partir dessa afirmativa são narrados fenômenos anteriores que justificam essa fala na jornada do conhecimento de si, mostrando aquilo que só se tornou concreto no andar dos anos. No caso de Lucca Najar é relatado que até o completar uma década de vida, não era claro a ele que não se tratava ali de um menino, visto que ele buscava se parecer mais com o pai e menos com a mãe, esta permitindo que a criança se compusesse no vestual com aquilo que era atribuído a um menino. Nessa afirmativa do Youtuber já percebemos de que forma os signos se impunham ainda na infância por meio da figura dos seus genitores, e é trazida nesse relato a cobrança de terceiros para que Lucca se assemelhasse a maneira de ser e agir da sua mãe.

Ao entrar na adolescência, o que Najar nos relata é uma maior cobrança na adequação do que se espera de uma menina, principalmente através da manifestação da sua puberdade. “Primeiro me identifiquei como uma lésbica, e

---

[158] Ibid., p. 22.
[159] JOSSO, M.-C. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012. p. 22.
[160] NAJAR, L. Como DESCOBRI que eu era um HOMEM TRANS. 2016. (04m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wSK1AZ-7FaY. Acessado em: 14 de Julho de 2019
[161] TRANSDIARIO. COMO CONTEI QUE SOU TRANS. 2016. (08m37s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r-onLh-cRDw. Acessado em: 14 de Julho de 2019

depois como uma lésbica masculina"[162]. Essa trajetória que envolvia primeiramente uma saída do armário no que diz respeito a orientação sexual e a *posteriori* de que forma essa orientação afetava na performatividade também é relatada por Luca Scarpelli:

> E aí comecei a viver a minha sexualidade e tal, a me desprender que os padrões em que eu vivi muito em Belo Horizonte. Comecei a me vestir mais do jeito que eu queria, comecei a usar as coisas que eu queria, passei a ir nos lugares que eu gostava, e comecei a viver a minha sexualidade. Eu pensava que era isso sabe, que pronto eu tinha me encontrado.[163]

O dono do "Transdiário", ao contrário do outro *creator*, precisou sair de Belo Horizonte e ir para outra cidade para vivenciar sua experiência como uma mulher lésbica. Porém, nesse relato, Scarpelli afirma que havia um contínuo desconforto à medida que ainda tendo essas novas experiências na cidade de São Paulo, não conseguia se enquadrar:

> Tipo, eu nunca me identifiquei com as lésbicas masculinas. Por mais masculina que eu fosse na época eu não conseguia me identificar, não consegui me enquadrar nesse cenário assim. Pensava: tá, elas são mulheres masculinas, eu não sou assim. Não é esse meu jeito.[164]

Ao entrar na adolescência a inquietação avançava e apontava para a não identificação como um sujeito feminino, ainda que considerada masculinizada. Há semelhanças entre ambos os relatos, principalmente ao abordar que o seu entendimento veio através de uma pesquisa motivada por conflitos internos.

> Eu entrei num momento de muita crise. E nessa crise de identidade, não tava me entendendo. Todos os dias eu tava chorando. Porque eu tava me sentindo muito mal comigo mesmo, e eu não sabia exatamente por que. Presentemente, na mesma época, eu conheci dois homens trans. Eu me identifiquei muito e eu comecei a pesquisar vídeos no Youtube, e comecei a entender a ler sobre. E aí eu me assumi homem trans. Não tem uma fórmula, não tem um jeito (...) jeito certo ou jeito errado, um momento sua ficha cai. E eu entendi quando eu realmente não me identificava mais como uma mulher, não sei exatamente... o momento certo, mas... acontece, chega uma hora que você não se aguenta mais.[165]

O que percebemos pelo relato de Lucca Najar é que o período da adolescência e início da fase adulta foi crucial para o desencadeamento dessa crise que posteriormente teria na sua identificação como transgênero a forma de tentar saná-la.

---

[162] NAJAR, L. Como DESCOBRI que eu era um HOMEM TRANS. 2016. (04m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wSK1AZ-7FaY. Acessado em: 14 de Julho de 2019

[163] TRANSDIARIO. op. cit., (08m37s)

[164] TRANSDIARIO. COMO CONTEI QUE SOU TRANS. 2016. (08m37s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r-onLh-cRDw. Acessado em: 14 de Julho de 2019

[165] TRANSDIARIO. COMO CONTEI QUE SOU TRANS. 2016. (08m37s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r-onLh-cRDw. Acessado em: 14 de Julho de 2019

> Na minha adolescência eu consegui viver um pouco do que era esperado do padrão; tentei me encaixar o máximo que eu consegui. Até o momento que, meu, ficou insustentável para mim. Graças a Deus acabei escola e me mudei para São Paulo para fazer faculdade.[166]

Assim como Najar, Scarpelli narra a tentativa de adequação nesse período, o que ocasionaria essa espécie de insustentabilidade de si próprio, a qual a mudança para São Paulo (nesse caso) poderia servir de estopim para a resolução dessa questão. Scarpelli traz maiores detalhes desse processo de entendimento que se deu através de sucessivos eventos que foram contribuindo para a chegada de tal resultado:

> E eu vim [para Lisboa] com a minha namorada, e a gente conversava muito sobre vários assuntos (...) E aí o dia calhou da gente discutir sobre pessoas trans, e ela me fez uma pergunta, eu lembro que nunca mais saiu da minha cabeça que foi: se eu tivesse nascido numa família mais liberal, se eu teria optado por fazer a transição. E aí aquela pergunta me martelou, (...) isso ficou na minha cabeça, foi a primeira vez que eu verbalizei assim, tipo eu já tinha pensado, eu já tinha pesquisado sobre pessoas trans várias vezes, sobre cirurgias, era meu pequeno segredo que eu deixava guardado. Eu mentia para mim mesmo eu falava: ah não, é só curiosidade e não sei o quê e tal. Passei a falar com os meus amigos sobre isso, se eu tivesse nascido em um ambiente mais favorável e tal talvez eu teria feito a transição (...). No carnaval desse ano, pouco antes do carnaval, a gente foi para o Brasil. Eu convivi mais com uma amiga nossa que é trans, tipo, a gente começou a discutir mais assuntos, sobre a pauta, Quais são os problemas enfim, eu comecei a pensar muito mais sobre esse assunto sabe? Para mim um momento muito decisivo foi quando ia rolar a passeata do orgulho trans. E aí a gente foi. Foi muito bizarro. Porque sim, eu cheguei la e na cabeça pensei: a gente tá aqui pela nossa amiga, a gente tem que lutar por um mundo melhor, com mais respeito para ela e para as outras pessoas trans. quando chegou lá eu me vi naquela situação, aquilo era eu, sabe? Eu olhava para Carol e dizia: meu, olha essas pessoas. Olha esses meninos, sou eu sabe? Sou eu que tô aqui eu fiquei muito emocionado muito mesmo[167]

Nesse momento nasceria Luca na perspectiva de nascimento que vem sido tratada nesse trabalho. Esse auto reconhecimento no caso das nossas fontes é relatado como emoção e como anseio. “Com o passar do tempo, quando eu descobri que eu podia ser um homem, por favor, eu quero isso”[168]. Aparece em seguida a vontade de externá-lo. Apesar do afã de se identificar a terceiros e assim existir ao mundo após esse nascimento, é trazida ao espectador a ideia de conflito em relação ao sair do armário pela segunda vez, como Najar introduz em seu vídeo aqui abordado. A enunciação desse sujeito como masculino romperia com toda uma

---

[166] NAJAR, Lucca. Como DESCOBRI que eu era um HOMEM TRANS. 2016. (04m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wSK1AZ-7FaY. Acessado em: 14 de Julho de 2019

[167] Ibid., (04m57s)

[168] Ibid., (04m57s)

trajetória vivida como uma mulher, e que ao longo do tempo despertou em quem o cercava leituras e expectativas em torno daquele sujeito até então feminino.

Somado a isso há a evidente desinformação sobre o assunto da transexualidade que a sociedade parece estar imersa e/ou dotada de dogmas de uma tradição religiosa-cristã que visa reprimir esse "comportamento". Isso se reflete nos números que tem sido trazidos ao longo desse trabalho, na baixa representação midiática, na pouca presença desses sujeitos na vida pública e também na necessidade que o público desses dois canais (assim como em outros) expressa sentir sobre a existência dessa plataforma e que vem desempenhando um papel para o outro que será melhor explorado no capitulo seguinte. Não podemos ignorar também que há significativa parcela populacional que mesmo com conhecimento adquirido sobre a questão social aqui levantada, opta por permanecer na manutenção e na propagação de preconceitos.

Sobre esse processo de se preparação para a nova saída do armário, Luca Scarpelli narra:

> Aí voltei para Portugal, fiquei com aquilo na cabeça, e vi como resolução; não dá mais para esconder da minha família. Beleza. Escrevi uma carta e guardei no meu computador. E aí deixei essa carta lá guardada, eu falei: quando eu tiver coragem eu vou mandar essa carta. Passou o tempo e eu não tive coragem de mandar. Aí não sei por que eu e a Carol estávamos vendo uns vídeos no YouTube de uns caras trans. Eu comecei a ver a transição deles e pensei: eu quero isso, isso é o que eu sempre sonhei, o que ele fala, o que ele disse, o que ele passou sou eu! E aí naqueles cinco minutos eu falei: se eu não mandar o e-mail agora para minha família eu não vou mandar nunca mais. Aí eu abri meu computador, fui lá editei e falei: Olha, eu acho que eu sou trans, eu não sei o que é que isso quer dizer ainda, eu preciso contar isso para vocês. Depois disso eu fiquei aterrorizado[169]

A recepção da notícia e sua preparação serão trabalhadas adiante em "A transição é coletiva", uma vez que trataremos tais atos como estopins para transformações que afetam terceiros. O que observamos nos dois relatos acima e que cabe ressaltar é a menção ao Youtube como plataforma de busca de informação e conhecimento por parte de quem hoje é utilizado nessa mesma função em posição inversa. De fato o site se configura como importante plataforma de informação inclusive a quem hoje a produz. Esse caráter informativo tem um capítulo reservado a ele a *posteriori*. Aqui, se deve salientar a importância desempenhada

[169] NAJAR, L. Como DESCOBRI que eu era um HOMEM TRANS. 2016. (04m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wSK1AZ-7FaY. Acessado em: 14 de Julho de 2019

pelos vídeos nesse momento de questionamento, mesmo que este tenha tido raízes também em outras ocasiões, como aponta o “Como contei que sou trans”.

Com o andar da produção de novos relatos, retoma-se a consulta a um eu passado, apresenta ao espectador uma questão na época aparentemente nebulosa e aplica a ela uma visão presente, de um sujeito que já se identifica como homem e enxerga nesses ocorridos manifestações dessa subjetividade.

Em “HOMEM TRANS: infância e adolescência feat. Luca Transdiário l Lucca Najar”[170], feito em parceria entre os dois *creators*, por exemplo, é mencionado um uso anterior da internet e das redes sociais, que na adolescência se deu por intermédio de perfis *fakes*. Apesar de serem perfis falsos, com fotos e informações que não correspondiam exatamente com o dono da página, no vídeo ambos salientam a importância que esses perfis tiveram em uma espécie de experimento da vivência de um homem, ainda que somente em âmbito virtual.

> Lucca Najar: - “Todas essas histórias fazem parte de uma construção sabe, de chegar até aqui. Porque pelo menos pra mim, o fake significava muito mais que um fake, era realmente uma vivência, um corpo masculino, sabe? De ser lido como homem ali”.
>
> Luca Scarpelli: - Pra mim foi muito uma válvula de escape assim, tipo, era aquele lugar em que eu poderia ser quem eu queria ser! Quem eu realmente era, então assim... eu não via aquilo como eu tô enganando aquela pessoa, na verdade eu sentia que eu estava sendo sincero só com aquela pessoa.[171]

Conforme Najar, a utilização anterior de imagens de um indivíduo do sexo masculino para a criação de um eu fictício na internet era encarada por ele a possibilidade da materialização de um corpo masculino para chamar de seu. Confundia-se a ficção e a realidade, o anseio do que queria ser (ou de como queria aparentar ser) com o que era lido naquele corpo que manuseava o mouse e o teclado no comando daquele perfil nas redes sociais.

Diferente do perfil *fake* utilizado por eles na adolescência, no presente através dos seus canais não se desenham Pierres ou Bernardos[172], não se utilizam imagens de outrem, e são ali registrados acontecimentos que ultrapassam o limite do virtual. Materializa-se o anseio aqui traçado através dos relatos em viver conforme o gênero que se identifica em corpo, em transformação e reafirmação.

---

[170] NAJAR, L. HOMEM TRANS: infância e adolescência feat. Luca Transdiário l Lucca Najar. 2017. (10m21s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tUVyjz31iKg&t. Acessado em: 15 de Julho de 2019

[171] Ibid., (10m21s)

[172] Esses nomes foram utilizados por Lucca Najar para nomear os seus perfis fakes, por isso aqui a sua utilização de forma ilustrativa.

A partir desses relatos, fundamenta-se no imaginário do espectador esse processo em uma ideia de começo. Não é por acaso nossa categorização desses vídeos como introdutórios, já que são hospedados ainda no início do canal, contribuindo ao chamado do engajamento daquele que acompanharia essa trajetória, podendo firmar ali o pacto que Phillipe Lejeune nos apresenta.

A autoafirmação desses sujeitos ao mundo permite a sua existência, legitima a trajetória a ser trilhada, bem como encontra em passagens anteriores possíveis manifestações que refletem no processo descrito e no que ele desencadeará. Na relação entre os sujeitos envolvidos nesse exercício de videografar-se e consumir essas videografias, esses relatos iniciais – e aqui chamamos não só os dois vídeos que abrem esse ponto do trabalho, como o “Oi, pessoal” e o “Eu sou trans” que foram abordados no capítulo anterior – apresentam o eu-narrador-protagonista que compõe a videografia.

3.4. (Trans)gredir as normas: processo transexualizador e transformação da materialidade dos corpos

Nesse ponto do trabalho traremos os relatos sobre as mudanças físicas ocasionadas desse processo em cada um deles. Esses relatos ocupavam parte significativa dos catálogos dos vídeos de seus canais, especialmente no início da sua sequência de publicações. Tanto o canal Lucca Najar quanto o Transdiário nasceram praticamente ou totalmente em conjunto ao primeiro acesso à testosterona. É-nos apresentado assim um diário da hormonização a *priori*, com espaço de tempo definido cuja intenção é apresentar ao espectador as mudanças ocasionadas pelo uso da testosterona. No decorrer da videografia, aparecem também (e aqui também serão abordados) vídeos sobre procedimentos cirúrgicos, em especial a mastectomia[173].

O sistema de saúde público brasileiro tem como responsabilidade fornecer os aparatos médicos necessários no processo de readequação do indivíduo ao gênero com o qual se identifica por meio da Portaria GM nº. 1.707, de 18 de agosto de 2008. Isso passaria tanto por procedimentos cirúrgicos, até pela terapia hormonal e o acesso a um acompanhamento psicoterápico. Estabelece uma idade

[173] Que é o procedimento que ambos Youtubers passaram.

mínima de dezoito anos para o acesso ambulatorial e de vinte e um anos para os procedimentos cirúrgicos. A rede particular de saúde também, em tese, tem a orientação necessária para o tratamento de pacientes transexuais. No caso das nossas duas fontes, foi na rede particular a procura de ambos para o início do seu processo de readequeação.

> "O objetivo é atender as pessoas que sofrem com a incompatibilidade de gênero, quando não há reconhecimento do próprio corpo em relação à identidade de gênero (masculino ou feminino). A condição transexual, em nossa sociedade, gera um intenso sofrimento ao não se reconhecerem no corpo biológico. Esta situação leva a diversos distúrbios de ordem psicológica acompanhados de tendências à automutilação e ao suicídio. A implementação do Processo Transexualizador no SUS, que regulamenta os procedimentos para a readequação sexual, se insere no contexto da Política Nacional de Saúde Integral LGBT e o desafio subseqüente é a garantia do acesso a todas as pessoas que necessitam desta forma de cuidado."[174]

Esse trecho foi retirado da página do Ministério da Saúde brasileiro que apresenta ao internauta o Processo Transexualizador do SUS (Sistema Único de Saúde). Esse processo

> compreende um conjunto de estratégias de atenção à saúde implicadas no processo de transformação dos caracteres sexuais pelos quais passam indivíduos transexuais em determinado momento de suas vidas. Não se trata, portanto, do estabelecimento de diretrizes para a atenção integral no sentido estrito, mas daquelas ações necessárias à garantia do direito à saúde circunscritas à passagem para a vivência social no gênero em desacordo com o sexo de nascimento.[175]

A importância de trazer ao texto como se dá o acesso a população brasileira a esses serviços - ainda que as vias públicas não tenham sido utilizadas pelas nossas fontes - se dá primeiramente em entender o contexto social e politico que está inserida a população trans brasileira, uma vez que não se difere tanto o processo para o início da transição. Segundamente, conforme o próximo capítulo abordará, esses canais acabam por desempenhar um papel de fonte de informação. Logo, alguns dos espectadores que acessam tais plataformas na expectativa de iniciar seu processo encontram ali possível orientação sendo que seu acesso aos serviços, por sua vez, poderá ser realizado pelo sistema público de saúde brasileiro.

É nessa série de vídeos onde com maior eficácia se encontram no nosso texto os usos do corpo para a composição dessas videografias. É nesse modelo de

---

[174] Processo Transexualizador do SUS. Disponível em: http://www.saude.gov.br/atencao-especializada-e-hospitalar/especialidades/processo-transexualizador-no-sus. Acessado em: 01 de Agosto de 2019

[175] LIONÇO, T. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. Physis (UERJ. Impresso) , v. 19, 2009. p. 44.

se autobiografar que testemunhamos sua singularidade de construí-la tendo áudio e vídeo à disposição do leitor/espectador e do ganho que esses dois recursos trazem para a absorção do seu discurso. Uma vez que as transformações corpóreas são pauta recorrente e fundamental para o registro, difusão e atribuição desse material como fonte de informação e espelho, o ganho obtido por se tratar de uma autobiografia audiovisual para o entendimento dessas transformações é irrefutável. Adiante abordado, os próprios criadores de conteúdo utilizam recursos adicionais para esse ganho, como na publicização de comparativos tanto de imagem quanto de som (ao tratar das mudanças na voz) de um período anterior e o atual do tratamento hormonal.

Em "COMO INICIAR A HORMONIZAÇÃO - HOMEM TRANS"[176] é dado um percurso médico que Lucca Najar percorreu para finalmente iniciar sua hormonização. A primeira dose - tomada entre oito e nove meses após assumir-se homem trans - é comemorada ainda no início do vídeo. Ao longo do seu discurso, é relatado a ainda não manifestação aparente dos efeitos do hormônio, visto a proximidade do ocorrido com a produção do vídeo. Najar relata que sua passagem teve início em uma consulta com uma psicóloga[177], profissional que ele já utilizava os serviços antes de sentir a necessidade de iniciar o tratamento hormonal. Sentindo-se preparado para tal, começaria o acompanhamento com o psiquiatra, que teria, segundo o *creator*, a importância de dar um laudo que “confirma”[178] sua incongruência com o gênero atribuído no nascimento. Por último, um endocrinologista veria através de exames qual o melhor tipo de hormônio a ser utilizado pelo paciente, e assim inicia-se o tratamento hormonal.

Há alguns pontos relevantes nesse relato que carecem de menção. Além da narrativa em torno do processo de transexualização, ele vem acompanhado de alguns alertas. O primeiro de que o processo é individual. Segundo, que a hormonização não deve ser feita sem o auxílio de profissionais especializados, visto os possíveis efeitos colaterais provindos de um não acompanhamento. Também, que esse é um processo que demanda uma mudança de hábitos[179] para

[176] NAJAR, L. COMO INICIAR A HORMONIZAÇÃO - HOMEM TRANS. 2016. (06m17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KSEubWP-9I8. Acessado em: 22 de Julho de 2019

[177] Profissional que ele diz recomendar aos demais, e ressalta a importância de manter-se no acompanhamento com esse tipo de especialista para o auxílio no autoconhecimento.

[178] Palavra usada pelo Youtuber, com aspas feitas pelo gestual.

[179] É dado os conselhos do não abuso no uso de álcool e o não uso do tabagismo.

o cuidado da saúde como um todo. Algo similar é mencionado em “1 Mês em Testosterona | FTM”, do canal Transdiário.

> Existem várias pessoas trans, que pela dificuldade financeira ou pela dificuldade de conseguir um bom médico, fazem o tratamento por conta própria. Isso é muito complicado, porque cada pessoa tem um corpo muito diferente. A dose varia de acordo com o seu próprio organismo e como é que seu corpo metaboliza esse hormônio.[180]

Por fim, em mais de um momento do vídeo de Najar[181] há pouco abordado, é salientado a importância da busca por profissionais que saibam lidar com pacientes trans e os trate com o devido respeito a sua questão. Esse alerta vai de encontro a dados que mostram que ainda há um déficit de profissionais e de capacitação destes no trato da questão. Em pesquisa realizada pelo Hospital das Clínicas da USP e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por exemplo, mostrou que mais de 43% dos 626 transgêneros entrevistados evitam serviços de saúde dada exclusivamente a sua condição de pessoa trans. A maioria, 58,7%, afirmou ter sido vítima de discriminação durante um atendimento médico, indo aos centros de saúde como única alternativa.

A ênfase em narrar e citar os diversos profissionais envolvidos no processo de transição de Lucca Najar é importante visto que até o Ministério da Saúde (2016), em cartilha voltada a população trans em 2016, afirmava que

> O atendimento à população trans demanda do profissional de saúde o engajamento em equipes multiprofissionais. A equipe multiprofissional, pela convergência de saberes e práticas que possibilita, pode com maior sucesso atender à complexidade das demandas trazidas por tais sujeitos.[182]

A cartilha também admite a barreira criada pela pouca experiência do sistema de saúde em relação à saúde trans, da dificuldade de acesso ao Processo Transexualizador e ressalta a existência da transfobia.

Desse modo os relatos de si, acompanhados da contextualização e dos alertas, acabam por levar informação a alguns lares e a pessoas imersas na

---

[180] TRANSDIARIO. 1 Mês em Testosterona | FTM. 2016. (04m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N7v8wKsWzh0&t. Acessado em: 22 de Julho de 2019

[181] Sobre a questão de acesso aos profissionais e o processo de transição, nos deteremos ao relato de Lucca Najar, visto que o início do processo de Luca Scarpelli se deu em Portugal. Apesar de tratar no vídeo “2 Meses em T + diferenças Portugal e Brasil | FTM” das questões médicas nos dois países de forma comparativa, para o trabalho é interessante focar em como se dá o início do processo em nosso país. Porém, os relatos de Scarpelli, assim como já exemplificado em momentos anteriores desse texto, é de importância para entendermos a narrativa sobre o processo de transição como um todo, até mesmo pelo público direcionado pelo canal Transdiário sempre ter sido o brasileiro, e os procedimentos acabarem sendo similares. (A maior diferença, segundo Scarpelli entre Portugal e Brasil é na quantidade e capacitação dos profissionais de saúde).

[182] Cuidar bem da Saúde de Cada Um. Ministério da Saúde. Disponível em: http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf. Acessado em: 31 de Julho de 2019

desinformação - reforçada pelos órgãos responsáveis pela garantia de saúde e cidadania dos transexuais -, sejam trans ou não. Assim, ao narrarem suas trajetórias desde o início do tratamento, salientando a dificuldade, a ansiedade e principalmente a importância de um acompanhamento qualificado, esses rapazes possibilitam o engajamento do espectador à sua história, podendo ainda contribuir para quem busca ali entender mais sobre esse processo para iniciar o seu.

Para esse trabalho, optamos por acompanhar o primeiro ano de transição hormonal de cada um dos Youtubers. Como levantado anteriormente, esse tratamento recebe atualização praticamente mensal nos dois canais em uma espécie de diário. Com esses relatos, buscam não só o seu mero registro como sua publicização que se pressupõe um engajamento e ao mesmo tempo sua utilização como espelho. Através desses discursos, podemos notar a comemoração dos resultados, os relatos de possíveis efeitos colaterais e a ansiedade pela aquisição de novas manifestações do hormônio em seus corpos. Já pelos recursos audiovisuais, testemunhamos um enriquecimento que esse tipo de autobiografia pode trazer (em especial nesses casos), visto a materialidade mutável desses corpos[183], recebendo nesses corpos as escrituras que possibilitam a leitura destes como masculinos[184].

No vídeo feito após o primeiro mês de tratamento hormonal, Luca Scarpelli diz:

> Eu acho que uma das primeiras coisas que eu reparei foi o início da redistribuição da gordura no corpo. Então, agora o meu corpo está ficando mais reto. Não tenho mais, assim... tanta cintura e a minha bunda e coxa estão diminuindo de tamanho (que para mim é ótimo, porque eu odeio a minha coxa). (...) Eu senti que a minha voz engrossou um pouco. Mas bem pouco. Tipo, quase não dá para reparar ainda. Aumentou o meu ..pomo de adão. Meu peito já começou a diminuir de tamanho. Meu ombro aumentou um pouco. Ah, eu tô com muita fome... o tempo todo. Me deu um pouco de espinha no rosto, no peito e nas costas. Além disso, meu cabelo tá caindo um pouquinho. O que é muito triste, porque amo meu cabelo.[185]

Lucca Najar, também após o primeiro mês de hormonização, traz ao espectador o relato dos resultados adquiridos.

> Mudança número um: a primeira coisa que eu senti foi que eu comecei a suar muito. Mudança número dois: Pelos! Não nasceram tantos, mas o que

[183] Essa podendo ser testemunhada por olhos e ouvidos.
[184] Como veremos em alguns relatos, abordam, por exemplo, a "passibilidade", ou seja, a leitura mais constante de terceiros a aquele corpo como um corpo masculino, tendo então gradativamente menos associação a aquele corpo como um corpo trans e sim como um corpo que seria masculino desde sua concepção.
[185] TRANSDIARIO. 1 Mês em Testosterona | FTM. 2016. (04m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N7v8wKsWzh0&t. Acessado em: 30 de Julho de 2019

> existiam, eles deram... uma incorporada, digamos assim. Eu tô comprando Minoxidil. É um remedinho que ajuda a ter barba (...). Terceiro: Eu ouvi muitos meninos dizerem que a disposição deles aumentou. A minha não aumentou nada. Eu na verdade tô com muito sono. Quarta mudança: eu tô com muita fome. (...). Quinta mudança: são as espinhas. O meu rosto encheu de espinhas e não fui ao dermatologista, mas corri para a farmácia e comprei todos esses remédios que diz a lenda que são bons para espinhas. (...) a última mudança é que a minha voz está mudando. Dá para perceber que rolou uma mudança. Ela tá um pouco mais grossa e tá oscilando um pouco. [...][186]

Observa-se que os relatos apresentam familiaridades (oscilação na voz, aparecimento de acne, aumento do apetite) e apresentam também singularidades, reforçando esse processo como individual, e que ao mesmo tempo segue um horizonte similar, tendo suas convergências em alguns aspectos. Fato é que os resultados primários já são comemorados - mesmo que pela entonação da voz entusiasta – e aguça a curiosidade do Youtuber e a partir da sua publicização, do público, ao acompanhar as futuras modificações nesses corpos.

Observamos também o sentimento declarado de ansiedade na observação dos primeiros resultados. Ao completar dois meses de tratamento hormonal, Najar relata essa ansiedade:

> Uma parte importante nesses dois meses é que eu fico me olhando no espelho o tempo inteiro. Fico muito ansioso para que as mudanças aconteçam logo. Essa ansiedade às vezes pode ser prejudicial, porque as mudanças elas vão acontecendo aos poucos e com calma. Então não adianta ter pressa, que a pressa não vai acelerar e pode até piorar o processo da hormonização. [...].[187]

Nesse mesmo período, Scarpelli utiliza dos recursos visuais provenientes desse modelo videográfico e oferece através de fotografias projetadas na tela a oportunidade de comparação de fotos no estilo antes e depois para o espectador.

> Sobre os dois meses em testosterona vou colocar aqui algumas fotos [fotos do seu próprio corpo de costas e de frente depois de um mês de começado o tratamento e depois dos dois meses, abaixo.] e vou colocar também a comparação da minha voz [coloca áudios dele falando no primeiro dia depois de começado e tratamento e depois de dois meses]. O que eu reparei, assim, mais foi alteração muscular. Também porque eu tô fazendo academia e ta mudando muito rápido, eu acho. O meu cabelo que continua caindo, infelizmente.[188]

---

[186] NAJAR, L. 1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL. 2016. (06m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXyRDqUX8Gs&t. 30 de Julho de 2019

[187] NAJAR, L. Transgênero: MUDANÇAS E ANSIEDADE de um homem trans - LUCCA NAJAR. 2017. (04m22s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T6PXWO6r4VA&t. 30 de Julho de 2019

[188] TRANSDIARIO. 2 Meses em T + diferenças Portugal e Brasil | FTM. 2016. (07m07s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WJj6cvB6NCk. 30 de Julho de 2019

Figura 5. Luca Scarpelli mostrando os resultados dos dois meses de aplicação de testosterona.

Captura de tela do vídeo “2 Meses em T + diferenças Portugal e Brasil | FTM”, de 2016.

A presença de áudio nessas videografias auxilia a percepção de quem assiste e os *creators* são cientes disso, conforme visto em frases como “A primeira coisa é a voz. Vocês já repararam que ela engrossou.”[189] Essa afirmação pressupõe ainda o engajamento de quem consome esses relatos no acompanhamento do processo de transição. Notam-se estratégias diferentes. Enquanto no Transdiário é oferecido áudios comparativos da voz do Youtuber, a comparação no caso de Lucca Najar só se daria por um consumo prévio de relatos de si anteriores ao em questão.

Costumam salientar, como percebemos na atualização mensal desse diário do tratamento, as pequenas mudanças em alguns aspectos que há pouco já foram trazidos desde o primeiro mês: a voz, a barba e os pelos, a distribuição de massa corpórea e a obtenção de massa muscular, e possíveis efeitos colaterais, como a acne e o aumento de sensações como fome e calor.

A partir do terceiro mês ambos parecem notar mais efetivamente as transformações dos seus corpos. Esse entusiasmo é perceptível ainda no titulo do vídeo do canal Transdiário, “EU TÔ MAIS ALTO! - 3 meses em Testosterona” [190] onde é relatada além do acréscimo de centímetros em sua estatura, a continuidade

[189] NAJAR, L. Homem trans: VOZ, PÊLOS E BIGODE E UMA DICA MARA (minoxidil) - Lucca Najar. 2017. (08m06s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lpxPlh6y7u8. Acessado em: 02 de Agosto de 2019

[190] TRANSDIARIO. EU TÔ MAIS ALTO! - 3 meses em Testosterona. 2017. (04m42s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ht8UGiqlN1E. Acessado em: 02 de Agosto de 2019

dos resultados então já observados, como a aquisição de massa corpórea e o engrossamento da voz. É a primeira vez que é mencionado no canal o começo do andamento rumo aos procedimentos cirúrgicos relatados a *posteriori*.

Najar também aborda, dentro de um minucioso relato das transformações nos três meses de hormonização, mudanças mais abruptas, nesse caso o crescimento dos seus pés:

> Outra coisa também são as mudanças em outras partes do corpo. O pescoço, ele dá uma engrossada de fato. O gogó [...] ele tá desenvolvendo um pouco mais. [...]. A cintura, tá dando uma nivelada, ficando mais certinha e tirando aquela cintura arredondada. O ombro tá ficando mais largo. Uma coisa muito interessante é falar sobre os pés e as mãos, porque eles de fato crescem e muito. O meu pé ele realmente cresceu. Eu calçava 36 feminino e agora tô calçando 38 masculino e é tudo o que eu sempre quis, porque os tênis mais bonitos, eles são 38 e masculinos. As mãos também elas estão mais ásperas. Isso quem percebeu foi a Bruna. Minha mão era bem lisinha, bem mais macia. As linhas da mão estão mais grossas. Dá para sentir [...]. Uma mão mais pesada, digamos assim. [191]

O entusiasmo há pouco mencionado é visto em afirmações como “E eu deixei a melhor parte por último [que são os pelos]” e “Tô feliz com quê? Testosterona batendo!”[192] Nesse mesmo vídeo, o Youtuber relata a aparente interrupção definitiva do seu ciclo menstrual.

> Outra coisa é menstruação. Menstruação ela não desceu nesse último mês, mas eu tive muita cólica. Porém [...] parece que eu definitivamente não vou menstruar mais. E honestamente eu acho que essa é uma das coisas que me deixam mais feliz, de não menstruar nunca mais. Porque isso é uma coisa que eu odiava e imagino que a maioria das pessoas odeiam.[193]

A ausência da menstruação é relatada por Luca Scarpelli um mês depois, evidenciando que a manifestação da testosterona funciona de maneira diferente em diferentes corpos.

Ao completar um semestre de hormonização, Luca Scarpelli relata que para o vídeo anterior (de quatro meses) para a presente data não houve mudanças tão significativas, motivo pelo qual não existiu o vídeo de cinco meses de tratamento. Novamente, utiliza os recursos visuais para colocar fotos comparativas e os recursos de áudio para que o tom de voz fosse comparado.

A partir dos seis meses os vídeos de diário de hormonização vão ganhando maior espaço de tempo entre as postagens e são justificadas de maneiras diferentes pelos Youtubers. No canal Transdiário (ainda no vídeo de meio ano de

---

[191] NAJAR, L. Homem trans: VOZ, PÊLOS E BIGODE E UMA DICA MARA (minoxidil) - Lucca Najar. 2017. (08m06s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lpxPlh6y7u8. Acessado em: 02 de Agosto de 2019

[192] Ibid., (08m06s)

[193] Ibid., (08m06s)

tratamento), de que os efeitos acabam por serem intensificações dos que já estavam acontecendo, de maneira gradativa e sutil. É o caso da distribuição de gordura, aumento de pelos corporais e mudanças no pescoço, ombro e na mandíbula[194].

Já o canal Lucca Najar passa por um tempo sem esse tipo de vídeo, por um conjunto de dois fatores. O primeiro é uma menor frequência de postagem, o que resultou em um vídeo explicativo sobre a imposição de ter que se dedicar a vida acadêmica[195], ocasionando uma diminuição de tempo disponível para gravar[196]. O segundo motivo fica perceptível no vídeo em comemoração ao um ano de tratamento hormonal.

Najar em "HOMEM TRANS: 1 ANO EM TESTOSTERONA"[197] relata não querer relatar as mudanças físicas, se essas já encontram nas redes sociais - principalmente no Youtube - mecanismos para que o próprio espectador perceba.

> Quem é o Lucca depois de um ano? O que mudou depois da transição? Bom pessoal, mas eu não queria falar da mudança física, da voz, enfim. Essas coisas vocês podem assistir os primeiros vídeos do canal, ir no Instagram e vocês vão ver tudo isso, todas as mudanças. Eu queria falar algo mais íntimo, pelo menos pra mim. A transição foi uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida.[198]

Durante o restante do vídeo, o tom do discurso é motivacional. Além de encorajar os espectadores a se mover, a se conhecer e buscar a sua felicidade, mostra que na sua trajetória a satisfação só veio a partir do momento que a transição começou.

> Se eu não tivesse me entendido enquanto trans, se eu não tivesse iniciado a transição, eu não seria a pessoa que sou hoje. Eu hoje me considero muito feliz, um cara muito sortudo, porque eu tenho uma família que me apoia, uma namorada que eu amo, amigos incríveis. E antes da transição nem sempre foi assim. Eu era um cara extremamente fechado e inconstante. Eu queria o tempo inteiro procurar alguma coisa, sabe? Que visesse sentido, porque nada fazia sentido pra mim, sabe? (...) Quando eu dei esse passo para fazer algo, quando eu saí um pouco da minha zona de conforto, quando eu tive coragem de ir atrás de algo que eu realmente

---

[194] Tanto que são esses mesmos efeitos os levantados no vídeo de nove meses hospedado no canal.
[195] Najar explica no vídeo "EXPLICANDO POR QUE EU NÃO ESTAVA POSTANDO VÍDEO" que ele estava escrevendo seu Trabalho de Conclusão de Curso, e que ele tinha acabado de se formar.
[196] O tempo disponível, segundo o creator, foi utilizado para a gravação de conteúdo para outros canais em parceria, produzindo vídeos sobre demais assuntos que permeiam a vivência LGBT.
[197] NAJAR, L. HOMEM TRANS: 1 ANO EM TESTOSTERONA l Lucca Najar. 2017. (08m04s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gRCeUA7E11Q&t. Acessado em: 04 de Agosto de 2019
[198] NAJAR, L. HOMEM TRANS: 1 ANO EM TESTOSTERONA l Lucca Najar. 2017. (08m04s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gRCeUA7E11Q&t. Acessado em: 04 de Agosto de 2019

> queria, e não ficar aí com medo, ou esperando que as coisas resolvessem sozinhas.[199]

No vídeo da mesma temática do canal Transdiário, o discurso da felicidade após a transição também aparece. “Mudou a minha visão de mim mesmo, de como as pessoas me enxergam, tudo a minha volta mudou muito nesse ano e eu tô muito feliz com todas essas mudanças. Cara, eu acho que eu nunca estive tão feliz em toda a minha vida. [...].”[200]

Porém há também um expressivo comparativo visual e auditivo, se apegando ao contrário da nossa outra fonte, as questões das mudanças corporais.

> Agora vamos para a comparação da voz [áudios comparando a voz anterior ao tratamento e agora, um ano começado]. Cara, é impressionante o quanto a minha voz mudou nesse um ano. É uma coisa impressionante. E como é uma mudança tão gradativa, eu só consigo reparar quando eu escuto os áudios, sabe? É muito bizarro isso, mas também tô muito feliz com a minha voz. Tô muito feliz com o meu corpo. Eu acho que nesse um ano eu aprendi a me amar muito mais. A fazer as pazes com meu corpo cada dia mais. Ele tá mais perto do que eu desejo. Mais perto do Luca. [...]. Fazendo um recap rápido: eu parei de menstruar nos três meses, né, de terapia hormonal. Então já faz bastante tempo e não volta mais. Gradativamente, cada vez mais, eu tenho mais pelos no meu corpo. O quê que aconteceu nesse tempo todo? Vamos dar uma olhada na comparação de fotos [mostra fotos desde o primeiro mês até o momento de um ano em T]. Gente o meu corpo mudou muito mesmo. Além da questão da distribuição da gordura que vem mudando bastante. Além da academia que eu tô fazendo desde que comecei o tratamento hormonal que me ajudou muito a ganhar músculo e a crescer um pouco meu ombro. Meu rosto mudou muito nesse tempo todo. Meu pescoço. Tudo. Eu cresci de tamanho. Cresci três centímetros, sabe?[201]

---

[199] NAJAR, L. HOMEM TRANS: 1 ANO EM TESTOSTERONA | Lucca Najar. 2017. (08m04s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gRCeUA7E11Q&t. Acessado em: 04 de Agosto de 2019

[200] TRANSDIARIO. 1 ANO EM TESTOSTERONA + 1 ANO DE TRANSDIÁRIO. 2017. (06m52s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kBTUodCYR3A. Acessado em: 04 de Agosto de 2019

[201] Ibid., (06m52s).

Figura 6. Luca Scarpelli mostrando os resultados do primeiro ano de aplicação de testosterona.

Captura de tela do vídeo “1 ANO EM TESTOSTERONA + 1 ANO DE TRANSDIÁRIO”, de 2017

Figura 7. Luca Scarpelli mostrando os resultados do primeiro ano de aplicação de testosterona.

[202]

Captura de tela do vídeo “1 ANO EM TESTOSTERONA + 1 ANO DE TRANSDIÁRIO”, de 2017

Luca Scarpelli, ao contrário de Lucca Najar, realizou a cirurgia de mastectomia no primeiro ano de tratamento hormonal. No vídeo de seis meses de tratamento já há um breve relato da ansiedade pela cirurgia, a ser realizada pouco após o vídeo ir ao ar.

Nele, a cirurgia é apontada por Scarpelli como uma mudança física de grande importância que passará. O que se vê no vídeo de comemoração do primeiro ano em T é que se cumpriu a expectativa. “E a mais evidente de todas as mudanças nesse um ano que foi a mastectomia. Eu tô muito feliz com o resultado

[202] Optamos por trazer essa categoria de imagens antes e depois apenas quando forem abordadas pelos próprios Youtubers em seus vídeos, ao considerarmos que assim respeitamos a escolha de abordagem de cada um. Por esse motivo, trazemos aqui apenas imagens do canal Transdiário visto que é o único que optou pela utilização dessa ferramenta.

da mastectomia até agora. Um sonho realizado. Cada dia eu fico mais feliz com meu corpo."[203]

Anterior à cirurgia, o *creator* fez um vídeo sobre a ansiedade que sentia, onde relatou:

> (...) Eu tenho a minha cirurgia já marcada, tá super perto já, tô muito ansioso para a cirurgia. Parece que depois que eu comecei a tomar testosterona e começaram a aparecer alguns efeitos (voz, corpo etc), por um lado é muito bom porque eu vejo as coisas acontecendo por outro lado me deixou mais ansioso ainda pra ver mais coisa acontecendo. Cada vez que eu vou chegando mais perto do corpo que eu quero ter, parece que eu tenho mais pressa pra chegar lá. Então eu tô muito ansioso para fazer a mastectomia logo. Sobre a mastectomia, eu tive a consulta com o cirurgião, e a gente vai fazer a periareolar, vai ser pelo próprio mamilo, vai tirar tudo, coloca o mamilo de volta, o que é otimo. Não fica com grandes cicatrizes e tal...então eu tô muito feliz que vai ser esse método, mas ao mesmo tempo eu também to com muito medo porque eu nunca operei na minha vida.[204]

A ansiedade é abordada por ambos. Em "CIRURGIA HOMEM TRANS | FIZ MINHA MASTECTOMIA"[205] Najar (apesar do título) grava o vídeo anterior a cirurgia, porém no próprio dia do procedimento. O sorriso toma conta do rosto do Youtuber na maior parte do vídeo, acompanhado de um olhar marejado em diversos momentos. Com a participação ao fundo[206] da namorada, ambos se mostram ansiosos e felizes, tendo ressalva pelo paciente do amedrontamento que tem por sentir dor, não comparável à ansiedade de finalmente dar esse passo.

O resultado é sempre comemorado. Não somente por ver como ficou ou pela realização do sonho, mas também de se parecer ainda mais com aquilo que é. Compreendemos isso ao perceber a adoção constante do termo "Disforia" no discurso da videografia de Scarpelli, ao falar de traços corpóreos que mais acentuavam esse sentimento. Ele remete à categorização no CID da transexualidade de Disforia de Gênero[207]. Esse termo nos dicionários tem como

---

[203] TRANSDIARIO. 1 ANO EM TESTOSTERONA + 1 ANO DE TRANSDIÁRIO. 2017. (06m52s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kBTUodCYR3A Acessado em: 04 de Agosto de 2019

[204] TRANSDIARIO. CIRURGIA MARCADA, TÔ MUITO ANSIOSO! - Transexualidade FTM. 2017. (04m41s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sdO4gqfmE0c. Acessado em: 04 de Agosto de 2019

[205] NAJAR, L. CIRURGIA HOMEM TRANS - FIZ MINHA MASTECTOMIA - LUCCA NAJAR. 2017. (05m59s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=69pBVpQls-k&t. Acessado em: 04 de Agosto de 2019

[206] Ou seja, por trás da câmera, se manifestando apenas pela voz.

[207] Como veremos melhor no próximo capítulo, houve por decisão da Organização Mundial de Saúde, após anos de luta dos movimentos identitários junto à classe médica especializada, uma mudança no Catálogo Internacional de Doenças no trato da transexualidade. Hoje ela não configura mais uma patologia mental, um passo dentro do movimento histórico de despatologização da transexualidade. Porém, os vídeos cuja palavra "disforia" foi utilizada para falar de si mesmo por Luca Scarpelli são

explicação algo que gira em torno de sofrimento intolerável, agitação extrema. Logo, mais que sonho, a mastectomia chega aos sujeitos aqui abordados como alento.

> Fui pra casa, não conseguia me mexer direito, a minha mãe me ajudava a levantar, ela me ajudou a tomar banho porque eu não conseguia nem levantar o braço. Voltei no médico, tirei os curativos e foi a sensação mais linda da minha vida! Refez os curativos e tá com a faixa e pediu pra continuar com ela. Eu tirei a faixa agora só pra mostrar pra vocês como que tá. A única coisa é, como ele refez os curativos não vai dar pra ver meus mamilos. Tá inchado ainda, um pouco, mas já tá de boa. Sobre a recuperação, nos primeiros dias foi bastante difícil, tipo, na questão de movimentos limitados. Agora já posso fazer mais movimentos e daqui á um mês e meio, dois meses, eu ja posso voltar à minha vida normal, já posso voltar pra academia...tudo normal. Eu tô muito, muito feliz, eu sei que ainda vai desinchar muito, vai ficar cada vez melhor, mas assim, só de ver agora como tá eu já tô muito feliz mesmo.[208]

No canal Lucca Najar é produzida uma *playlist* de vídeos sobre o processo da mastectomia. Há vídeo cujo conteúdo visa explicar ao expectador os procedimentos, as possibilidades e a preparação; vídeos produzidos pela namorada do Youtuber com bastidores do dia da cirurgia e, por fim, vídeos que relatam o pós-operatório e a experiência como um todo. Em destaque, trazemos o vídeo “Tirei os peitos: COMO FOI A MINHA PRIMEIRA VEZ SEM CAMISA”[209]. Além de relatar o proposto pelo título, Najar reflete sobre o que a presença ou não de seios acarreta na vida das pessoas e a dicotomia da visão social entre os gêneros acerca desse tema.

> Inclusive no último feriado eu viajei e postei umas fotos maravilhosas. E como vocês puderam ver no título nesse vídeo, foi a primeira vez que eu fiquei sem camisa na rente de outras pessoas. Algumas vezes em casa eu ficava sem camisa dento do meu quarto. Mas quando eu tinha que sair pra cozinha, eu sei lá, pra outro lugar, eu colocava camisa porque eu tinha um pouquinho de vergonha, porque querendo ou não eu fui socializado enquanto uma menina (...) então meu cérebro pensa: Opa, calma aí, você não pode tirar a camisa. O que é péssimo ne? Porque eu acredito que todas as pessoas que gostariam de tirar a camisa em público deveriam poder tirar, sem nenhum problema sem nenhum tabu. (...)
>
> E também tem aquela questão, agora tem uma cicatriz, enfim. e eu poderia não me sentir muito confortável em tirar a camisa, mas era uma coisa que eu já vinha trabalhando e pensando em mim desde antes de fazer a cirurgia. e hoje como eu disse também, eu gosto muito da minha cirurgia, eu gosto muito da minha cicatriz. E pra mim essa experiência de tirar a camisa foi incrível. Eu me senti confortável o tempo inteiro, mesmo com pessoas

---

anteriores à essa modificação. Por isso, adotamos no corpo do texto a catalogação anterior por acreditar no emprego do termo a esse diagnóstico que os transexuais recebiam.

[208] TRANSDIARIO. Resultado Mastectomia Periareolar FTM. 2017. (06m16s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yLO76e9ADSE&t. Acessado em: 04de Agosto de 2019

[209] NAJAR, L. Tirei os peitos: COMO FOI MINHA PRIMEIRA VEZ SEM CAMISA l Lucca Najar. 218. (08m55s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=De84qb4Gt1U&t=. Acessado em: 04 de Agosto de 2019

> que eu não conhecia. (...) Foi como se a vida inteira eu pudesse realmente ter tirado a camisa, e aquele fosse só mais um dia.[210]

O que se percebe nesse relato de si de Lucca Najar é que essa diferenciação dada ao tronco de um corpo atribuído ao feminino e ao masculino acaba por também ditar a norma do próprio espaço. Quando ainda socializado como mulher, caso tivesse a mesma ação que teve na viagem relatada, o *creator* poderia sofrer algum tipo de represália ou julgamento que não acontece com os homens. Ainda que a presença da cicatriz acusasse a terceiros a transexualidade de Najar, a produção do espaço e da narrativa sobre aquele corpo seria diferente. Concluímos que a materialidade do corpo do Youtuber, tanto da ausência da mamária, quanto da presença de uma cicatriz, quanto da liberdade de tirar a camisa, não só produz o espaço como o modifica[211], e é essa modificação do espaço que percebemos tanto na cautela ao despir da vestimenta quanto ao sentimento positivo de circular sem ela depois de ter isso socialmente negado por um longo período da sua vida.

A partir da concretização dessas mudanças físicas mais expressivas, ambos os canais abrem um pouco mais o leque de temáticas, dedicando-se mais a vídeos que partem de si ou da vivência de outras pessoas trans para trazer ao público debates que se colocam urgentes e/ou são rodeados de estigmas ainda hoje. Além disso, visam acompanhar o debate público sobre a cidadania dos LGBTs, as mudanças, possibilidade e ataques. É dentro desse campo de vídeo - e do papel que ele desempenha para com seu público - que o capítulo três se dedicará, ao pensar a criação de uma rede em um espaço social *online* através da vivência do coletivo, embora ainda partindo da própria experiência em parte significativa dos vídeos. Antes, o trabalho refletirá sobre os relatos de si que tangem a materialidade desses corpos transmasculinos através de objetos e da extensão do corpo a partir da relação para com eles.

3.5. Materialidade e obviedade: indumentária e performatividade trans

[210] Ibid., (08m55s)

[211] No capítulo três refletiremos mais afundo sobre a produção e modificação do espaço e o uso do corpo nessa ação, utilizando a teoria de Richard Sennett em “Carne e Pedra – O corpo e a cidade na civilização ocidental” (2003).

Como anteriormente retratado, o processo de criação do corpo masculino por parte das nossas fontes se dá num processo de escrituras de signos compulsórios na materialidade do corpo. Se há pouco buscamos através dos relatos compreendermos o entendimento desse sujeito como homem e a busca por vias medicinais para que esse processo ocorra, aqui dedicaremos a pensar outro importante aspecto que contribui para que esses corpos sejam socialmente lidos como corpos masculinos: a atribuição de objetos ditos masculinos na composição visual desses sujeitos.

O indivíduo acaba por ser formado pelo efeito de práticas discursivas, e essas encontram no corpo a materialidade necessária para se manifestarem. Se é impossível pensar o sujeito tanto sem essas práticas discursivas quanto a sua materialidade, uma vez que isso se trata de um conjunto que constrói o indivíduo, devemos considerar que essa construção se dá na união de práticas intrínsecas e extrínsecas. Como veremos, o próprio uso dos objetos como instrumento de construção da subjetividade criava a dicotomia entre comportamentos, práticas e posturas masculinas e femininas. Ao pensar, portanto, o sujeito como resultado de uma prática discursiva, encararemos que estas apresentam possibilidades do exercício do poder sobre os corpos, e portanto, "designam ações pelas quais se constituem modos de vida, estilos de existência, performances de gênero, reguladas pelo sistema sexo/gênero".[212] Nos relatos de si abordados nesse momento, encontraremos tanto a expectativa e a frustração em torno da vestimenta em um momento anterior ao entendimento como homem trans[213], e as modificações na relação sujeito-corpo, corpo-artefato, sujeito-artefato a partir do início da transição[214.]

> Eu lembro uma época, fui com meu primo. A gente tinha a mesma idade e eu fui com ele comprar um terno com ele porque ia ter uma festa da família.

[212] PERUCCHI, J. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição de corpos na contemporaneidade. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012. p. 89.

[213] Esses dois sentimentos, mesmo que anteriores a esse momento de autoreconhecimento, surgiam sob ação de uma sensação – mesmo que inconsciente – de dissonância para com o próprio corpo, as práticas discursivas em torno da formação deste na construção do gênero sob uma agência regulatória.

[214] Aqui atentamos que esse início da transição não necessariamente será a partir da hormonização, embora esse procedimento também modifica, como veremos, essas relações. Ao entender que processo de transição se inicia a partir do autoreconhecimento, esse será nosso ponto de partida. Além disso, como será afirmado abaixo, a mudança no vestuário é apontada pelos Youtubers como uma das primeiras ações tomadas na busca de uma autoidentificação.

> E aí ele experimentando assim, e eu com uma inveja, eu olhava e falava: velho você é muito sortudo, você não sabe o quanto você é sortudo[215]

Afinal, qual é essa dita sorte de se usar um terno[216]?

Essa fala é de Luca Scarpelli, em um vídeo produzido em conjunto com Lucca Najar e hospedado no canal desse último. Juntos gravaram dois vídeos: “Infância e Adolescência Trans” e “A Treta das Roupas”[217]. No primeiro vídeo, de onde retiramos a passagem supracitada, perpassam relatos de ambos sobre a infância e adolescência de cada um, pautando principalmente os momentos de descoberta ou confusão acerca do seu gênero nos anos que antecederam o seu entendimento como uma pessoa trans. Já no segundo vídeo discorrem mais afundo o papel que as roupas ganham especialmente para esse grupo, quando elas se tornam essenciais na performatividade do gênero ao qual eles se identificam. É nesse vídeo que nos apegaremos mais, e dialogaremos aqui as suas falas com alguns autores para pensar a materialidade singular que o vestuário recebe no ato performativo de pessoas trans. Estas invertem a ordem da performatividade, da construção do gênero, e é nesse contexto que as roupas entram com um sentido material diferente, que para as pessoas cisgênero acaba passando como algo óbvio.

José Newton Meneses[218], em fala no I Simpósio de Arqueologia dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, nos diz que os elementos materiais da cultura dão-nos compreensão de nós e dos outros. Para o autor, que nos diz que busca entender a história através dos artefatos, tendemos a naturalizar e banalizar os objetos, tornando-os assim artefatos carregados de obviedade. Os objetos seriam indistinguíveis do ser humano e não são naturais: eles carregam a história do homem, da técnica, do gestual, das práticas e relações sociais. A obviedade do objeto então traz a nós historiadores uma riqueza. É necessário pensar o óbvio, pois este nos foi dado por um processo construtivo de naturalização das práticas sociais humanas com e para com aquele objeto.

---

[215] Fala retirada do vídeo “Infância e Adolescência Trans”, do canal Lucca Najar. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tUVyjz31iKg&t Acessado em: 03 de dezembro de 2017.

[216] O uso contínuo da palavra “sorte” ao longo das afirmativas acerca da composição visual, especialmente no episódio do uso do terno não contém uma intenção na escrita para além da reprodução do termo utilizado no próprio relato.

[217] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PPHt0pF_ZCU&t Acessado em: 03 de Dezembro de 2017

[218] MENESES, J. N. C. Os elementos materiais da cultura e a percepção do banal e do óbvio. Ou, de como render-se ao óbvio. Palestra apresentada no I Simpósio de Arqueologia dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, maio de 2017. Manuscrito.

Pensando nas roupas, o processo de atribuição de uma roupa como masculina ou feminina é naturalizado. Em História das Coisas Banais[219], de Daniel Roche, temos um claro exemplo de que as coisas não são tão óbvias assim, e isso se dá por um objeto mínimo: o botão. O botão não foi disposto na indumentária feminina tal qual foi na masculina. E isso se deu porque o botão era considerado algo que facilitava que a roupa fosse aberta e tirada. Isso poderia, portanto, estimular comportamentos sexualizados impróprios para as mulheres, de acordo com o imaginário social. Ao longo do percurso histórico do vestuário e da sua relação com o sujeito e na construção deste, vemos que as roupas são confeccionadas atribuindo ao gênero que lhe é destinado, algum sentido. E isso acaba alimentando a determinação daquilo que se constitui socialmente como feminino e como masculino. Mais que isso, constitui de forma plural essas noções, pois o vestuário tem a capacidade também de atribuir ao indivíduo lógicas sociais hierarquizantes. Nesse sentido, segundo Gies[220],

> Uma das diferenças mais óbvias é que as pessoas vestem a roupa, e esta permanece em contato direto com o corpo, é parte da apresentação da pessoa como indivíduo no seu contexto social e, por causa disso, a sua capacidade de tornar públicos os sentimentos e valores de quem as veste e de quem as observa é imensa, possivelmente mais do que qualquer outro objeto. As roupas estão sempre em evidência devido à sua constante exposição.

Quando Luca fala que o primo não tem noção da sorte que ele tem por poder usar na festa de família um terno, uma vez que o nosso enunciador até então socialmente considerado uma menina teria que usar um traje do setor lojista feminino na ocasião, é porque para esse parente a obviedade do uso do terno lhe foi dada. Ele não tem consciência que está performando masculinidade, e mesmo se tivesse para ele a masculinidade é em sua consciência intrínseca. É inconsciente por ser obvio, e é obvio porque se torna inconsciente, não se convida a reflexão dessa obviedade, pois, como uma segunda natureza, se impõe e se enraíza, tornando esses hábitos e práticas naturais ao ser humano, e não fruto de escolhas.

O anseio por transmitir socialmente que ali se trata de um corpo masculino faz com que a adoção de peças de setor masculino da indústria da moda seja até anterior a qualquer modificação corpórea. Scarpelli no “A treta das roupas” nos informa que o vestuário é uma das primeiras coisas que o indivíduo trans modifica

[219] ROCHE, D. História das coisas banais. Nascimento do consumo. Séc. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
[220] GIES, S. Cultura Material e Design de Moda Contemporâneo: uma Metodologia Aplicada. In: 4° Colóquio de Moda, 2008, Novo Hamburgo. 4" Colóquio de Moda CD de Anais, 2008. p. 5.

quando passa a performar o gênero com o qual ele se identifica, justamente porque a roupa é instrumento de categorização social.

> Assim, o vestir precede à comunicação verbal ao estabelecer uma identidade individual de gênero, assim como as expectativas para outros tipos de comportamento (papéis sociais baseados nessa identidade). A importância do vestir na estruturação do comportamento procede do fato de que a informação que é transmitida de pessoa a pessoa pela roupa, não é claramente traduzida em palavras. Devido a que o estabelecimento de formas de gênero ao vestir masculino e feminino fornece uma maneira visualmente econômica para reforçar o fato de que as pessoas têm órgãos sexuais que são a distinção primária entre os sexos, as roupas servem tanto ao macro sistema biológico quanto ao macro sistema social.[221]

Os dois Youtubers relatam a importância que tiveram ao usar o primeiro terno, por exemplo. Pois pra eles isso ganharia outro sentimento de materialidade que não o para as pessoas cisgênero: é um elemento material que é utilizado para performatividade de um gênero que você se identifica, mas que lhe é socialmente negado, pautado como temos visto ao longo do trabalho num discurso do que é "natural, biológico e moral". Quando ambos refletem sobre o ato de comprar e usar determinada vestimenta como privilégio, ao conseguir através do tratamento hormonal melhorar a relação estabelecida entre corpo e indumentária dita masculina, também é comemorado, relatando inclusive uma melhora no conhecimento do próprio corpo e das transformações que estava sujeito.

> A partir daí que eu me assumi homem trans foi que eu entendi melhor meu corpo. Entendi melhor meu gosto e o que eu gostaria de usar e vestir e me sentir a vontade de ir na sessão masculina e comprar roupas. Recentemente eu criei coragem de ir no vestiário masculino sozinho. Eu peguei uma roupa masculina e fui no vestiário masculino sozinho. Eu tô muito feliz de conseguido ir e ter experimentado as roupas[222].

Os Youtubers chegam a relatar a relação das roupas com a transição realizada pelo uso de Testosterona. Eles dizem perder grande parte das roupas a partir das transformações corporais[223]. Como vimos há pouco, graças à redistribuição da gordura corporal, aumento da estatura, diminuição do acinturamento.

> Eu perdi já grande parte das minhas roupas. Eu acho que é um problema. Acho que todo mundo fala de coisas difíceis durante o tratamento, mas ninguém fala que você tem que mudar praticamente todo o seu armário.

---

[221] STREY, M. N. de. Corpos e Subjetividades em Exercício Interdisciplinar. Porto Alegre, EDPUCRS, 2004. p. 150.

[222] Esse vídeo foi gravado ao completar um mês de tratamento hormonal de Lucca Najar. Lucca Najar. 1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL. 2016. (06m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXyRDqUX8Gs&t. Acessado em: 04 de Dezembro de 2017

[223] É válido aqui reforçar que grande parte se identifica e performa seu gênero anterior ao início do tratamento hormonal, até mesmo por questões da legislação brasileira.

> Porque eu tô no meu segundo mês de tratamento e praticamente todas as minhas camisetas já não me servem[224].

São comuns, principalmente no canal Transdiário a abordagem sobre *packers*, pênis geralmente de silicone, flácidos, que desempenham algumas funções para homens trans, como a criação de um volume, o auxílio ao urinar e a penetração em relações sexuais. Comumente também, a exemplo do canal Lucca Najar, temos abordagens e até tutoriais de construção de *binders*, espécie de faixa ou colete usado no peito para o auxílio da construção de uma silhueta masculinizada, inibindo uma possível aparição dos seios sob a vestimenta. Ambos os objetos acabam se portando como uma extensão do corpo, ou parte daquele corpo. A construção do corpo masculino acaba se dando também nessa relação corpo-objeto.

A construção desse corpo se estabelece também na relação de si para o outro, do eu para o mundo, de mim para o coletivo. Pudemos perceber que o uso dos objetos em uma performatividade de gênero que seja adequada ao autoreconheciemento desses sujeitos se estabelece por vias conscientes e inconscientes. Se historicamente há um conjunto de coisas, práticas e comportamentos que exercem no corpo um papel construtivo da sua materialidade num enquadramento do gênero, há por parte das pessoas trans – ou seja, pessoas cuja existência transgrida dessa lógica compulsória de poder que o gênero exerce sobre os corpos – uma apropriação dos signos originados através desses fatores em prol da construção desse corpo (no caso das nossas fontes, masculino), e do reconhecimento social.

> Modos de falar, de sentar, de olhar, de transar, estilos de vestuário e de acessórios, isto é, todo um conjunto de posturas e de artefatos – vinculados às condutas e à circulação dos corpos – configuram um campo disperso de disposições socioculturais pelas quais se possibilita certo reconhecimento do sujeito social. A cena social na qual se processam as práticas que compõem os dramas da vida cotidiana é, portanto, articulada nesse jogo de possibilidades de incorporação das regularidades objetivas disponíveis. É nesse processo de construção performativa e cuidadosa dos corpos que a vida social explicita sua radicalidade.[225]

Retornando a obra de Joan Scott, encontramos no gênero como categoria de análise histórica, somado ao fato que esse gênero encontra em artefatos instrumentalização para sua materialização, a chance de mostrar como a

---

[224] Nesse vídeo, Luca Scarpelli completava dois meses de tratamento hormonal. Lucca Najar. 1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL. 2016. (06m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXyRDqUX8Gs&t. Acessado em 04 de Dezembro de 2017

[225] PERUCCHI, J. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição de corpos na contemporaneidade. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012. p. 89.

materialidade e a relação homem-objeto e objeto-corpo se dá, primeiramente, de formas diferenciadas pensando nas práticas sociais realizadas por homens e mulheres. Posterior a isso, a chance de transgressão dessas práticas, usos e posturas e da readequação desse corpo de modo a aproximar do seu autoreconhecimento, mostra que essas práticas construtivas e compulsórias "não se processam de modo fixo, nem demarcam os territórios ou produzem os corpos da mesma maneira, em distintos contextos históricos."[226] Do uso do botão como regulador das práticas sexuais à perda de roupas após a aplicação de testosterona, esse tipo de artefato contribui de maneira diferenciada nessa construção, ao passo que o próprio sujeito ao longo da história se apropria desses objetos como maneira de afirmação.

Ao humanizar o artefato, como propõe José Newton de Meneses, o colocamos em uma relação direta com o indivíduo na construção da materialidade do corpo e da subjetividade, e entendemos através dessas relações possíveis dispositivos de poder sob os corpos.

3.6. As videografias de si e as possibilidades para uma História do Tempo Presente

Chegando ao final do segundo capítulo, já se desenha com maior clareza as possibilidades desse objeto como um objeto de análise histórica. Primeiramente, encontramos no capítulo anterior uma preparação para que fosse semeada no atual capítulo uma discussão mais aprofundada sobre a consideração dos nossos objetos como relatos biográficos e a formação, através do seu conjunto, de videografias.

Entender os relatos aqui dispostos e analisados como um material biográfico, para além de considerar seu poder de circulação[227], nos apresenta um passo a mais para entender a construção do espaço biográfico. Entender o método com que os indivíduos estão buscando para registrar a si mesmo e a forma de se divulgar, levar em consideração e chamar o outro, não só é sintomático do tempo presente como nos ajuda a pensar o próprio tempo presente, já que na vida do indivíduo "convergem fatos e forças sociais, assim como o indivíduo, suas ideias,

[226] Ibid., p. 90.
[227] Evidenciado nos números trazidos no capítulo anterior.

representações e imaginário convergem para o contexto social ao qual ele pertence".[228]

A consideração dos relatos desses sujeitos como biografias com um poder político acoplado nos permite entender também a circulação desses corpos, a ser ainda mencionada no capítulo posterior. Pensar a história desses sujeitos é pensar uma história permeada por regimes de poder - impositivos e compulsórios - que encontra no corpo matriz de impressão dessa cultura, espaço para que se exerça a precariedade[229]. O que se observa é a constantemente reforçada condição de vulnerabilidade[230] que esses sujeitos estão imersos.

Esses regimes de poder acabam precarizando sujeitos sociais a partir do momento em que estabelece que populações sejam expostas a possíveis situações de risco de maneira diferenciada. Assim, elegem-se corpos que importam e quais não seriam dignas de proteção e apoio. Estes últimos são empurrados para a margem, para a abjeção.

Para pensar a fuga dessa condição, pensemos como se constrói a não inteligibilidade desses corpos, que se dá através das relações hierárquicas de gênero, tendo como matriz normativa a heterossexualidade cisgênera compulsória, funcionando como agente de controle sobre a vida.[231]

---

[228] DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. Topói, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009. p. 10.

[229] "ao usar o termo precariedade, podemos estar nos referindo a populações que morrem de fome ou que estão perto de morrer de fome, àquelas cujas fontes de alimento chegam para um dia, mas não para o próximo, ou estão cuidadosamente racionadas – como vemos quando o Estado de Israel decide de quanta comida os palestinos em Gaza precisam para sobreviver –, ou a outros tantos exemplos globais cuja habitação é temporária ou foi perdida. Podemos estar falando também sobre os profissionais do sexo transgêneros que têm que se defender contra a violência nas ruas e o assédio da polícia. E por vezes esses grupos são os mesmos, por outras são diferentes. Mas quansão parte da mesma população, estão ligados por sua repentina ou prolongada sujeição à condição precária, mesmo quando não querem reconhecer essa ligação." (BUTLER, 2015. p. 28).

[230] A ideia de vulnerabilidade aparece na obra de Judith Butler no final da década de noventa. Para a filósofa, a vulnerabilidade é algo inerente à existência do corpo. Somos vulneráveis uns aos outros. A vulnerabilidade seria, portanto, produto de uma subordinação primária, que independe do sujeito. A posição desse sujeito perante as normas, cuja adesão não se dá por escolha própria, é vital para a consideração desse sujeito como político, visto que a vulnerabilidade é condição para que haja resistência. A ideia de vulnerabilidade e resistência na formação de sujeitos constantemente em abjeção estará elucidada na conclusão da presente dissertação. Para expandir a noção de vulnerabilidade, para além das linhas seguintes a presente citação, ver em: BUTLER, Judith. Precarious life. London: Verso, 2004 e BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

[231] PRECIADO, P. I B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Abril. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso>. p. 11. Acessado em: 10 de Agosto de 2019

Os Youtubers encontram na construção desse espaço biográfico a chance de modificação das suas histórias, ou ao menos de ecoar através dos seus relatos os pedidos e ordens para a mudança desse quadro. Compreendemos esse fenômeno biográfico dos tempos atuais não só como histórias individuais. As videografias de Lucca Najar e Luca Scarpelli são uma biografia do público. Não se trata aqui de pensá-los de acordo com um modelo único de vida linear, constituindo "um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto"[232], e sim que o indivíduo apenas ilustra/reflete uma construção estrutural que lhe ultrapassa.[233]

Logo, aproveitemos a valorização historiográfica dos relatos do "povo comum", "em sua possibilidade de contribuição para a recuperação dos protagonismos individuais e de releituras da história segundo diversas ópticas"[234]. Desse modo, consideremos os personagens das videografias como agentes da História. Essa História feita por anônimos, mas que incita o debate e cumpre papéis determinantes socialmente para com seu público. Desse modo, a historiografia

> apropria-se de tais abordagens [literária e antropológica] e as reconstitui de modo que o discurso de si, considerado na dimensão histórica, releva de cada época, em cada sociedade, as relações do público e do privado, da coletividade e do indivíduo, da singularidade e da pluralidade, do indivíduo consigo mesmo. Importa ocupar-se de discursos codificados historicamente e que são, portanto, portadores de relações de força e de consciência de si. Trata-se de ter constantemente em presença as formas como o indivíduo e sua identidade são permanentemente inventadas e reinventadas: discursivas e materiais (suportes e técnicas de escrita da palavra), com mediações exteriores (a cidade, a religião, o poder), numa prática que é sempre implícita ou explicitamente coletiva.[235]

Assim sendo, as videografias de si de homens trans aqui analisadas podem contribuir para o entendimento da sua época através do seu discurso, a partir do momento em que explana as relações de gênero, logo os dispositivos que exercem poder sobre os corpos.

Para pensar o seu tempo e de que forma a historiografia pode instrumentalizar esses objetos, deve se entender a História do Tempo Presente, campo historiográfico que muito tem a ganhar ao abordar as videografias como

---

[232] BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191. p. 184.

[233] AVELAR, A. de S. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. Maracanan, v. VIII, 2012. p. 03.

[234] MALATIAN, T. M. A biografia e a História. CAdernos Cedem , v. 1, p. 16-32, 2008.
DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. Topói, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009. p. 23.

[235] MALATIAN, T. M. A biografia e a História. CAdernos Cedem , v. 1, p. 16-32, 2008.

fonte. Para Agnes Chauveau e Phillipe Tétart, a História do Tempo Presente, a história próxima e a história imediata “fariam parte de um tempo muito contemporâneo, que seria aquele a partir do segundo terço do século XX a natureza dos arquivos e acessibilidade o passado contribuindo para a edificação do presente” [236]. O primeiro desses conceitos, mais amplamente abordado na historiografia foi o adotado nessa pesquisa. Consideramos a História do Tempo Presente esse tempo contemporâneo, que visa através das demandas sociais entender o presente, com sua relação com o passado através de instrumentos comuns ao historiador, uma vez que esse

> não tem o monopólio sobre a memória, mas ele detém os instrumentos para lidar com a sua pluralidade e fragmentação. É certo que a análise sobre os fatos ocorridos, a identificação dos episódios e a reflexão sobre esse passado recente serão resultado de um esforço de escrita da história.[237]

Para Jacques Le Goff, conquistar a história do contemporâneo é uma tarefa urgente, uma vez que os homens querem “escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes, onde os homens buscam apaixonadamente sua identidade” [238]. O autor nos diz que o historiador está em condições de desempenhar esse papel e suprir essa demanda através da sua formação, já que a história sempre foi cabida de desempenhar um grande papel social.

Esse campo da historiografia teve sua decolagem a partir das demandas sociais de se entender os grandes e traumatizantes eventos da contemporaneidade a partir do olhar da História. Ela seria um "vibrato do inacabado que anima todo um passado, um presente aliviado de seu autismo, uma inteligibilidade perseguida fora de alamedas percorridas”.[239] Enxergamos que esse campo pode, ainda, agregar outras demandas sociais e entender as mazelas do tempo do agora ao compreender seu tempo, suas ações e seus sujeitos como formados através de um processo, ao mesmo tempo em que também são formadores ativos desse processo.

---

[236] CHAUVEAU, A. TÉTART, Phillippe (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
[237] FERREIRA, M. de M. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018. p. 101.
[238] LE GOFF, J. A História Nova. In: LE GOFF, J. A História Nova. São Paulo, Martins Fontes, 2015. P. 72.
[239] RIOUX, J.-P. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 50.

4. CAPÍTULO TRÊS: ESPAÇO SOCIAL: AS RELAÇÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO MÚLTIPLO

Dando sequência a pesquisa, nos torna relevante pensarmos a sociabilidade que circunscreve essas trajetórias. Refletiremos sobre a (re)construção das relações sociais dos sujeitos analisados, uma vez que, a medida em que a subjetividade vai sendo construída, essas se modificam, adaptando a esse sujeito transmasculino. Se nos é importante os registros dessas experiências, buscando maior compreensão de como esses processos ilustram a trajetória de parte da comunidade trans em uma história recente, precisamos pensar de que forma se dão essas experiências, que em grande parte não se dão em situações solipsistas.

Esse capítulo se dedica a pensar, enfim, de que forma as relações sociais desses sujeitos são construídas e alteradas, possibilitando a criação de um espaço político de sociabilidade, informação e registro de vida. Esse espaço político, que se dá em ambiente virtual, dotado de características próprias e alimentado pelas experiências dadas *offline*, é composto substancialmente dos relatos de si. Para entender então esse ofício, nos faz necessário entender o espaço como algo construído e de que forma ele é construído. Assim, abordaremos os seus agentes, como funcionam as dinâmicas dessas relações sociais, como elas estão nesse caso aparelhadas a construção da subjetividade desses sujeitos, sua reafirmação e autoreconhecimento. E por fim, como se faz importante a publicização dessas experiências que extrapolam os limites do mero registro e criam uma plataforma de debate público, estratégico, político.

A consideração dessas relações sociais como a construção de um espaço, este denominado como Espaço Social, se dá sob a luz da teoria de Henri Lefebvre, sociólogo francês, que nos referencia a ideia de um espaço produzido através da socialização dos indivíduos.

É-nos apresentado então a possibilidade da criação de um novo espaço social, *online,* agregando criador de conteúdo e espectadores[240], que acaba sendo, além de uma rede de sociabilidade, uma rede de informação. Desse modo, nos atentaremos a como esse novo espaço social é um fenômeno que tece significativa

[240] Podendo conter outros agentes, convidados pelos Youtubers.

importância para comunidade trans em ambiente virtual e os reflexos e possibilidades através desse processo construtivo.

Assim, pensaremos os espaços sociais desses sujeitos como algo criado a partir da vivência de alguém, buscaremos compreender esse alguém que midiatiza seu corpo e se faz protagonista dos relatos de si depositados no Youtube. A partir do entendimento do lugar que esse corpo e que esse sujeito ocupa nesses espaços, pensarmos sua dinâmica. Assim, compreenderemos como o espaço é produzido pelos seus diferentes agentes, e como o próprio uso do corpo pode ditar como se darão essas relações.

Finalmente, buscamos aqui entender a composição do espaço que proporciona que vidas sejam registradas, publicizadas e com convite a interação. Ao final, esperamos que o leitor compreenda em sua totalidade a produção do espaço que essa pesquisa se dedica: sua construção, seus agentes, as relações entre eles, como essas relações condicionam a criação do espaço, como os diversos espaços em uma disposição interpenetrante proporcionam a construção desse espaço em ambiente *online*, e como esse espaço virtual considera o outro como parte fundamental. Assim, o espaço em sua totalidade proporcionará que consideremos este como múltiplo, apto a criar debates públicos e políticos, a informar direta ou indiretamente o espectador e a reunir informações e relatos de si que possam suscitar os mais diversos tipos de interação e usufrutos.

4.1. O Espaço Social

O que seria então esse Espaço Social e como é estabelecido? Usamos aqui o conceito trabalhado por Henri Lefebrve, em “A Produção do Espaço”, obra de 1974. Nela o sociólogo francês se dedica a pensar num espaço que é produzido, pensando em sua concepção como um produto social criado a partir das relações sociais e de trabalho, hierárquicas ou não. A aplicação dessa teoria na leitura e análise das nossas fontes consistirá em, além de pensar na produção desses diversos espaços, pensar que estes se dão através das relações de poder elucidadas no capítulo anterior. Caberá também pensarmos, além desse processo constitutivo, a transformação e disposição desses espaços, ressaltando as singularidades que reforçam a importância de se pensar nos espaços sociais de pessoas trans.

Os indivíduos se encontram em diversos espaços sociais e se constituem enquanto sujeitos nessa multiplicidade. Espaços sociais, caso isolados, são mera abstração [241]. Logo, consideramos a impossibilidade de análise de um específico espaço sem a consideração dos demais, já que em diferentes níveis esses estão não só encaixados como se coexistem e se alimentam. Visto isso, os relatos de si de Lucca Najar e Luca Scarpelli levarão em consideração o papel desses como filhos, amigos, namorados, influenciadores digitais.

Entendemos através da obra supracitada que o espaço social não é dado por si só, não é pré-estabelecido. É um produto construído a partir das práticas sociais e constantemente transformado, já que os são produtos de indivíduos dotados em sua pluralidade uma capacidade intrínseca de transformação pessoal. São exemplos dessas práticas sociais a interação entre os sujeitos – sejam elas duradouras, momentâneas, de escolha do seu acontecimento ou não, e todas as outras possíveis variáveis -, a relação desses sujeitos com o espaço físico e seus elementos – inclusive o transformando - seus costumes, valores e tradições provindos dessas interações e a cultura ali criada, reforçada e constantemente movimentada. Como o presente estudo se dedica a pensar a produção desse espaço tendo como categoria de análise as relações de gênero, teremos como perspectiva a criação e o reforço de uma cultura[242] cuja matriz é heterossexual, patriarcal e cisgênera[243].

Cada sociedade contém elementos próprios, como seu espaço e seu tempo, estes socialmente construídos com base em sua realidade específica. Logo, busca-se aqui compreender “o que produz os diversos movimentos, ritmos, frequências, o que os entrelaça e mantém a hierarquia precária de grandes e pequenos, de estratégias e táticas, de redes e lugares.”[244] Esses espaços se colocam então em superposição, podendo assim gerar hierarquias e evidenciar relações de poder e conflito.

---

[241] LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 129.

[242] Novamente, é importante lembrar que a construção da cultura no solo brasileiro teve forte e enraizada influência do cristianismo, crença que frequentemente é recorrida para legitimar práticas e discursos que alimentam os dados trazidos no capítulo um.

[243] Portanto, uma sociedade que normatiza os corpos de acordo com o discurso biológico atribuído ao corpo humano desde o nascimento, desvalorizando e até patologizando os corpos transgêneros.

[244] LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p.131.

O entendimento da multiplicidade de espaços e seus movimentos são de suma importância para compreendermos os objetos desse trabalho e a utilização e alcance dos seus canais autorais no Youtube. Ao desenhar ao espectador como se tece sua sociabilidade, os *creators* oferecem um panorama da movimentação dos seus espaços sociais. E conseguimos perceber, quando ele coloca primeiramente a sua compreensão como um homem trans, passando pela anunciação à família, os amigos e a namorada[245], como essas dinâmicas são modificadas a partir da constituição desse novo eu. Esse se constitui através da pluralidade de relações que tecem a vida de um indivíduo. “O princípio da interpenetração e da superposição dos espaços sociais comporta uma preciosa indicação: cada fragmento de espaço retido pela análise não esconde uma relação social, mas uma multiplicidade que a análise revela.”[246] Logo, o sujeito é múltiplo por si só, ao desempenhar papéis diferentes em espaços sociais diferentes.

4.2. O Eu trans: Corpos políticos e autoafirmação na criação e transformação dos espaços sociais

Acima, vimos que os espaços sociais são produzidos, interpenetrados e que se constituem a medida que o sujeito está emergido em diversos espaços, e dessa forma possibilitando essa produção. Mas quem são esses sujeitos? Quais são esses espaços? Qual a relação desse componente de um espaço social com os demais? Como essas relações constroem e transformam o meio?

Prosseguiremos historicizando os corpos desses indivíduos como ferramenta de análise, ao considerar que sua materialização se faz instrumento para a produção, manutenção ou transformação desses espaços. Aqui, refletiremos o corpo como constituição de um fragmento[247] dos espaços sociais e suas particularidades. No caso da análise das videografias de si dispostas no Lucca Najar e Transdiário, pensar o corpo é pensar o processo de construção da sua subjetividade, nesse caso publicizada e assistida. Refletir sobre as relações sociais desses sujeitos - cenários

[245] Aqueles que consideramos os “relatos iniciais”, ou seja, aqueles que tratam do entendimento do sujeito como homem trans, e a posteriori, o anúncio e o efeito disso para os que o cerca.
[246] LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 132.
[247] Como Lefebrve nomina cada parte constituinte de um espaço social. Para evitar repetições, utilizaremos “componente” como sinônimo.

para os relatos de si que compõe nosso acervo de fontes – é refletir que tanto eles quanto aqueles com quem eles interagem são componentes desse espaço. Portanto, pensemos essas relações através da construção desses corpos, de suas ações, e das forças sociais e políticas que agem sobre eles.

O corpo transgênero nos oferece - ao pensarmos na constituição dos espaços sociais - a oportunidade de observarmos a transformação do espaço através da transformação do próprio fragmento. Aquele espaço que outrora seu ocupante e atuante era uma pessoa do sexo masculino, agora é feminino, ou vice-versa, mantendo as mesmas relações sociais: a/o filha/o, a/o amiga/o, a/o parente, a/o irmã/o, e até a/o namorada/o. Essa transformação não tem como estopim as mudanças decorridas de um processo transexualizador[248], e sim o autoreconhecimento. A autoafirmação para si e para o outro dá início a um movimento de transformação do espaço e evidencia através dos relatos as dinâmicas sociais que regem as interações desses sujeitos.

Aqui buscamos afirmar que há uma substituição de um fragmento dessas relações sociais, que é ao mesmo tempo um novo e um mesmo. A adequação desse sujeito ao gênero com o qual se identifica não anula as suas experiências vividas nesses espaços ou altera o grau da relação que passará ali a ser estabelecida (o sujeito filho assim o continuará sendo, por exemplo)[249]. Portanto a adequação apenas coloca o indivíduo finalmente condizente[250] com sua autoafirmação. Essa que, por sua vez, permeia esse trabalho como um mecanismo de suma importância pra que essas mudanças passem a acontecer e se firmem.

Nos dois canais encontramos a oportunidade de, inclusive, ouvir o “outro lado” para configurarmos melhor como essa transformação de alguns desses espaços se iniciou, ao convidar as mães para adicionarem aos relatos autobiográficos a sua visão. Ambas ressaltam que há uma mudança, ao relatar que há a retirada de um fragmento “Filha” para a entrada de um novo, “Filho”. Eliana Torres, mãe de Lucca Najar, nos diz:

> Agora, tem um primeiro momento que nós principalmente como mães - e Lucca foram vários anos como mulher - existe um luto, porque metaforicamente falando, eu enterrei uma filha para dar lugar a um filho,

[248] Com hormônios, cirurgias ou artifícios materiais.
[249] Embora saibamos que a partir dessa adequação, temporariamente ou não, a existência dessa relação pode vir a ser subtraída da vida dessas pessoas
[250] Chamamos de “condizente” o exercício de o gênero com o qual a pessoa se identifica ir de encontro a aquele que lhe propõe a performar, bem como aquele que é lido socialmente.

> então existe aí uma mudança. Nós enfrentamos isso com naturalidade, obviamente com muita preocupação, mas com muito amor.[251]

Por mais que há essa continuidade do fragmento - embora em sua transformação[252] -, há certo sentimento de substituição, de adequação, por parte daqueles que os cercam. Em entrevista[253] em Maio de 2018 para a atriz e apresentadora Fernanda Souza, também dona de um canal[254] no Youtube, Luca Scarpelli e sua mãe Adriana Scarpelli, endossam a afirmativa feita pela mãe de Lucca Najar, ao também retratar o luto da filha perdida, ou segundo ela, os vários lutos. A existência do Luca significava a morte da "menina da Adriana"[255]. Havia então uma expectativa pautada pelo desconhecimento de quem iria então ocupar o lugar dessa filha. Observamos que esse luto se dá aparentemente não pela perda de uma pessoa que não estará mais no seu convívio, como o óbito ao qual lidamos e invocamos popularmente como "a única certeza da vida". O que chamam de morte aqui é algo mais simbólico, metaforicamente, como foi acima categorizado. É a interrupção da vida de uma pessoa no molde que lhe foi dado em detrimento do nascimento de um novo ser[256].

As relações sociais e a relação com o meio partem do próprio uso do corpo. Um uso que fuja da norma é um uso que modifica o espaço, pois modifica as relações que produzem o espaço, passando a ser conflituosas. A produção de um espaço social diferente modifica outros espaços uma vez que esses, como aqui já dito, se dão por certa interpenetração.

> Uma vez que a relação com o espaço de um "sujeito", membro de um grupo ou de uma sociedade, implica sua relação com seu próprio corpo, e reciprocamente. A prática social considerada globalmente supõe um uso do corpo: o emprego das mãos, membro, órgãos sensoriais, gestos do trabalho e os das atividades exteriores ao trabalho. (...) Quanto às representações do corpo, elas provêm de uma aquisição científica difundida com uma mistura de ideologias: o anatômico, o fisiológico, as doenças e os remédios, a relação do corpo humano com a natureza, os arredores e o "meio". O

---

[251] NAJAR, L. Família: COMO É TER UM FILHO HOMEM TRANS ? - Eliana Torres e Lucca Najar. 2017. (10m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sxQmyIFq0qQ&t. Acessado em: 29 de Setembro de 2018

[252] Transformação não é uma palavra usualmente usada ao se referir ao processo de transição de gênero. Logo, aqui ela será exclusivamente usada para designar o processo do "fragmento".

[253] SOUZA, Fe. "5 PASSOS" de como agir quando seu filho te conta quem realmente é! 2018. (11m00s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-eiTQ-Co90g. Acessado em: 29 de Setembro de 2018

[254] O canal de Fernanda Souza é homônimo, e tem como propósito entrevistas, compartilhamento de questões pessoais e brincadeiras típicas dessa plataforma.

[255] Parafraseando Adriana Scarpelli no vídeo abordado.

[256] Essa afirmativa voltará a ser mencionada em páginas seguintes, ao tratarmos do processo de transição que os demais fragmentos dos espaços sociais acabam passando a partir do processo de transição de gênero desses indivíduos.

> vivido corporal, ele, alcança um alto grau de complexidade e de estranheza, pois a "cultura" aí intervém sob a ilusão de imediaticidade, nos simbolismos e na longa tradição judaico cristã, da qual a psicanálise desdobra certos aspectos. O "coração" pensado e percebido. Ainda mais o sexo. As localizações nada têm de fácil e o corpo vivido atinge, sob a pressão da moral, a estranheza do corpo sem órgãos, castigado, castrado[257].

Ao ocupar os espaços sociais, esses corpos abjetos (como anteriormente categorizado) causam estranheza, visto o apagamento da vida pública dos corpos transexuais e da sua negação de circulação. Em "HOMEM TRANS NA ACADEMIA"[258], de Lucca Najar, encontramos exemplo dessa afirmativa, ao evidenciar que alguns estabelecimentos públicos (nesse caso uma academia de ginástica) encontram dificuldades de como tratar a ocupação de corpos transexuais em seu espaço, por vezes ocasionadas pelo ineditismo da existência de um corpo assim no ambiente.

> Dois dias depois [de Najar começar a utilizar o banheiro masculino] o gerente da academia me chamou na sala dele, e falou que um serumanozinho que frequenta a academia tinha falado que existia uma menina utilizando o banheiro masculino, e que isso seria perigoso para ela.[259]

A essa altura, Lucca já se afirmava como homem nesse estabelecimento, através de singelos atos como mover a sua ficha de exercícios para a gaveta das fichas masculinas[260]. Essa situação, seguindo o relato, causou grande nervosismo, choro e confusão psicológica no enunciatário. Após reflexões e conversas, o Youtuber resolveu se reafirmar ao encarregado pela gerência do estabelecimento:

> Eu vou usar o banheiro masculino da academia sim, e você não tinha que me trazer esse constrangimento não (...) porque é muito simples: é só a gente inverter a história, inverter a pergunta que ele me fez. Por exemplo, essa pergunta faz sentido. "Sr Gerente, você utiliza o banheiro masculino?". É obvio que ele utiliza. Alguém te proíbe de utilizar o banheiro masculino? Não, então por que você quer me proibir? Não faz sentido nenhum.[261]

Tornou-se necessário que o jovem afirmasse à academia sua masculinidade. Atos como esse – autoafirmativos - são atos políticos. O eu trans é por si só um corpo político. Um corpo em fuga, um corpo estranho[262], cuja existência se trilha no autoreconhecimento e na construção de sua identidade. A presença e afirmação

---

[257] LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006. p. 66.

[258] NAJAR, L. HOMEM TRANS NA ACADEMIA. 2016. (04m42s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_BH0k8cSZD8. Acessado em: 29 de Setembro de 2018

[259] Ibid., (04m42s)

[260] Nesses espaços, geralmente, as fichas são organizadas em dois arquivos diferentes, cada qual para um gênero (masculino e feminino).

[261] Ibid., (04m42s)

[262] LOURO, G. L. (org). O Corpo Educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica. 2007.

desse corpo acarretam um movimento, seja ele de aceitação, rejeição, ou pelo menos de questionamento e reflexão.

A existência desse corpo no espaço é político porque ele é acompanhado da subversão, trazendo marcas de uma existência de ainda pouca visibilidade e representação (social, política e midiática). A presença de um corpo trans em um espaço social faz com que mesmo inconscientemente, os demais fragmentos daquele espaço revejam a composição deste e da norma: o que é ser homem? O que é ser mulher? É aquele ser um ser masculino, feminino, nenhum dos dois? Como eu o leio? É aquele ser um ser aceitável, condenável, passível de ser ignorado? É aquele corpo um corpo que me agride, que me instiga, que me diga algo, que deseja algo, que me desperta empatia? Importa-nos aquele corpo? Ou melhor: a quem importa aquele corpo?

Do outro lado, temos esse eu trans, carregado de demanda pelo respeito a sua condição e seu autoreconhecimento. Este que, por sua vez, visa o reconhecimento social em um regime em que me legitimo como aquilo que me reconheço a partir do reconhecimento de terceiros. Para isso, são diversas as práticas e as relações sociais cabíveis de análise para entendermos a construção dessa identidade, quais forças circunscrevem esses corpos e quais marcas que classificam ou desclassificam a existência daquele corpo como um corpo masculino.

> Torna-se necessário, assim, olhar o efeito das práticas sociais implicadas em relações de poder/saber que, de modo invisível, se correlacionam em diversas instiuições sociais, inscrevendo no corpo seus gestos, comportamentos, desejos, sentimentos. Essa maneira de olhar (...) pode criar condições para que se perceba a multiplicidade de outros, confrontos, lutas, coerções, verdades que habitam o corpo, governando suas posições em relação a si e aos outros. Talvez, possibilite que se encare de modo mais crítico aquilo que somos e fomente outras subjetividades e formas de pensar o corpo.[263]

Assim, somando as forças que compõem os diversos espaços sociais das nossas fontes, podemos compreender de que forma a sociabilidade age de forma singular em suas trajetórias, essas que por sua vez, são enfim registradas e possibilita a produção de um novo espaço social *online*. Adiante, nos encarregaremos de pensar como esse espaço se compõe, sendo o cerne desse capítulo. Entender que esse espaço é um espaço público, político e que serve de rede para aqueles que se engajam em suas trajetórias.

---

[263] SOUZA, N. G. S. Procurando/rompendo marcas no corpo. IN: SOARES, G. F.; SILVA, M. R. S. da, RIBEIRO, P. R. C. (org). Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais. ED. da FURG. Rio Grande do Sul, 2006. p. 20-31. p. 23.

4.3. A transição é coletiva

O capítulo anterior dedicou-se a trazer e analisar os relatos considerados iniciais. Nestes, foram trazidos o processo de entendimento desses indivíduos como homens trans e o processo de preparação para externar sua condição. É nesse exercício de tornar público sua transexualidade que pensaremos nas próximas páginas.

Um relato de si acaba por trazer à luz as relações sociais do eu, pois o outro é uma categoria intrínseca da existência de um sujeito.

> Toda comunicação requer a existência do outro, do mundo, do alheio, do não-eu, por isso todo discurso é dialógico e polifônico, inclusive os monólogos e os diários íntimos: sua natureza é sempre intersubjetiva. Todo relato se insere em um denso tecido intertextual, entremeado com outros textos e impregnado de outras vozes - absolutamente todos, sem excluir sequer as mais solipsistas narrativas do eu.[264]

Nesse ponto da dissertação temos a finalidade de entender os impactos de um processo de transição nos demais elementos dos espaços sociais. Partiremos aqui do pressuposto de que o processo de transição é uma atividade coletiva.

Essa foi uma ideia originada do vídeo "A TRANSIÇÃO É COLETIVA"[265], postado em 26 de novembro de 2017 pelo canal Transdiário. Nele, contendo apenas a figura de Luca Scarpeli, falando em primeira pessoa a partir da sua experiência pessoal, o vídeo que se aproxima de dez mil visualizações, argumenta-se que possíveis respingos na vida dos seus amigos e familiares aparecem através do seu processo de transição. Ademais, que esse processo exige que essas pessoas passem também por um processo de transição. Isso se daria por via de atitudes e pensamentos, intencionais ou não, condicionados ou não, para que o espaço social ali discorrido possa ser ocupado então pelo eu trans.

Esse processo só é possível de ser enxergado através das minuciosas ações cotidianas. Se nosso plano de fundo são relatos de vida, estes são compostos de cotidianidade. A vida cotidiana teria por função identificar os sistemas de contextos

---

[264] SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 32.

[265] TRANSDIARIO. A TRANSIÇÃO É COLETIVA. 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7NoEIYYSKjM. Acessado em: 22 de Setembro de 2018

nos quais se inscrevem os jogos sociais[266], refletindo sobre as reações e a construção dos espaços sociais originados a partir delas.

No vídeo supracitado, Luca nos introduz ao assunto do vídeo dizendo:

> "Por mais que a transição em si e tudo seja individual, só a pessoa pode tomar essa decisão, isso é uma coisa muito individual... Por outro lado, eu sinto que a transição, ela é muito, tipo... coletiva, assim. Ou seja, Quando vai acontecer as mudanças, quando você pede para que seu nome social seja respeitado, ou para as pessoas usarem os pronomes certos, ou quando você fala sobre ser uma pessoa trans (...) as pessoas a nossa volta, elas também são muito impactadas."[267]

Luca propõe construir seu raciocínio através da afirmativa que as suas ações por mais que solipsistas - e que partem do entendimento individual do eu trans e sua autoafirmação - desencadeiam mudanças que se dão em âmbito coletivo. Afinal,

> [uma pessoa] é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis e tangíveis, como grilhões de ferro. São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém não menos reais, e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação a outras, a ela e nada mais, que chamamos "sociedade".[268]

Assim, consideramos pertinente tal análise pois como anteriormente afirmado, um espaço social é criado através das relações sociais nele encontradas. Aqui nos interessa pensar a transformação do meio através da autoafirmação supracitada, e consequentemente desencadeando uma mudança de um dos fragmentos do espaço social.

Luca começa a desenvolver sua teoria, ao apresentar ao espectador o exercício de percepção que ocasionou tal reflexão.

> Como é que eu reparei isso? É muito engraçado assim, tipo todos os meus amigos, sem exceção, amigos e família, qualquer notícia relacionada a uma pessoa trans, alguma coisa de identidade de gênero, uma campanha que saiu que fala sobre pessoas trans, um clipe de música que tem uma pessoa trans, ou uma notícia de que alguém trans sofreu alguma coisa, ou ganhou processo judicial, velho... mil coisas. Eu recebo o link de todas essas notícias. Todas, todas, todas. E eu acho muito fofinho, sabe? Seja o meu pai que me manda uma chuva de links no Whatsapp, seja os meus amigos que mandam um milhão de coisas no Facebook, me marca e tal, eu acho isso muito legal. Porquê: tanto o fato deles quererem compartilhar comigo, quanto pelo fato de que talvez se eu não tivesse revelado a minha transição pra eles, se eu não tivesse tido a coragem que começar a transição, essas notícias iam passar completamente indiferente pra eles.[269]

---

[266] LEPETIT, B. Sobre a escala na História. In: Jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 88.
[267] Ibid., (05m45s)
[268] ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. p. 20.
[269] TRANSDIARIO. A TRANSIÇÃO É COLETIVA. 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7NoEIYYSKjM. Acessado em: 22 de Setembro de 2018

O que se observa é que a autoafirmação de Luca como um homem trans - o que ele chama de “revelação” -, é o estopim para que se inicie o processo transformador daquele que aqui chamaremos de agente passivo no processo transexualizador[270]. Aqui não se dá uma transição por meio de aparatos médicos, ajustes na composição visual ou procedimentos legais. Tampouco é uma transição de um elemento para outro, ocupante de um mesmo corpo em transformação. O que Scarpelli alega é o fato de que aquele espaço social de algum modo foi impactado e esse impacto obriga com que os elementos passivos se movam para a recepção ou refutação desse componente transgênero. No caso não só do Youtuber em questão, mas também na experiência de Lucca Najar, ambos tiveram recepção por parte dos seus relacionados. Há a possibilidade[271] do processo de transição ser conflituoso no estabelecimento dessas relações, fazendo com que essa experiência se paute em relações desarmônicas.

Ressaltamos ainda que de acordo com a fala de Scarpelli, a revelação[272] para aqueles que o cerca faz com que a transexualidade em si se torne de alguma forma um elemento a ser considerado na cotidianidade de quem recebe a notícia. Se tais corpos trans tem sua situação de vulnerabilidade constantemente reforçada, o impacto que determinadas notícias ou ocorridos que transcrevem esses corpos ganham uma projeção e significado singulares para aqueles que passam a conviver com alguém nessa situação. Atentam-se, por exemplo, para essa própria condição de vulnerabilidade desses corpos.

> “Uma pessoa trans sofreu algum tipo de violência... Isso pra algum amigo meu, pra alguém da minha família, antes de eu começar a transição seria uma coisa completamente diferente. Seria mais uma notícia do dia, mais uma coisa que aconteceu.”[273]

Na já mencionada entrevista à Fernanda Souza, Adriana Scarpelli, mãe de Luca Scarpelli e amiga de Fernanda, relata junto ao filho o seu processo de transição enquanto mãe de um homem trans. E uma dos destaques é a forma com que o medo da exposição à precariedade e da condenação social do corpo trans se faz presente a quem tem ligação com alguém em tal condição.

> Adriana: Meu medo maior era dele sofrer agressão, esse era meu medo. Tinha medo de alguém bater nele, de alguém matar o meu filho.

---

[270] Isso pensando nos jogos sociais que compõe um espaço social.
[271] E como a atual dissertação tem pretendido ocasionalmente abordar, uma possibilidade bastante provável.
[272] Como o próprio Youtuber se refere.
[273] TRANSDIARIO. A TRANSIÇÃO É COLETIVA. 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7NoEIYYSKjM. Acessado em: 22 de Setembro de 2018

> Fernanda: E acontece, né gente?
> Adriana e Luca: Muito.
> (...)
> Adriana: Esse foi o meu pânico e na época você (Fernanda) lembra disso, você passou comigo. E eu sofri muito por isso, não era vergonha, não pensei nada disso, era medo.[274]

Esse medo é comum em famílias que recebem tal notícia. Afinal, os dispositivos da norma fazem com que essas vidas sejam proscritas como inferiores, negando a elas a inteligibilidade e o direito a consideração da vida. São vidas precárias que "escapa da inteligibilidade do que é reconhecido como vida; trata-se de uma questão de não reconhecimento em relação ao Outro cuja categoria de humano é-lhe subtraída por variados dispositivos políticos"[275]. Portanto, permeia o cotidiano dessas mães a apreensão de viver o luto por esse corpo.

> cada um de nós é constituído politicamente, em parte, em virtude da vulnerabilidade social dos nossos corpos – como um lugar de desejo e vulnerabilidade física, como um lugar de uma publicidade ao mesmo tempo assertiva e exposta. Perda e vulnerabilidade parecem decorrer dos nossos corpos socialmente constituídos, vinculados aos outros, correndo o risco de perder esses vínculos, expostos aos outros, sob o risco de violência em função dessa exposição.[276]

Outro medo provável é no que tange as questões da transição e saúde. Respondendo a perguntas dos assinantes do canal, a mãe de Lucca Najar, Eliana Torres, no vídeo "COMO É TER UM FILHO TRANS?"[277] relata quando perguntada sobre sua reação com a revelação e o início da transição do filho:

> A minha preocupação é com saúde, com tratamento, com os efeitos colaterais dos medicamentos. (...) Descabelei! Descabelei no sentido de, me deu uma preocupação tremenda de como que era isso, porque era tudo muito desconhecido pra mim, eu não tinha informação. E a desinformação nos causa essa angústia. E aí comecei a buscar orientação, explicação, pesquisar como que as coisas iam caminhar...[278]

Desse modo, se torna importante esse tipo de plataforma que os filhos de Adriana e Eliana produzem para esses elementos dos espaços sociais. Se a *priori* vimos que canais de pessoas trans no Youtube foram de suma importância para ambos no seu processo de autoreconhecimento, esse tipo de material ainda possibilitaria também uma difusão de informações mais efetiva para aqueles que

---

[274] SOUZA, F. "5 PASSOS" de como agir quando seu filho te conta quem realmente é! 2018. (11m00s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-eiTQ-Co90g. Acessado em: 29 de Setembro de 2018

[275] BUTLER, (2004) p. 134. apud DEMETRI, F. D. Corpos Despossuidos: Vulnerabilidade em Judith Butler. Florianópolis, UFSC, 2018. p. 89-90.

[276] Ibid., p. 134.

[277] NAJAR, L. Família: COMO É TER UM FILHO HOMEM TRANS ? - Eliana Torres e Lucca Najar. 2017. (10m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sxQmyIFq0qQ&t. Acessado em: 22 de Setembro de 2018

[278] Ibid., (10m12s)

não são trans, mas que passarão pelo processo da transição[279] com alguém próximo, se transformando em uma rede viva de informação. Essa rede, como já sinalizado, será discutida em instantes.

Ademais, nos dois vídeos supracitados que as mães se pronunciam em primeira pessoa[280], temos colocação acerca de um luto simbólico em que vivem. Denominam como luto o regime de substituição que se dá a partir da autoafirmação do filho como uma pessoa trans. A autoafirmação acarreta no "enterrar" a filha que ocupava aquele espaço social, com um corpo até então afirmativamente feminino[281] para a entrada de um novo corpo, masculino, corpo ainda imerso em desconhecimento sobre sua composição e transformação. Inicia-se esse período de acostumar-se.

Adriana Scarpelli chega a relatar que para se habituar ao novo nome do filho, passou a utilizá-lo em outros membros da família[282]. As duas mães ainda afirmam que familiarizar-se com o emprego do pronome masculino se dá no contínuo exercício cotidiano. Para Luca, "quando a gente transiciona; contar pras pessoas, pedir pro [sic] nome social e pros pronomes serem respeitados, a gente está sensibilizando e mudando o universo em volta."[283]

Ao tratarmos a transição como coletiva, estamos tratando desse período de adaptação e, a partir daí, da nova composição dos espaços sociais onde nossas fontes são núcleo. Sobre esse período, Luca Scarpelli nos fala que "seja o luto da perda da filha, seja o acostumar usar os pronomes masculinos, seja acostumar com o meu nome social, toda uma questão, aprender quais palavras possam me atingir, isso tudo também é uma forma de transição".[284]

A importância de então entendermos que as pessoas que convivem com esses sujeitos são em certa medida impactados, é para considerarmos que o espaço social está sendo constantemente produzido e transformado. Se a autoafirmação é o estopim para a construção de uma nova história, de um sujeito

---

[279] Transição essa conforme Luca Scarpelli apresenta e que estamos elucidando nesse ponto do trabalho.
[280] Até então, a visão delas partia da narrativa de seus filhos.
[281] e permeado dos discursos normalizadores, ainda que no caso das videografias aqui analisadas, já havia uma fuga da matriz do gênero anterior à autoafirmação e o processo de transição.
[282] SOUZA, F. "5 PASSOS" de como agir quando seu filho te conta quem realmente é! 2018. (11m00s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-eiTQ-Co90g. Acessado em: 29 de Setembro de 2018
[283] TRANSDIARIO. A TRANSIÇÃO É COLETIVA. 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7NoEIYYSKjM. Acessado em: 22 de Setembro de 2018
[284] Ibid., (05m45s)

novo, - ao mesmo tempo um sujeito já existente, com bagagem, laços sociais, expectativas deste e em cima deste-, a construção dessa subjetividade é em partes concretizada em ações coletivas.

Se buscamos compreender esses relatos de si como registros autobiográficos no Youtube, ao longo desse trabalho buscamos entender as experiências desses sujeitos, de que forma ele se constrói e se coloca como componente de um espaço, a resposta do espaço e dos outros agentes sobre essas ações e afirmações e a adequação desses a partir desses gatilhos. Assim, podemos prosseguir para a compreensão do novo espaço social, construído em âmbito virtual através dos relatos dessas experiências.

4.4. Redes vivas de informação: A construção de um espaço social *online* a partir do registro de si

Como o atual capítulo buscou trilhar, nesse momento o presente texto têm como intuito refletir sobre a criação de um espaço social virtual, fundamento pelos relatos de si que compõem as videografias. Consideramos esse espaço como um espaço político, pois além de ser um canal de voz para um grupo social sujeito a precarização, convida o outro a sua participação. E é nessa participação que se cria um espaço estratégico, uma vez que as experiências e demandas encontram, em âmbito digital, terreno para o floreio dos debates públicos e políticos. A internet vem sido plataforma, arma e espaço de discussão de diversas demandas político sociais, e os canais aqui abordados endossam esse caráter dessa ferramenta.

Esse espaço contém uma dinâmica própria e estratégica, que tende a combinar o seu intuito informativo, de registro e os atrativos mercadológicos[285] que possam fomentar de alguma forma esse ofício. Essa dinâmica inclui, por exemplo, uma edição mais ágil (que visa prender o telespectador sem delongas), o reforço da apresentação ao iniciar mais um vídeo (como o nome e o desejo de boas vindas), e uma sequência que após essa apresentação, tende a se consistir em: apresentar o

[285] Os interesses e “os ganhos” que os canais autorais no Youtube angariam não apenas são diretamente monetários. O status que os números de medição de popularidade no youtube (visualizações, inscritos no canal, comentários, *likes)* podem projetar o *creator* e fazer com que este ultrapasse os limites da tela. No caso das nossas fontes, ambos atualizam com frequência suas redes sociais noticiando participação em eventos, por exemplo.

conteúdo do vídeo, apresentar o ponto de vista ou o relato de experiência e concluí-lo com um discurso que geralmente visa fidelizar o espectador.

Diferente dos espaços sociais que citamos anteriormente, trataremos aqui de um espaço que se cria em ambiente digital. Essa diferença faz com que as relações sociais ali criadas sejam dotadas de mecanismos próprios. O conjunto desses mecanismos, estratégias e o caráter político e informativo das videografias compõem e possibilitam a existência do que aqui chamaremos de "Rede Viva de Informação"[286].

Importante ressaltar que a criação dessa rede se dá, em suma, a partir dos relatos de si. Logo, cada Youtuber parte da sua experiência única e pessoal para sua composição, cabendo ao espectador a apropriação do seu discurso como ferramenta de conhecimento acerca de aspectos do processo de transição, como a troca de documentos, a sua autoreferência, as mudanças na materialidade corpórea. Recorrentemente, alertam que aquele relato trata-se de algo subjetivo e único, o que não impede que sirva de informação para aqueles que o acessam em busca disso.

O termo "Rede Viva de Informação" vem do estudo de Benjamin Braga de Almeida Neves, do programa de Pós-Graduação em Clínica Médica na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em sua dissertação de Mestrado, Neves se dispõe a tratar de uma rede criada a partir do canal de *Youtubers* Trans, principalmente de Jackson Tyller, brasileiro, residente do interior de São Paulo e criador de conteúdo no início dessa década. Para o autor, esses *Youtubers* se transformavam numa "Rede Viva de si", uma vez que o seu conteúdo e sua militância[287] tinham como intuito[288] fazer com que a medicina daquela região começasse a olhar para os corpos transexuais, entendendo as suas demandas. Para Neves, "Tyller é uma Rede viva de si e, através dos seus videoblogues, está o tempo inteiro produzindo movimentos, elaborando saberes, construindo e partilhando cuidados."[289] Ao mesmo tempo, essa rede visava que o público trans encontrasse na plataforma informações, se sentissem retratados, achasse respostas para questões acerca da construção de

[286] Por considerarmos que o espaço social online que estamos apresentando e debatendo se enquadra no que seria uma "Rede Viva de Informação", cuja definição virá a seguir, "espaço social online", "rede viva de informação", ou apenas "rede", a partir desse ponto devem ser considerados como a mesma coisa.
[287] Jackson Tyller, por exemplo, se manteve ativamente militante no interior de São Paulo.
[288] E atingiram certo êxito, conforme o pesquisador relata.
[289] NEVES, Benjamim Braga de Almeida. TRANSMASCULINIDADES E O CUIDADO EM SAÚDE: DESAFIOS E IMPASSES POR VIDAS NÃO-FASCISTAS. Rio de Janeiro, 2015. p. 59.

sua subjetividade, ainda pouco discutidas em uma mídia de massa ou nos espaços públicos de circulação do saber.

> Esse fenômeno chamado de videologue é um devir de vidas, de sujeitos que não se apoderam de suas transformações e anseios uniformemente ou de uma maneira egoísta, mas de indivíduos que se apropriam de suas próprias reflexões para em outro momento, voltarem a elas fazendo uma nova avaliação. Como uma espécie de catarse coletiva, todos/todas se (re)conhecem e se diferenciam.[290]

Apropriando-nos desse termo, iremos tratar aqui nossos dois objetos como Redes Vivas de Informação[291]. Assim como Tyller nos estudos de Benjamin Braga, Luca Scarpelli e Lucca Najar criam uma rede através de seus canais, uma rede de circulação de informação que extrapola o tempo do vídeo, e prossegue em discussão de comentários ou no compartilhamento do vídeo em outras redes, podendo atingir os diversos componentes de uma transição coletiva, como um jovem que está buscando compreender a si próprio como transgênero, ou alguém que recebeu essa notícia e busca iniciar o processo da sua transição.

> Em minhas aproximações constatei que muitos transhomens, em algum momento, terão a internet com uma aliada e uma via para transição e sociabilidade, a partir dela tanto buscam como produzem informações sobre a experiência da transexualidade masculina. Através deste veículo homens de diferentes faixas etárias e localização no país (e no mundo) entram em contato entre si, debatem especificidades de sua situação, conhecem técnicas de masculinização e transexualização, informações sobre uso de hormônios, leis e produções científicas da área e divulgam entre si outros espaços de informação na web.[292]

Consideramos que essa Rede Viva de Informação se dá nas nossas fontes em três categorias, aqui representadas por alguns vídeos selecionados. Assim, buscamos identificar métodos comuns no tratamento das informações enunciadas, analisando de que forma se cria esse espaço social, de que forma se constrói a rede de informação, para enfim compreender o uso político que se faz desse espaço.

A primeira categoria é a de vídeos que partem dos relatos de si como instrumento de informação. Estes são maioria nos dois canais, nos é importante pensá-los, e dedicaremos o capítulo seguinte a compreender melhor sua criação e seus usos. Especificamente aqui nessa categoria, analisaremos uma importante

---

[290] NEVES, Benjamim Braga de Almeida. TRANSMASCULINIDADES E O CUIDADO EM SAÚDE: DESAFIOS E IMPASSES POR VIDAS NÃO-FASCISTAS. Rio de Janeiro, 2015. p. 21.

[291] O emprego da palavra informação ocorreu ao notarmos a diferença entre os nossos objetos e os objetos do estudo de Benjamin Braga, uma vez que os de Braga tinham um caráter de informação e mobilização mais local, enquanto Lucca Najar e Luca Scarpelli parecem mobilizar a circulação da informação sem mirar em uma localização específica.

[292] FREITAS, Rafaela Vasconselos. Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet. UFMG. Minas Gerais, 2014. p. 54.

ferramenta que temos para observação de como tece essa Rede que são os espaços para comentários. Combinados ao conteúdo dos vídeos, que como já dito são relatos de si, encontramos nesse espaço a possibilidade de enxergar de que forma a experiência relatada, mesmo subjetiva, extrapola o mero registro para também se colocar como fundamentadora de discussões.

Em "COMO INICIAR A HORMONIZAÇÃO – HOMEM TRANS"[293], de 2016, Lucca Najar introduz aos seus espectadores o seu percurso do que nomina como "os oito ou nove meses desde que me assumi homem trans até a minha primeira dose (de hormonização)". Ele apresenta os profissionais que buscou, conforme visto anteriormente: primeiramente uma psicóloga, seguido de um psiquiatra. Lucca destaca a necessidade do "trato" desses profissionais com as questões envoltas da transição. O que, ao contrário do Youtuber, não aconteceu na experiência Kaleb Lopes, um dos espectadores que comentou nesse vídeo. O perfil, de nome socialmente atribuído a um sujeito masculino, não contém foto no avatar[294] – evidenciando o anonimato que permite a plataforma[295] - teceu um comentário que evidencia que se trata de um homem trans[296], Kaleb Lopes diz:

> Pessoal me da a opinião de vocês, foi muito difícil encontrar uma Psicológa letrada no assunto? Ps: estou com medo de falar abertamente com a minha, parece q obviamente ela sabe (né, só n uso binder[297] pq é uma bosta) mas é uma daqueles pessoas q tem pudor do assunto por isso prefere nem falar... Ela quer só saber do "meu maravilhoso dia". (faz pouco tempo q entrei, cai dar uma semana)[298]

Nas respostas, o próprio Youtuber Lucca Najar responde: "Onde você mora? Me chama no Instagram pra gente conversar melhor". Contêm mais outros dois

---

[293] NAJAR, L. COMO INICIAR A HORMONIZAÇÃO - HOMEM TRANS. 2016. (06m17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KSEubWP-9I8. Acessado em: 09 de Outubro de 2018

[294] Chamamos de avatar a foto de identificação, ou "Foto de Perfil" utilizadas nas redes sociais e e-mails.

[295] O anonimato permite ataques e proliferação do discurso de ódio, mas no caso de pessoas que ainda vivem no armário (expressão essa mundialmente utilizada para designar a pessoa que não é publicamente assumida sobre ser LGBT), permite que estas possam vivenciar online a sensação de "ser você mesmo", bem como a troca de informações, contato, e o direito a expressão. Ambos Youtubers chegam a relatar a utilização de *Fakes* de pessoas famosas (esses, por sua vez, num contexto onde na já encerrada rede social Orkut era utilizado por adolescentes para ter uma espécie de segunda vida online, quase que em um jogo) para que pudessem, então, se sentir ao menos naquela plataforma online como sujeitos masculinos.

[296] Alertamos que a grafia foi copiada na íntegra do link do vídeo. Possíveis erros gramaticais, de pontuação, abreviações ou erros de digitação são responsabilidade de quem redigiu.

[297] *Binder* é uma faixa utilizada para esconder/apertar os seios, criando no indivíduo uma silhueta mais masculinizada. Esse objeto é bastante utilizado por homens trans que não fizeram retirada dos seios (Mastectomia).

[298] Comentário deixado no vídeo: NAJAR, Lucca. COMO INICIAR A HORMONIZAÇÃO - HOMEM TRANS. 2016. (06m17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KSEubWP-9I8. Acessado em: 09 de Outubro de 2018

comentários, de outras duas pessoas com avatar novamente sem foto, desejando-lhe boa sorte e aconselhando a busca por profissionais que demonstrem serem pró-questões LGBT em sua metodologia de trabalho. O fato de Lucca Najar responder o comentário, chamando para o diálogo em outra rede social – este que daria em um âmbito privado – endossa a nossa teoria desses canais como uma Rede Viva de Informação. Najar não só se disponibilizou a relatar o seu percurso, como atentamente se prontificou a expandir os limites dessa Rede, indo para outras plataformas e não se restringindo a tratar de sua própria experiência apenas.

Lucca prossegue o vídeo alertando sobre os riscos de uma hormonização mal ou sem total acompanhamento, visto que esse procedimento inclui efeitos colaterais, cabendo assim ao profissional a observação dos efeitos e adequação dos hormônios. Partindo para "1 MÊS DE TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL"[299], publicado na véspera de Natal de 2016, (um mês após o vídeo citado anteriormente), o vídeo traz relato sobre os primeiros efeitos e sintomas sentidos por Lucca Najar. O compartilhamento desses com o público - como a aparição de acnes e a sonolência em excesso – encontra nos comentários sugestões de medidas paliativas. Fabiane Gusmão, enquanto espectadora, diz:

> Oi Lucca, Vc já fez algum exame para verificar o estado da sua tireóide? Pois vc comentou que anda sentindo sono e dá pra perceber a sua glândula tireoidiana levemente aumentada, falo isso pq eu tenho hipotireoidismo e tive exatamente estes dois primeiros sintomas (sono e glândula saliente). um beijo grande e adoro o seu canal e o seu jeito, além de vc ser bem bonito tbm.[300]

O espectador Douglas Carvalho complementa: "Cara, lava o rosto e passa Epiduo (um gel q passa no rosto, sem receita, tem em qualquer farmácia) antes de dormir. Melhor remédio pra espinhas do mundo! Ótimo novo ano pra nós! Abração!"[301]

Em ambos há resposta de Lucca agradecendo a atenção e preocupação. Observamos então uma reciprocidade. Tal como Lucca na análise acima demonstrou proatividade de participar ativamente da constituição daquela Rede de Informação, aqui identificamos o movimento inverso, onde o público traz informações tanto para o *creator* quanto para quem lê os comentários. Há também

---

[299] NAJAR, L. 1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL. 2016. (06m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXyRDqUX8Gs&t. Acessado em: 09 de Outubro de 2018

[300] Comentário deixado no vídeo de Lucca Najar. 1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL. 2016. (06m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXyRDqUX8Gs&t. Acessado em: 30 de Setembro de 2018

[301] Ibid., (06m58s). Comentário deixado no vídeo citado acima.

aqueles que desejam complementar e endossar o relato, apontando as possíveis familiaridades entre o processo de transição do *Youtuber* e do espectador. Kaio Bertolino comenta:

> Nossa cara, eu tbm to suando demais e estou há um mês e meio. No começo eu só queria dormir, muito sono também, eu fiquei inchado aumentou meu peso, dai comecei a beber água, ai agora to secando. Dizem que nos primeiros meses incha porém depois seca quando o corpo for redistribuindo a gordura.[302]

Há também quem deseje obter alguma informação não dada pelo vídeo. Em "COMO CONTEI QUE SOU TRANS"[303], hospedado no Transdiário, Luca Scarpelli relata a experiência de se entender como homem trans, dado por um processo[304] que culminou a necessidade de compartilhar tal entendimento com os seus familiares. A partir do relato houve quem partiu de si, tendo a experiência de Scarpelli como espelho, para sanar dúvidas que poderiam impactar o seu processo de transição[305], como questiona Sliobifr Slim em outro comentário:

> Desculpa a pergunta quantos você tem e com quantos iniciou o tratamento? Porque estou na faixa dos 20 e tenho certo receio do tratamento não dar certo ou ser tarde de mais. E outro, é preciso mesmo procurar psicologo e psiquiatra? Um abraço, cheguei hoje no seu canal e suas palavras em vários momentos me vejo já tendo um dia pensado ou feito.[306]

Outro aspecto encontrado nos comentários dos vídeos dessa categoria são os de identificação. Ambos *Youtubers*, como outrora aqui explicitado, costumam em alguns vídeos alertar seus espectadores de que as experiências ali relatadas são subjetivas, e que o processo de transição e as vivências como um todo são subjetivos. Porém, para parcela significativa dos espectadores trans, há uma busca pela identificação, que por muitas vezes acaba sendo explicitada, como por G Duke. "Nossa história é um pouco parecida, mas eu era um pouco fechado, então foi complicado. Lutei contra mim mesmo, fiquei depressivo... enfim. É foda. Mas agora to feliz sendo quem sou, assim como tu. Abraços, vou te acompanhar aqui =)"[307]

Essa prática biográfica também foi utilizada por ambos os *creators* no seu processo de autoreconhecimento. Ambos recorreram ao Youtube para a busca de informação e identificação. Tal ato, comum para essa comunidade na

---

[302] Ibid., (06m58s). Comentário também deixado no vídeo referenciado acima.
[303] TRANSDIARIO. COMO CONTEI QUE SOU TRANS. 2016. (08m37s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r-onLh-cRDw. Acessado em: 30 de Setembro de 2018
[304] Processo esse a ser elucidado no capítulo três.
[305] A dúvida foi respondida pelo Youtuber por meio de resposta nos comentários.
[306] Comentário deixado no vídeo: TRANSDIARIO. COMO CONTEI QUE SOU TRANS. 2016. (08m37s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r-onLh-cRDw. Acessado em: 30 de Setembro de 2018
[307] Ibid., Comentário também deixado no vídeo referenciado acima.

contemporaneidade, foi abordado na novela A Força do Querer, em 2017. Ao ar pela Rede Globo na faixa das vinte e uma horas, a obra de Glória Perez relatou a história de um homem trans (Ivan) que no seu processo de identificação recorreu a essa plataforma para se entender. Em uma das cenas, inclusive, aparecem *frames* e segundos de um vídeo protagonizado por Lucca Najar.

Figura 8. Ivan (Carol Duarte) assiste vídeos de homens trans, incluindo Lucca Najar, na novela "A Força do Querer" (2017)

Capturas de tela do vídeo "Ivana vê vídeos sobre transexuais", de 2017.

Uma segunda categoria de vídeos que compõe e ilustra o exercício dessa Rede Viva de Informação são aqueles destinados exclusivamente a responder as dúvidas enviadas dos espectadores. É como se a caixa de comentários, que permeou a discussão da primeira categoria fosse projetada. Geralmente essas dúvidas são enviadas por outras redes sociais - em especial o Twitter - e selecionadas pelos *Youtubers*. Muitas dessas perguntas envolvem o processo de transição, outras extrapolam a temática e adentram a intimidade das relações sociais dos sujeitos, e por fim, outras que vagam pelas mais variadas temáticas.

Nessa categoria, tivemos um vídeo produzido pelo canal Transdiário e sete vídeos produzidos por Lucca Najar. É nesse último que nos atentaremos, uma vez que a observação da série dos vídeos dessa temática nos apresenta certa evolução das discussões. O primeiro[308] dos vídeos da série "Lucca Responde" se configurou justamente na leitura e resposta de comentários tecidos em vídeos anteriores. Interessante observar que algumas dúvidas condiziam com um canal recente,

[308] NAJAR, L. HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1. 2016. (08m09s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p_3qaMy4h9Q&t. Acessado em: 30 de Setembro de 2018

proferidos aparentemente por pessoas cujo conhecimento sobre as questões que circunscrevem a vivência transexual ainda era reduzido[309]. Uma das primeiras dúvidas, por exemplo, questionava a diferença entre uma pessoa cisgênero e uma pessoa transgênero[310]. Nesse mesmo vídeo, por duas vezes, Najar lê comentários onde enaltecem o fato do canal estar trazendo informação, e ressaltam que aquele universo ainda é novo para eles. Já o segundo vídeo dessa série, "o que é HOMEM TRANS e MULHER TRANS? Qual a DIFERENÇA? - Lucca Responde #2"[311] foram elencadas pelo *creator* as perguntas até então mais feitas no canal, e novamente se dispõe a falar de assuntos aparentemente introdutórios. São eles: a diferença de um homem trans e uma mulher trans, de uma lésbica masculinizada[312] e um homem trans, e por último, qual o banheiro que ele utiliza[313].

Logo na abertura do terceiro vídeo[314] da série há o pequeno depoimento de uma professora que coloca o canal Lucca Najar como responsável por ter melhorado o tato de como lidar com um aluno trans, o que nos ajuda a compreender o uso social dessa ferramenta e de que forma as informações obtidas nessa rede extrapolam os minutos de vídeo. Sobre as respostas, a partir desse vídeo nos parece adentrar um pouco mais nas questões sobre o processo. Temos perguntas sobre mercado de trabalho, troca de documentos e procedimentos cirúrgicos.

No quinto vídeo[315] há um especial com dúvidas que são apenas sobre a transmasculinidade que, segundo Lucca, são voltadas para os homens trans. Entre as perguntas temos desde a possibilidade de um homem trans engravidar até qual o hormônio[316] é utilizado e com qual frequência. Observamos que a partir do sexto

---

[309] Tanto no caso de pessoas que não são trans, quanto no caso de pessoas que ainda estão se entendendo, ou dando um novo passo nesse processo.
[310] A resposta para tal dúvida já foi debatida no capítulo um.
[311] NAJAR, L. o que é HOMEM TRANS e MULHER TRANS? Qual a DIFERENÇA? - Lucca Responde #2. 2017. (05m39s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-cA8oIfTOjQ. Acessado em: 30 de Setembro de 2018
[312] Nesse ponto do vídeo, ele faz a separação entre gênero e sexualidade, e invoca a autoreferência para a explicação.
[313] Nesse ponto, ele coloca como obvia a resposta, e prossegue explicando o porquê dele, um homem trans, utilizar o banheiro masculino.
[314] NAJAR, L. Homem Trans: PODE COLOCAR NOME SOCIAL NO CURRÍCULO? - Lucca Responde #3 - Lucca Najar. 2017. (10m28s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VSYNI0T7oWc. 30 de Setembro de 2018
[315] NAJAR, L. HOMEM TRANS pode engravidar uma MULHER CIS? - Lucca Responde #5 l Lucca Najar. 2017. (08m24s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wxG4Zi2FCGs&t. Acessado em: 30 de Setembro de 2018
[316] Há, segundo os Youtubers analisados, mais de um tipo de testosterona com possibilidade de aplicação.

vídeo[317], postado com mais de um ano e meio de canal, as dúvidas que os enunciatários mandam são de cunho mais pessoal e que fogem mais a questão da transição. Então temos respostas sobre gostos pessoais e preferências até procedimentos capilares. Podemos atribuir a esse fato não só que essa série de vídeos cumpriu o papel de sanar dúvidas, como, pensando numa linearidade do acompanhamento desses espectadores, que estes possam ter encontrado em vídeos anteriores respostas para algumas das suas perguntas.

A terceira e última categoria se refere aos vídeos em que os próprios *Youtubers* se prontificam a ser diretamente uma Rede de Informação. Por vezes recorrem a convidados com conhecimento mais aprofundado na temática do vídeo para participação. Aqui as temáticas continuam a permear a vivência de um homem trans, embora nem sempre recorra à experiência subjetiva para trilhar o caminho do vídeo.

Em "Como faz pra mudar os documentos?"[318], Luca Scarpelli chama seu irmão Hugo Scarpelli (advogado) para responder dúvidas frequentes que permeiam essas experiências no campo legal, como a troca de documentos e o uso do nome social. Conteúdo parecido tem o vídeo "Nome social: OS BANCOS SÃO OBRIGADOS A RESPEITAR?"[319], produzido por Lucca Najar. O Youtuber, por sua vez, se propõe sozinho a trazer as leis e decretos[320] que regem a questão da identificação do eu trans nos documentos e na vida pública.

Esse tema volta em ambos os canais, em vídeos[321] similares, no segundo trimestre de 2018, a partir da decisão do Superior Tribunal Federal de 01 de Março de 2018. Nela, passou-se a permitir que o nome social e a troca de documentos não fossem condicionados ao laudo médico ou decisão judicial. Por se tratar de uma conquista cuja trajetória para sua aquisição se arrastou judicialmente e ecoava

[317] NAJAR, L. Homem Trans: AMOR, FORAS, DORES E MUITO MAIS - Lucca Responde #6. 2017. (08m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DL-7b4lG8lw. 30 de Setembro de 2018

[318] TRANSDIARIO. Como faz pra mudar os documentos?. 2017. (12m53s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xsaNAV4VAYc. Acessado em: 08 de Outubro de 2018

[319] NAJAR, L. Nome social: OS BANCOS SÃO OBRIGADOS A RESPEITAR? - Lucca Najar. 2017. (04m44s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bN602Ae0n3Q. Acessado em: 08 de Outubro de 2018

[320] Como o decreto nº. 8727, sancionado por Dilma Rousseff em abril de 2016, que aplica o uso do nome social nos órgãos federais. No capítulo três esse decreto será melhor explanado, ao tratarmos do nome social e da troca de documentos partindo dos relatos de si.

[321] NAJAR, L. MUDANÇA DE NOME: Decisão do STF l Lucca Najar e Bruna Pimenta. 2018. (10m50s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-uWt44evfFg e TRANSDIARIO. Traduzindo a decisão do STF: como mudar nome e gênero agora? - feat. Bruna Pimenta. 2018. (14m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9mxdS9I2HVs. Acessado em: 08 de Outubro de 2018

nacionalmente na militância trans, bem como chegou imersa de dúvidas da sua aplicação, coube a Bruna Pimenta, estudante de direito e namorada de Lucca Najar a elucidação do assunto em ambos os canais[322]. O fato de terem sido gravados vídeos separados e hospedados em ambos os canais demonstra a intenção de que a informação chegasse a um número maior de pessoas. Uma vez que postado cada um dos vídeos, alertas diferentes[323] chegariam aos inscritos nos canais, a informação circularia mais e ainda possibilitaria maior alcance a aqueles que buscassem o conteúdo pelas ferramentas de buscas, já que esse assunto - principalmente na época de sua aprovação - estava em voga, sendo noticiado – embora de forma pouco explicativa – nos principais jornais televisivos e portais de notícia *online* ou *offline.*

Ainda em 2018, a decisão da Organização Mundial de Saúde (OMS) de retirar a Transexualidade[324] dos transtornos mentais na Classificação Internacional de Doenças (CID) foi tema do vídeo "É bom a transexualidade sair do CID?"[325], do canal Transdiário. Tentando mostrar a importância[326] da manutenção da transexualidade, agora categorizada como Incongruência de Gênero e realocada para Saúde Sexual, o vídeo foi feito pelo *Youtuber* com acesso a nova resolução da OMS sobre o assunto. Houve, então, um trabalho de pesquisa, colocado de forma clara no vídeo, seguido de um posicionamento político e identitário sobre a decisão.

Em comum, os vídeos dessa categoria tendem a se apresentar com uma pesquisa e apresentação de normas, resoluções, decisões, aparatos legislativos e posicionamentos institucionais. Podem vir ou não com a presença de alguém com maior conhecimento técnico, e vem acompanhado de um posicionamento pessoal. Nesse caso, a Rede não é tecida exatamente sobre a subjetividade do enunciador, mas esta tem raízes e ramificações dentro do assunto, uma vez que todos os

[322] Como já explicitado, ambos Youtubers são amigos, daí a proximidade também com a estudante universitária.
[323] Os alertas mais comuns se dão por notificação na barra superior da página do Youtube, e notificações nos aparelhos que estão logados na conta em questão (este carece de clicar num alerta, em formato de sino, ao lado do botão "Inscrever-se"). Alguns canais, estes geralmente de artistas musicais costumam, por vezes, notificar seus inscritos via e-mail.
[324] Ou, como até então era catalogada, a Disforia de Gênero.
[325] TRANSDIARIO. É BOM A TRANSEXUALIDADE SAIR DO CID? 2018. (05m31s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wv3cnlPezwM. Acessado em: 08 de Outubro de 2018
[326] Na visão do Youtuber.

assuntos tratados nesses vídeos interferem no cotidiano de uma pessoa trans[327] no Brasil[328].

Dessa forma, nesses três nichos identificados temos exemplo da criação de uma Rede Viva de Informação. Essa Rede não só tem o intuito de informar, como acaba tecendo uma lógica de socialização entre enunciador e enunciatário, como melhor evidenciado nos vídeos das duas primeiras categorias. A terceira não deixa de agir sob essa lógica, uma vez que, como afirmado por Benjamin Neves, esses sujeitos apropriam de suas avaliações para entrar em uma espécie de catarse coletiva. Logo, os vídeos dessa categoria se dão através de um compromisso criado pelo enunciador de falar sobre esses assuntos, concretizando o objetivo de se colocar como catalizador de informações. A criação desse espaço social *online*, pautado na troca de informações se dá, portanto, a partir do "eu". Mas principalmente a partir do "nós".

> As pessoas trans parecem usar o YouTube como uma forma de criar novas relações sociais distinta da predominante nas redes sociais, expressamente como uma maneira de manter relações pré-estabelecidas (Boyd; Ellison, 2008). Muitos dos youtubers expressam ao mesmo tempo uma forte conexão e uma obrigação com relação à comunidade do YouTube. Compartilhando conhecimento sobre como eles se sentem sendo trans, como fazer volume na calça (com um packer), como injetar hormônios, que tipo de cirugia fazer, etc. Isso geram um comprometimento comunal e uma forma de oferecer apoio. (RAUN, 2010. P. 92).

Ao contrário dos espaços sociais apresentados nos pontos anteriores, aqui temos como vetor a publicização da vida particular e da difusão de informações. Esse espaço social *online*, que se insere na rede em uma criação de um espaço de debate, de informação, e um espaço político, é comum entre os outros LGBTQ+, na comunidade negra, feminina/feminista, e até de quem passa por alguma questão patológica (pessoas com transtorno de ansiedade e depressão, vítimas do câncer, soropositivos, etc). Esse espaço é político, pois visa ecoar vozes e informações sobre vivências ainda tomadas por uma penumbra de desinformação, estigmatização, e violências simbólicas.

Esse espaço social *online* nem sempre é harmonioso, como as escolhas realizadas nessa análise possa ter feito parecer. Elas se deram ao perceber que

---

[327] Os vídeos dessa categoria, com exceção dos vídeos sobre procedimentos cirúrgicos, têm como temática assuntos que interferem na vida de pessoas trans independente do gênero com o qual se identifica, não necessariamente, portanto, se apegando a transmasculinidade.

[328] Alguns vídeos também tecem panoramas sobre a transexualidade em Portugal, já que até 2017 era onde Luca Scarpelli residia. Havia por parte dos espectadores não só curiosidade sobre o processo de transição dado em terras portuguesas, mas pensar a diferenciação entre lá e aqui, bem como a possibilidade de residir lá.

ambos os canais focam em criar um espaço positivo, de ajuda e compartilhamento do bom. Tirando momentos mais delicados de uma história imediata[329], , os canais pouco colocam em pauta os conflitos gerados pela vulnerabilidade dos seus corpos, a não ser quando o intuito é, justamente, contribuir para uma mudança dessa situação.

Analisando os comentários dos vídeos aqui citados, comentários como "você é uma mulher", ou "você nunca vai ser um homem" foram encontrados. Mas é de escolha pessoal dos próprios *Youtubers*[330] não se apegar nisso. Logo, não respondem, rendem, e evitam nos vídeos falar sobre. Portanto, foi de escolha consciente e compromisso com a mensagem proposta pelos canais a não abordagem destes comentários e desse aspecto negativo ao longo da pesquisa.

Assim, o espaço social *online* se cria, cresce, se difunde, e acaba criando uma lógica própria de socialização permeada pela troca de informações. Temos aqui um espaço que não é só interpenetrante com os demais - como aponta Henri Lefebvre-, mas que acaba condicionado pelos outros a existir, já que cabem as experiências *offline* tanto tecer os relatos de si que culminam na criação desse espaço quanto fazer emergir a necessidade de se falar sobre determinados assuntos.

A criação desse espaço, enfim, não busca somente informar ou render um diálogo acerca da vivência de um sujeito. O espaço social *online* se coloca como ambiente de acolhimento e de identificação. A partir dele, perpetua-se que experiências de membros dessa comunidade sejam não somente expostas, mas que sirva para que as experiências de quem assista se deem de forma mais elucidada, seja o espectador transgênero, ou alguém que visa melhorar o trato pessoal com algumas dessas questões.

4.5. Carne, pedra e a criação de um espaço social *online* através do corpo.

O Historiador Richard Sennett[331] na obra "Carne e Pedra" dedica-se a pensar o corpo ao longo da História na formação dos espaços. Para o autor, o espaço era

[329] Como a última eleição presidencial.
[330] E ambos deixam isso claro.
[331] SENNETT, R. Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, Record. 2003. p. 15.

tecido pelas experiências corpóreas. O corpo seria na sociedade ocidental supervalorizado, sexualizado, sobrecarregado de sentido.

Ao final de sua obra, Sennett afirma que a forma dos espaços urbanos deriva de vivências corporais específicas de cada povo. Por fim, proclama que o nosso entendimento do corpo precisa mudar, para que as pessoas se importem umas com as outras, ou "jamais seremos capazes de captar a diferença alheia enquanto não reconhecermos nossa própria aptidão[332]."

Sennett em sua obra pensa da Antiguidade a sua contemporaneidade na capital inglesa pelo víeis do corpo e a consideração de que esse foi durante parte significativa da nossa História moldado pela tradição judaico-cristã. A teoria do autor é que essa tradição resultou um sentimento individualista na cultura ocidental, e passa a pensar as mazelas provindas desse aspecto.

"Carne e Pedra" é anterior ao boom das tecnologias de comunicação e informação as quais essa pesquisa se debruça. Mas espelhamos na teoria da obra do autor para concluir esse capítulo e ousar pensar a relação entre o corpo e seu uso (aqui abordando a pluralidade dos corpos que a dissertação buscou analisar) e a criação do espaço no tempo presente.

Consideramos a partir da leitura da obra e da sua combinação com o estudo aqui realizado que o corpo permanece na construção do espaço. Ao longo desse capitulo, buscamos refletir a *priori* a produção dos espaços sociais *offline* e a sua compreensão. Desse modo, estabelecemos que um espaço social, segundo a teoria de Henri Lefebvre, é composto por diversos fragmentos que ao se relacionarem produzem esses espaços. Ao abordarmos a transformação desses espaços a partir do autoreconhecimento dos sujeitos analisados como homens trans, podemos pensar que esses corpos não são simploriamente ocupantes de um espaço, mas agentes ativos na sua construção e mutabilidade.

Ao se reconhecerem como transexuais e ao iniciar as mudanças provindas do processo de adequação ao gênero com o qual se identificam, esses indivíduos desencadeiam em terceiros um processo de transição, diferente do qual eles estão sujeitos. Simultaneamente, a circulação desses corpos no espaço público tende também ocasionar em transformações, muito pelo fato de historicamente esses

[332] SENNETT, R. Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, Record. 2003. p. 300.

corpos serem submetidos a abjeção, muito alimentada pela tradição religiosa que a sociedade ocidental - tal como Richard Sennett afirmou – se fundamentou.

O uso do corpo e sua vontade de torná-lo público (tal como o anseio por consumir essa publicização) atrelado à evolução midiática e seu uso social, promove a criação de um novo espaço. Esse espaço é dado em um ambiente virtual, é acessado através de ferramentas concretas, mas se fundamenta na relação entre seus usuários. A modificação desse espaço é compartilhada, diferenciando de outros ambientes midiáticos onde a relação se dava entre produtores de conteúdo e consumidores meramente passivos. Esse espaço está em constante construção, até mesmo pelo fator de a plataforma que esse espaço se fixa proporcionar ferramentas para que ele seja constantemente alimentado.

Mas principalmente, no caso dos objetos dessa pesquisa, o corpo trans é utilizado para a criação de um espaço múltiplo em ambiente *online*, cujo um dos seus intuitos é funcionar como ferramenta de transformação política em prol da modificação da sua condição de abjeto há pouco mencionada. Esses canais no Youtube (ou “vlogs”) são um espaço de sociabiliadade, um espaço político, um espaço de informação e um arquivo, e todos esses sentidos se fundamentam através do ato de autobiografar (embora alguns vídeos, conforme analisado, extrapolem o “eu” em função de debater o “nós”).

Se “além de servir como uma autobiografia e um diário, os vlogs também engendram comunidades (trans)nacionais de caráter conversacional, para engajamento”[333], pensar como se constrói esse espaço e como ele socialmente se consolida e atua, é também pensar em como se constrói esse sujeito, e, portanto, como se constrói sua trajetória e narrativa.

Esses sujeitos estão permeados de laços sociais, sanguíneos ou não, impostos ou não, cujas respostas a sua autoafirmação como homem e como homem trans desencadeiam reflexos na sua constituição do eu. É assim um espaço de sociabilidade, ou como aqui nominamos um Espaço Social, por permitir que não só vidas fossem videografadas, como estabelece um convite ao outro para a interação.

Esses corpos políticos, dotados de fala e de ouvintes, acabam por constituir um novo espaço de sociabilidade que pode proporcionar uma identificação coletiva, sobre esses que são socialmente considerados como agressões ao nosso olhar,

[333] RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. p. 90.

esse moldado por uma cultura dogmatizada e intolerante, que em alguns momentos abraça a ignorância, se recusando a abraçar a compreensão.

> Os vlogs podem ajudar a mobilizar e disseminar informação sobre transição e identidade trans (O'Riordan, 2005) e, portanto, os vlogs podem ser lidos como uma forma de ativismo global *online*, auxiliando na modificação da imagem de transexuais como sujeitos passivos e patologizados.[334]

Nesse aspecto, essa plataforma serve como um amplificador de voz, e mais que isso, uma chamada para que outras vozes se juntem.

> Pessoas que antes se sentiam únicas eram relegadas a contextos discriminatórios e a um isolamento que reforçava nelas um sentimento de solidão que as enfraquecia, agora podem fazer contato com outras como elas, ou que as respeitam, rompendo o ciclo da discriminação, isolamento e solidão que, mais frequentemente do que gostaríamos de constatar, as levava até mesmo a perecer.[335]

Assim cria-se um espaço político influente, agregador, que muito tem a acrescentar – como se propôs esse trabalho – para as pesquisas da História do Tempo Presente que aborde essa população e as demandas sociais atuais que a circunscreve.

[334] RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. p. 92.
[335] MISKOLCI, R. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos. Natal, v. 12, p. 9-22, 2011. p. 20.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início buscamos apresentar ao leitor uma análise que mostrava como o Youtube e as práticas provindas dessa plataforma permeiam o presente, ao ponto que este site oferece a nós pesquisadores de uma História do Tempo Presente claro retrato da cultura contemporânea[336] e, por conseguinte, de que forma o sujeito se porta, se expressa e se relaciona no tempo presente.

O Youtube escancara hábitos culturais: como os indivíduos consomem uma mídia portátil e com certa democracia em sua imersão (seja como produtor ou consumidor de conteúdos); como se informam; como se comunicam; como se registram e como se interessam pelos registros alheios. Dessa forma, o site de streaming do Google se impregna no cotidiano e seu consumo se torna hábito. Assim, pensar os usos do Youtube é pensar a formação dos sujeitos e como estes constroem seus espaços sociais, compartilham de saberes e fomentam os debates públicos.

Uma parcela dos criadores de conteúdo se dedica a analisar de que forma as relações de gênero e sexualidade ditaram o rumo das suas relações sociais, da produção da sua subjetividade e sua relação com o espaço (social, físico, *online*). O gênero prossegue se colocando como "elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos."[337] Ao abordamos especificamente indivíduos transgêneros na produção desses registros, buscamos compreender que não só esses relatos de si explanam as relações de poder circunscritas pelo gênero, como visam a sua modificação.

Ao longo de toda a escrita, empenhamos em mostrar através das videografias de si escolhidas para a análise que a forma desses sujeitos de ser e estar no mundo, as relações sociais com aqueles que os cercam,[338] e até a relação consigo mesmo são pautadas por um conjunto de normas. Estas impõem aos sujeitos dicotomias de uns em relação aos outros através de uma lógica de poder que hierarquiza corpos e que chega a negar a inteligibilidade da materialidade de alguns, retirando destes a possibilidade do luto.

---

[336] Uma cultura informatizada, ávida pelo consumo de cotidianos alheios e que buscava ampliar não só quem ouvia, mas quem falava.
[337] SCOTT, J. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, p. 71-99. 1995. p. 14.
[338] Logo, nos espaços sociais e no espaço público

Pensar essas relações e a construção da subjetividade através da materialidade do corpo nos permitiu enxergar de forma mais efetiva essas normas moralizantes ditando as condições de vivência e sobrevivência desses sujeitos. Ao pensarmos a materialidade desses corpos e os discursos normalizadores que se circunscrevem e o transforma, podemos compreender a trajetória de quem foge da caixa de regras pré-estabelecidas. Ação essa que transforma esse corpo em um "corpo estranho", abjeto.

Ao externalizar o seu processo de transição e os demais aspectos que tangem a vida de cada um deles - e por vezes abordando vivências de terceiros em prol de uma abordagem mais ampla na rede de informação criada em seus canais -, Lucca Najar e Luca Scarpelli constroem em tela sua subjetividade (palavra de ordem dentro da História do Tempo Presente) e permite que o público se torne mais familiarizado com uma materialidade de um corpo tão mutável.

O corpo se projeta nessas videografias e vai adquirindo sentidos que se coexistem. Ao mesmo tempo em que recebe inscrições das normas socialmente pré-estabelecidas e produzindo e modificando sua materialidade – condição para que surjam e se manifestem tais inscrições – faz o movimento inverso, contribuindo e possibilitando a produção e modificação dos espaços sociais.

Ao atingirem centenas de milhares de inscritos se somados - fora os que acompanham os canais de forma esporádica - os *creators* usufruem desse novo hábito de consumidores midiáticos em crescente procura e assiduidade na plataforma indicada, e assim possibilitando que acessem o registro de vivências que, como o texto presente se propôs a mostrar, são ainda tão pouco divulgadas na cultura de massa. Desse modo, o Youtube acaba por se fundamentar como local essencial para a circulação desses discursos e da midiatização desses corpos falantes, sendo "lugar privilegiado de contestações de práticas sociais naturalizadas".[339]

O Youtube se concretiza culturalmente como fonte de informação e entretenimento na contemporaneidade. Da rentabilidade à visibilidade que elege os sujeitos projetados pela plataforma como influenciadores, os atrativos do site de compartilhamentos se acumulam e vão de encontro à relativa democratização que a internet oferece, ao permitir que vozes múltiplas sejam circuladas pela rede. Não

[339] PELUCIO, L; SOUZA,; TEIXEIRA, T. (Org.) ; MAGALHÃES, B. (Org.) . Olhares Plurais para o Cotidiano - Gênero, Sexualidade e Mídia. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2012. p. 07.

ignoramos o fato que o Youtube é um produto mercadológico e mercantilizado, como já anteriormente afirmado. Não nos é intenção a consideração dessas videografias com um caráter unicamente social e político, nem que seu discurso seja colocado como a verdade de todo um coletivo. Mas os sentidos que esse material ganha para cada espectador são diferentes. Aqui a vimos como espelho, como rede viva de informação, como registro de si. A plataforma potencializa a formação de laços de afinidade distintos em que o comercial, o político e o íntimo se entrelaçam. [340] Ao longo dessa pesquisa, optamos como pesquisadores pensar a ótica plural em que esses relatos de si se inserem , tendo nesse entrelaço evidência de que ao permear variadas esferas da experiência dos sujeitos envolvidos, esse material se faz relevante para o entendimento de uma História do Tempo Presente que protagonize os transexuais.

Através dos aparatos tecnológicos os dois jovens, assim como tantos outros, encontram oportunidade de se autobiografar. Essa autobiografia, assim como qualquer outra do espaço biográfico, contém características específicas que diferem os seus fazeres. Nesse ponto, o que diferencia as videografias no Youtube das demais práticas biográficas contemporâneas é a junção de dois fatores: (1) A sua confecção contar com recursos de áudio e vídeo. (2) Sua necessidade de publicização e participação do outro.

Além de apresentar ao consumidor maiores detalhes - podendo no ato de recebimento desse discurso perceber coisas através do gestual e do tom de voz, por exemplo-, o audiovisual enriquece a experiência do videografar-se dos sujeitos. Isso se considerarmos que o propósito da videografia perpassa pelo uso do corpo, os discursos neles circunscritos pelas normas sociais, e a mutabilidade da sua materialidade[341]. Também ao longo da análise dos vídeos, podemos perceber que o exercício de videografar a si mesmo bebe das demais práticas biográficas para se fundamentar. É nessa junção que é criado um espaço biográfico que nos oferece a pensar não só o exercício de relatar a si mesmo e a sua consideração como biografia, mas pensar que evidencia o papel social e político da internet e da mídia, e por fim que essa prática biográfica é sintomática do tempo presente, desempenhando nesse tempo histórico relevante papel.

---

[340] MISKOLCI, R. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos. Natal, v. 12, p. 9-22, 2011. p. 20.

[341] O que fundamentou nosso segundo capítulo.

Ao entendermos que essa exposição de si realizada por pessoas trans no Youtube é algo cuja magnitude não encontra precedentes na mídia de massa ou qualquer outra forma de representação ao longo da história, concluímos que o ato de relatar a si mesmo explana que historicamente existiram forças que visaram retirar os discursos e as trajetórias dessas pessoas de uma esfera pública. É esse movimento que foi ao longo da História não só reproduzido, como legitimado e alimentado que reafirmava a abjeção dos corpos trans e sua constante colocação como corpos vulneráveis a diversos tipos de ações e violências.

Esses sujeitos encontram no ecoar dos seus discursos ferramenta de resistência a essa vulnerabilidade. Entendemos que essa vulnerabilidade "não se reduz a uma particularidade ou a uma disposição episódica de um corpo distinto, mas é, na verdade, um modo de relação que repetidas vezes coloca algum aspecto dessa distinção em questão".[342] Por isso, a constante abordagem acerca da corporeidade dos transexuais nos relatos de si de Lucca Najar e Luca Scarpelli são ferramentas de resistência, pois debruçam sobre o aspecto que insiste em diferenciá-los dos demais corpos circulantes de um mesmo espaço social e que também permanece os marginalizando.

Assim, no exercício de se tornarem corpos midiáticos, deliberam-se em consequência discursos sobre as normativas de gênero e as relações hierárquicas que utilizam essa categoria para se manifestarem e se imporem. Portanto, a relevância que esses canais adquirem se encontra na criação de debates públicos que questionem esse código normativo vigente através do gênero. De tal modo, essa contestação demonstra que, além da transexualidade ter se tornado urgente[343], a plataforma de vídeos do Google se coloca como um espaço[344] propício ao registro ainda mais democrático e seguro para a propagação dessas vivências, o que contribui para tal "urgência da transexualidade" e da circulação desses corpos no espaço público.

A consideração desses sujeitos como agente da história, que denunciam um conjunto de regras pré-estabelecidas que movem esses corpos para a margem, vem para suprir essa urgente demanda. Nesse trabalho optamos por abordar suas próprias narrativas produzidas espontaneamente para a compreensão das marcas

[342] BUTLER, J. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 89.
[343] Não ela, mas a circulação de ideias que visem amenizar ou aniquilar os dados preocupantes que permearam de forma diluída essa dissertação
[344] Ao mesmo tempo biográfico e social, portanto, um espaço de caráter múltiplo.

que tangem a existência desses corpos. Acreditamos que essa escolha enriquece o trabalho, ao passo que para o entendimento da História do Tempo Presente desse grupo social, a Academia encontra na sociedade discursos que estão sendo produzidos e ecoados pelos seus próprios agentes.

Essa produção é feita independente do ambiente acadêmico e sem pretensão de pertencê-lo. Ao historiador, permite a construção de uma História compartilhada, fundamento da História Pública, unindo os interesses na construção do saber histórico.

Emergiu-se nos últimos anos um debate público - impulsionado por um maior aparecimento (embora ainda tímido) nas grandes mídias dessa população, pelas redes sociais e pela luta de rua e prol de políticas públicas e assistência - sobre a transexualidade. Do papel de destaque em novela em horário nobre anteriormente descrito até uma maior presença desses corpos nos noticiários[345], buscou-se maior entendimento sobre quem são esses indivíduos e o que rege suas vidas. Por vezes, espantam-se quando percebem que esses corpos sempre estiveram presentes, porém em constante projeto de invisibilização. A História Pública como movimento nos oferece ferramentas para que apresentemos a possibilidade de pesquisas que utilizem esses relatos de si como fomentadores desses debates, sob o olhar do historiador. Afinal, a História Pública "é uma avenida para a formulação e configuração de políticas públicas por meio de pesquisas historicamente fundamentadas."[346]

Pensando que "A história acadêmica vaza por muitos poros, criando vasos que sustenta o que as pessoas entendem como história"[347], consideremos a oportunidade de trabalhar de maneira acadêmica e sistemática esse material midiático como a possibilidade de fazer o movimento inverso e, através desses vazamentos, introduzir ao campo historiográfico novas fontes que possam ser trabalhadas e analisadas sob os moldes do que a História já vem realizando com os demais fazeres biográficos, especialmente os categorizados há pouco como parte de um espaço biográfico inovador.

---

[345] Infelizmente por muitas vezes corpos já mortos pela brutal violência que essa população é submetida diariamente.

[346] ZAHAVI, G. Ensinar história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo. ROVAI, Marta (Org.) Introdução à História Pública. São Paulo, Letra e Voz, 2011p. 54.

[347] ALBIERI, S. *História pública e consciência histórica.* In: ALMEIDA, Juniele Rabelo. ROVAI, Marta (Org.) Introdução à História Pública. São Paulo, Letra e Voz, 2011. p. 21.

Se segundo Juniele Rabêlo em fala na Universidade de Curiri, “A História Pública tem necessidade de problematização. (...). O que transforma a perversidade em possibilidade é o questionamento e a problematização, e sair do lugar da cegueira, colocar o dedo na ferida”[348]; encontramos em canais como o “Lucca Najar” e o “Transdiário” ricas fontes históricas para a compreensão da História que permeia esse grupo social, permeado por ações externas cuja intenção é o combate a invisibilização, patologização e abjeção desses corpos.

Assim, historicizamos a reflexão sobre quem são essas pessoas, o que querem, por que querem, o que são impedidos de fazer, o que já estão conseguindo e como estão conseguindo fazer, e como seu discurso atinge seus semelhantes, seus aliados e sua oposição. Assim, transformamos a perversidade em possibilidade e ouvimos quem através do Youtube já busca (entre várias outras coisas) fazer isso para seu público.

Por mais óbvios – e vamos lembrar que a obviedade nos interessa - que gestos cotidianos relatados nessas videografias possam parecer, ainda assim são parte da experiência de sujeitos de um grupo que encontrou nas redes sociais seu alto-falante e que tem contribuído para movimentar o debate público acerca das práticas discursivas que através do gênero impõe o poder nesse grupo social. Exemplo disso obtivemos tanto ao trazer números de acessos e inscrições desses canais, quanto ao mostrarmos a presença desses sujeitos em outros tipos de mídia – como aqui trazidas no primeiro capítulo – e em outros canais – como trazido no terceiro.

Buscamos ao longo da presente dissertação pensar a produção de um espaço múltiplo que se cria através dos canais de homens trans no Youtube e sua contribuição para os estudos historiográficos que abordem esse grupo social. A própria existência desse espaço e pela permissão de midiatizar aqueles corpos - fazendo-os presentes e ouvidos – é política. Esses corpos e essas vozes se posicionam, se autobiografam, se expõem, e assim, incitam debates.

> As vozes expressas na Internet, funcionam assim como tensionadoras de uma realidade, que é alvo do desejo de mudança por parte de determinados grupos. Elas apresentam novas premissas de bem viver. Os

348 Afirmação proferida por Juniele Rabêlo de Almeida, em participação no 3º Simpósio Internacional de História Pública. Retirado de: ZUMBI PRODUÇÕES CARIRI FILME. “HISTÓRIA EM DEBATE: 3º - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA PÚBLICA - HISTÓRIA PÚBLICA EM DEBATE”. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u43XbNtpQ2A&t=. Acessado em: 01 de Agosto de 2019.

> “desvalorizados” por seus modos de vida podem alçar outras posições na hierarquia social e assim configurarem processos de identificação. A possibilidade de uma identificação coletiva, proporciona uma maior certeza sobre as próprias escolhas e a motivação para se auto-afirmarem no mundo, mediante a afirmação da sua diferença. Essas pessoas falam por si mesmas, de uma causa comum, e persistem para que seus pontos de vista sejam aceitos.[349]

A identificação coletiva é uma estratégia política. Se esses corpos são, conforme Freitas, “desvalorizados”, a probabilidade de uma identificação coletiva possibilita que os discursos defendidos sejam endossados, e assim, aumentando a chance de notoriedade. Na busca por essa identificação, esses *Youtubers* encontram na câmera um veículo de transubstanciação.[350] O material produzido por tal objeto serve aos enunciatários como possíveis espelhos, e consequentemente, como espelhos coletivos.

> Na experiência da transexualidade masculina, em especial, a internet tem ocupado em espaço de articulação de saberes e pessoas muito significativa nas vivencias de muitos homens e meninos (trans). Preenchendo lacunas muitas vezes esvaziadas pelas consequencias de assumir uma nova identidade fortemente estigmatizada. Permite encontrar através dos seus inúmeros recursos, novos círculos de sociabilidade que serão fundamentais no percurso de se realocar socialmente. Como esta experiência ainda tem uma visibilidade pública e social recente, percebi que todos os interlocutores que entrevistamos nesta pesquisa, de diferente maneiras, localizam a internet como um instrumento importante nos processos de transição. Empoderador ao fornecer informações não disponibilizadas no sistema de saúde e em outros espaços, instrumentalizando FtMs nas conversas com familiares (sobre o que é esta experiência), com médicos e profissionais da saúde (sobre quais e como serão feitos os procedimentos e intervenções), e com quaisquer outros órgaos ou entidades, como uma forma de resguardar seus direitos.[351]

Desse modo, há uma busca por esses espelhos coletivos, uma vez que essa plataforma pluraliza vozes midiatizadas e suprem uma demanda de representatividade e visibilidade. Cria-se assim um espaço informativo. Os *creators* trazem para a câmera demandas pessoais, demandas políticas e também demandas de terceiros. Dessa forma, os agentes desse espaço produzem uma Rede Viva de Informação.

O agrupamento dessas informações e dos debates incitados, bem como o ato de relatar a si mesmo nos dá uma ideia de que o Youtube pode ser, por fim um arquivo. Podemos observar que essa plataforma é dotada de características de usos e utilidades similares aos dos arquivos que conhecemos.

---

[349] FREITAS, R. V. Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet. Minas Gerais, 2014. p. 52.
[350] RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010.
[351] FREITAS, op. cit., p. 51.

> "Algumas pessoas podem passar tempo significativo lendo ou examinando objetos específicos; reunindo o material que eles precisam e seguindo em frente; alguns podem se perder e ficar sobrecarregados; e alguns podem apenas usar o arquivo como local de encontro."[352]

O Youtube, portanto, serve aos *creators* como arquivos da sua própria história, reunindo os relatos de si. Não meramente como diários, embora cumpram tal papel adicionando as especificidades da plataforma. Mas como "arquivos vivos da história, estão imersos ao acontecimento, sendo ao mesmo tempo participantes e reflexo dele".[353]

Assim, se de acordo com a nossa hipótese os relatos de si de pessoas trans depositados no Youtube são ferramenta de resistência política desse grupo social e objeto de estudo para a História, encontramos na abordagem dos relatos que protagonizam o corpo a principal manifestação desse cunho político que permeia esse fazer. Os corpos transexuais, como a presente dissertação buscou mostrar, "agridem os olhos" daqueles que foram condicionados à reprodução compulsória da lógica hetero-cis-normativa, refutando todos aqueles que ousassem subverter essa ordem.

> A aspiração política desta análise, talvez o seu objetivo normativo, é permitir que a vida das minorias sexuais e de gênero se tornem mais possíveis e mais suportáveis, para que corpos sem conformidade de gênero, assim como aqueles que se conformam bem demais (e a um alto custo), possam respirar e se mover mais livremente nos espaços públicos e privados, assim como em todas as zonas nas quais esses espaços se cruzam e se confundem.[354]

São nesses corpos que se circunscrevem sua condição de precariedade. É nesses corpos que se materializa a vulnerabilidade perante a violência dessa minoria social pautada pelo gênero. São esses corpos que ocupam e produzem espaços, das ruas ao espaço digital, expondo essa vulnerabilidade em prol da conquista por reconhecimento desses corpos não conformativos.

Esperamos, enfim, que a principal conclusão dessa pesquisa seja a consciência da necessidade que sejamos, perante à esses corpos, o garoto loiro de "Paracetamol".

---

[352] GEHL, R. Youtube as archive: Who will curate this digital Wunderkammer? International Journal of Cultural Studies. Londres. p.43-60. 2009, tradução nossa.

[353] LACOUTURE, J. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 290.

[354] BUTLER, J. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha;. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 27.

FONTES

GLOBOPLAY. “Ivana vê vídeos sobre transexuais”. 2017. (05m00s). Disponível em: https://globoplay.globo.com/v/6038178/?utm_source=twitter&utm_medium=share-ba.

JAWED. Me at the Zoo. 2005. (00m18s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jNQXAC9IVRw

MCKENNA, Declan. Declan McKenna - Paracetamol (Official Video). 2016. (06m01s). Disponível em: https://www.youtÉube.com/watch?v=iqojQJGt-Vo

NAJAR, Lucca. 1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL. 2016. (06m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vXyRDqUX8Gs&t

NAJAR, Lucca. CIRURGIA HOMEM TRANS - FTM - LUCCA NAJAR. 2017. (03m51s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5xsHGGd2KFM

NAJAR, Lucca. CIRURGIA HOMEM TRANS - PÓS OPERATÓRIO l LUCCA NAJAR. 2018. (05m42s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2JqfdsP4pio

NAJAR, Lucca. CIRURGIA HOMEM TRANS - TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER l LUCCA NAJAR. 2017. (10m11s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tI1HRW1HFQw

NAJAR, Lucca. CIRURGIA HOMEM TRANS FIZ MINHA MASTECTOMIA LUCCA NAJAR. 2017. (05m59s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=69pBVpQls-k&t

NAJAR, Lucca. CIRURGIA HOMEM TRANS: COMO FOI MINHA EXPERIÊNCIA? l LUCCA NAJAR. 2017. (06m13s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MIlctVm3Hok&t

NAJAR, Lucca. Como DESCOBRI que eu era um HOMEM TRANS. 2016. (04m57s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wSK1AZ-7FaY

NAJAR, Lucca. COMO INICIAR A HORMONIZAÇÃO - HOMEM TRANS. 2016. (06m17s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KSEubWP-9I8

NAJAR, Lucca. EXPLICANDO POR QUE EU NÃO ESTAVA POSTANDO VÍDEO - Lucca Najar. 2017. (03m52s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=idMeBkIV0EQ&t

NAJAR, Lucca. Família: COMO É TER UM FILHO HOMEM TRANS ? - Eliana Torres e Lucca Najar. 2017. (10m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sxQmyIFq0qQ&t

NAJAR, Lucca. HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1. 2016. (08m09s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p_3qaMy4h9Q&t

NAJAR, Lucca. HOMEM TRANS NA ACADEMIA. 2016. (04m42s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_BH0k8cSZD8

NAJAR, Lucca. HOMEM TRANS pode engravidar uma MULHER CIS? - Lucca Responde #5 l Lucca Najar. 2017. (08m24s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wxG4Zi2FCGs&t

NAJAR, Lucca. HOMEM TRANS pode engravidar uma MULHER CIS? - Lucca Responde #5 l Lucca Najar. 2017. (08m24s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wxG4Zi2FCGs&t

NAJAR, Lucca. HOMEM TRANS: 1 ANO EM TESTOSTERONA l Lucca Najar. 2017. (08m04s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gRCeUA7E11Q&t

NAJAR, Lucca. Homem Trans: AMOR, FORAS, DORES E MUITO MAIS - Lucca Responde #6. 2017. (08m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DL-7b4lG8lw

NAJAR, Lucca. HOMEM TRANS: infância e adolescência feat. Luca Transdiário l Lucca Najar. 2017. (10m21s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tUVyjz31iKg&t

NAJAR, Lucca. Homem Trans: O QUE MUDOU DEPOIS DA TRANSIÇÃO? - Lucca Najar. 2017. (05m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XCiNpeu2CXM

NAJAR, Lucca. Homem Trans: PODE COLOCAR NOME SOCIAL NO CURRÍCULO? - Lucca Responde #3 - Lucca Najar. 2017. (10m28s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VSYNI0T7oWc

NAJAR, Lucca. Homem trans: VOZ, PÊLOS E BIGODE E UMA DICA MARA (minoxidil) - Lucca Najar. 2017. (08m06s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lpxPlh6y7u8

NAJAR, Lucca. ME ARREPENDI DA TRANSIÇÃO DE GÊNERO? - Lucca Responde #4 - Lucca Najar. 2017. (08m10s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w-Fnxsnn8iM

NAJAR, Lucca. MUDANÇA DE NOME: Decisão do STF l Lucca Najar e Bruna Pimenta. 2018. (10m50s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-uWt44evfFg

NAJAR, Lucca. Nome social: OS BANCOS SÃO OBRIGADOS A RESPEITAR? - Lucca Najar. 2017. (04m44s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bN602Ae0n3Q

NAJAR, Lucca. o que é HOMEM TRANS e MULHER TRANS? Qual a DIFERENÇA? - Lucca Responde #2. 2017. (05m39s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-cA8oIfTOjQ

NAJAR, Lucca. Oi Pessoal. 2017. (0m33s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wkZbvVhYxgk

NAJAR, Lucca. Tirei os peitos: COMO FOI MINHA PRIMEIRA VEZ SEM CAMISA l Lucca Najar. 2018. (08m55s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=De84qb4Gt1U&t=

NAJAR, Lucca. Transgênero: MUDANÇAS E ANSIEDADE de um homem trans - LUCCA NAJAR. 2017. (04m22s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T6PXWO6r4VA&t

SOUZA, Fernanda. "5 PASSOS" de como agir quando seu filho te conta quem realmente é! 2018. (11m00s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-eiTQ-Co90g

SOUZA, Fernanda. 5 “passos” para contar para sua família quem você realmente é! 2018. (10m58s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fKPKxTLL2Zk

TRANSDIARIO. 1 ANO EM TESTOSTERONA + 1 ANO DE TRANSDIÁRIO. 2017. (06m52s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kBTUodCYR3A

TRANSDIARIO. 1 Mês em Testosterona | FTM. 2016. (04m15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=N7v8wKsWzh0&t

TRANSDIARIO. 2 Meses em T + diferenças Portugal e Brasil | FTM. 2016. (07m07s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WJj6cvB6NCk

TRANSDIARIO. 9 MESES EM TESTOSTERONA - Transexualidade FTM. 2017. (04m04s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LoljUjdboc4

TRANSDIARIO. A TRANSIÇÃO É COLETIVA. 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7NoEIYYSKjM

TRANSDIARIO. A TRETA DAS ROUPAS feat. Lucca Najar. 2017. (10m49s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PPHt0pF_ZCU

TRANSDIARIO. CADÊ BARBA? - 4 MESES EM T. 2017. (07m49s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9fih4vfHk5U

TRANSDIARIO. CIRURGIA MARCADA, TÔ MUITO ANSIOSO! - Transexualidade FTM. 2017. (04m41s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sdO4gqfmE0c

TRANSDIARIO. COMO CONTEI QUE SOU TRANS. 2016. (08m37s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=r-onLh-cRDw

TRANSDIARIO. Como faz pra mudar os documentos? 2017. (12m53s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xsaNAV4VAYc

TRANSDIARIO. COMO FAZER SEXO COM UM HOMEM TRANS? 2017. (05m45s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0KLhZ5ndfvk&t

TRANSDIARIO. É BOM A TRANSEXUALIDADE SAIR DO CID? 2018. (05m31s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wv3cnlPezwM

TRANSDIARIO. EU SOU TRANS! 2016. (01m27s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W9sUjwLCX0Q&t

TRANSDIARIO. EU TÔ MAIS ALTO! - 3 meses em Testosterona. 2017. (04m42s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ht8UGiqlN1E.

TRANSDIARIO. Resultado Mastectomia Periareolar FTM. 2017. (06m16s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yLO76e9ADSE&t

TRANSDIARIO. Traduzindo a decisão do STF: como mudar nome e gênero agora? - feat. Bruna Pimenta. 2018. (14m12s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9mxdS9I2HVs

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p.66-81.

ALBIERI, S. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, J. R. ROVAI, Marta (Org.). Introdução à História Pública. São Paulo, Letra e Voz, 2011.

ALMEIDA, J. R. ROVAI, M. (Org.) Introdução à História Pública. São Paulo, Letra e Voz, 2011.

ANDERSON, M.; JIANG, J. Teens, Social Media & Technology 2018. 2018. Disponível em: https://www.pewinternet.org/2018/05/31/teens-social-media-technology-2018/.

ARFUCH, L. O espaço biográfico – dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AVELAR, A. de S. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. Revista de História (UFES) , v. 24, p. 157-172, 2010.

AVELAR, A. de S. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. Maracanan, v. VIII, 2012.

AVELAR, A. de S. SCHIMIDT, B. B. Apresentação: O que pode a biografia hoje? In:

AVELAR, SCHMIDT (org). O que pode a biografia. São Paulo. Letra e Voz, 2018. P. 07-16.

BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BENTO, B. O que é transexualidade. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BERNADAZZI, R.; VAZ DA COSTA, M. H. B. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. 2017. Communicare. Edição Especial. Disponível em: https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2017/09/Artigo-7-Communicare-17-Edi%C3%A7%C3%A3o-Especial.pdf.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Morais; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003, p 64.

BRIGS, A.; BURKE, P. Uma História Social da Mídia. De Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BURGESS, J.; GREEN, J. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo : Aleph, 2009.

BUTLER, J. Bodies that matter: on the discursive limits of sex. Nova York, Londres: Routledge, 1993.

BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha;. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Relatar a si mesmo. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, J. The psychic life of power: theories in subjection. Stanford: Stanford University Press, 1997.

BUTLER, J. Vida precária. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, 2011, n.1 p.13-33.

CARVALHO, M. F. de L. "Muito prazer, eu existo!": visibilidade e reconhecimento no ativismo de pessoas trans no Brasil. Ro de Janeiro, 2015.

CARVALHO, V. C. de. - Cultural material, espaço doméstico e musealização. in Varia História 46, p. 443-470.

CARVALHO, V. C. de. Representações e Ações Corporais: A Ubiquidade do Gênero. In: CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e Artefato. O sistema doméstico na perspectiva da cultura material - São Paulo, 1870-1920. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

CHARTIER, R. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v.7, n.13, 1994, p.103.

CHAUVEAU, A. TÉTART, Phillippe (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CLOT, Y. *'La Otra Ilusión Biográfica'. Historia y Fuente Oral* Memoria y Biografía; 1989. P. 35-39.

CORREIO Brasiliense. A Saúde Negada. Revista Online. Disponível em: http://especiais.correiobraziliense.com.br/receber-cuidados-medicos-e-desafio-para-transexuais.

COSTA, A.B., da R. F.; H.T., PASE, P.F. et al. J. Immigrant Minority Health. (2018) 20: 115. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs10903-016-0527-7.

COSTA, B. Práticas Autobiográficas Contemporâneas: as videografias de si. Doc On-Line, n. 6, p. 141-157, ago. 2009b. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_bruno_costa.pdf.

COSTA, B. Videografias de si. Registros do novo ethos da contemporaneidade. 2009c. 137f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação e Artes, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DEL PRIORE, M. Biografia, biografados: Uma Janela para a História. In: AVELAR, SCHMIDT (org). O que pode a biografia. São Paulo. Letra e Voz, 2018. P. 73-90.

DEL PRIORE, M. Biografia: quando o indivíduo encontra a História. Topói, v.10, n.19, p. 7-16, jun/dez 2009.

DEMETRI, F. D. Corpos Despossuidos: Vulnerabilidade em Judith Butler. Dissertação (Pós-graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, UFSC, 2018.

DORNELLES, J. P. O fenômeno Vlog no Youtube :análise de conteúdo de Vloggers brasileiros de sucesso. – Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Faculdade De Comunicação Social. Porto Alegre, 2015.

ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FERREIRA, M. de M. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FERREIRA, M. de M. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

FERREIRA, M. de M.. História, tempo presente e história oral. Topoi (Rio J.) vol.3, n.5, pp.314-332. 2002.

FICO, C. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. Varia História. Belo Horizonte. vol.28, n.47, pp.43-59. 2012.

FILHO, E. M. de A. M. Para uma História do Tempo Presente: o ensaio de nós mesmos. Fronteiras: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.17, p.137-151, 2009.

FONSECA, A. A. da. Youtubers já são mais influentes do que jornalistas no Brasil, diz estudo do Google. Huffpost, artigo de opinião. 2019. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/entry/youtubers-ja-sao-mais-influentes-do-que-jornalistas_br_5cad0d3ae4b01160af599f2f.

FOUCAULT, M. A Vontade do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. RIo de Janeiro, Graal. 1998, pp. 179/191.

FOUCAULT, M. Nietzsche. A genealogia e a História. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, 1998. p.15-38.

FOUCAULT, M. Verdade e Poder. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, 1998. p. 1-14.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, A. TÉTART, P. Questões para a história do presente, Bauru: EDUSC, 1999.

FREITAS, R. V. Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet. Dissertação (Pós-Graduação em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG. Minas Gerais, 2014.

GEHL, R. Youtube as archive: Who will curate this digital Wunderkammer? International Journal of Cultural Studies. Londres. p.43-60. 2009.

GIES, S. Cultura Material e Design de Moda Contemporâneo: uma Metodologia Aplicada. In: 4° Colóquio de Moda, 2008, Novo Hamburgo. 4" Colóquio de Moda CD de Anais, 2008.

GOVERNO FEDERAL. Cartilha pública. Cuidar bem da saúde de cada um. 2016. Disponível em: http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2016/fevereiro/18/CARTILHA-Equidade-10x15cm.pdf.

HOBSBAWM, E. O Presente como História. IN: HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 543 à 255.

JARVEY, N. Netflix Grows Subscriber Base to 139 Million Worldwide. 2019. Disponível em: https://www.hollywoodreporter.com/news/netflix-grows-subscriber-base-139-million-worldwide-1176934.

JOSSO, Marie-C. O Corpo Biográfico: corpo falado e corpo que fala. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan./abr. 2012.

KEMP, S. DIGITAL 2019: GLOBAL INTERNET USE ACCELERATES. We Are Social. 2019. Disponível em: https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates.

KOPYTOFF, I. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”. In: APPADURAI, A. A vida social das coisas. Niterói: EDUFF, 2008.

LACOUTURE, J. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. (Org.) A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE GOFF, J. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo, Martins Fontes, 2015. P. 32-89.

LE GOFF, J. A visão dos outros: um medievalista diante do presente. In: CHAUVEAU, A. TÉTART, P. Questões para a história do presente, Bauru, SP: EDUSC, 1999.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico – de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2008.

LEPETIT, B. Sobre a escala na História. In: Jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 77-122.

LIONÇO, T. Atenção integral à saúde e diversidade sexual no Processo Transexualizador do SUS: avanços, impasses, desafios. Physis (UERJ. Impresso), v. 19, p. 43-63, 2009.

LIONÇO, T. Seção Entrevistas - A despatologização das identidades trans: questões e desafios na atualidade. REVISTA EPOS (ELETRÔNICA), v. 7, p. 147-156, 2016.

LOURO, G. L. (org). O Corpo Educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica. 2007.

LOURO, G. L. Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. v. 01. 90p.

MACHIESKI, E. Da S. Infância a partir de fontes judiciárias. Florianópolis. XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: velhos e novo desafios. Julho, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434423155_ARQUIVO_HistoriaroTempoPresente(1).pdf.

MALATIAN, T. M. A biografia e a História. CAdernos Cedem , v. 1, p. 16-32, 2008.

MARINHO, M. H. Pesquisa Video Viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. Vídeo, Tendências de Consumo, Entretenimento. 2018. Disponível em: https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/.

MAUAD, A. M.; ALMEIDA, J. R. de; SANTHIAGO, R. (orgs.). História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T. (org). Que história pública queremos? = What public history do we want? - São Paulo, Letra e Voz, 2018.

MELO, S.; ABIBE, A. Creators Connect: o poder dos YouTubers. 2019. Disponível em: https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/creators-connect-o-poder-dos-youtubers/.

MENESES, J. N. C. Os elementos materiais da cultura e a percepção do banal e do óbvio. Ou, de como render-se ao óbvio. Palestra apresentada no I Simpósio de Arqueologia dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, maio de 2017. Manuscrito.

MILLER, D. Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. PORTARIA Nº 2.836, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt2836_01_12_2011.html.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Processo Transexualizador no SUS. 2017. Disponível em: http://www.saude.gov.br/atencao-especializada-e-hospitalar/especialidades/processo-transexualizador-no-sus.

MISKOLCI, R. Novas Conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos. Natal, v. 12, p. 9-22, 2011.

MISKOLCI, R.; PELUCIO, L. Gêneros, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. Florianópolis, SC, 2017. P. 263-268.

MOTTA, B. S..; BITTENCOURT, M; VIANA, P. M. F. A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. E-Compós, Brasília, v. 17, p. 1-25, 2014

NEVES, B. B. de A. Transmasculinidades e o cuidado em saúde: desafios e impasses por vidas não-fascistas. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado em Clínica Médica) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, M. A. de, P.; de OLIVEIRA.; A. L. Sedução E Desafios Da Biografia Na História. FDC 2019, 1, 168-180.

OLIVEIRA, M. da G. de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. Topoi (Rio J.) [online]. 2017, vol.18, n.35, pp.429-446. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2017000200429&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1518-3319. http://dx.doi.org/10.1590/2237-101x01803509.

PATSCHIKI, L. AS LUTAS DA HISTÓRIA IMEDIATA: PARA QUEM SERVE A

VERDADE HISTÓRICA? Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.48, p. 225-240. 2012.

PEDRO, J. M. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011, p. 270-283.

PELUCIO, L.; SOUZA; TEIXEIRA, T. (Org.); MAGALHÃES, B. (Org.). Olhares Plurais para o Cotidiano - Gênero, Sexualidade e Mídia. 1. ed. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2012.

PERUCCHI, J. Para uma análise sobre a incorporação de disposições normativas de prescrição de corpos na contemporaneidade. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 6, n. 07, 26 nov. 2012.

PESAVENTO, S. J. O corpo e a alma do mundo. A micro-história e a construção do passado. São Leopoldo, História Unisinos, v. 8, n° 10, p. 179-189, jul. dez. 2004.

PIMENTEL, C. A escrita íntima na internet: do diário ao blog pessoal. O Marrare (Online) (Rio de Janeiro), v. 11, p. 1-19, 2011.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

PONS, A. Archivos y documentos en la era digital, en Historia y comunicación social Ediciones Complutense. 22.2, 283-292. 2017.

PORTO, C. H. de Q. Tempo Presente E Cultura Da Mídia: Convergência E Inteligência Coletiva Na Sociedade Contemporânea. Projeto História. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História. São Paulo. V. 46 Jan./Abr. Primavera Dos Povos. 2013.

PRECIADO, P. B. Manifesto Contrassexual. São Paulo: N-1 Edições, 2014

PRECIADO, P. B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, Abril. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000100002&lng=en&nrm=iso>.

PRIMO, A. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2008, Natal. Anais, Natal, 2008.

PROVOKERS, Google. Os Influenciadores de 2017 — Quem Brilha na Tela dos Brasileiros. 2017. Disponível em: https://docs.google.com/presentation/d/1xdC5FQ7FZ727bA2cqPbk5AYYELFZcswTQoSgHabEKWI/edit#s lide=id. p36.

RAUN, T. #Nascimentos em tela: explorando o potencial transformador em blogs de vídeo no YouTube. Rio Grande do Norte. 2010. P. 79-96.

REVISTA Glamour. Lucca Najar: o youtuber trans que você precisa conhecer. 2018, Revista Glamour Online. Disponível em: https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2018/05/lucca-najar-o-youtuber-trans-que-voce-precisa-conhecer.html.

REVISTA Versar. “Eu não posso mais ser uma versão editada de mim mesmo”: conheça o Transdiário. 2018. Revista Versar Online. Disponível em: https://www.revistaversar.com.br/conheca-o-transdiario/.

RIBEIRO, I. Os mais influentes entre jovens do Brasil. Pesquisa inédita e exclusiva aponta as 20 personalidades mais admiradas por adolescentes; dez já são youtubers. 2016. Disponível em: https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2016/01/11/os-mais-influentes-entre-jovens-do-brasil.html.

RIOUX, J.-P.. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, A., TÉTART, P. (orgs.). Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.39-50.

ROCHE, D. História das coisas banais. Nascimento do consumo. Séc. XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROJAS, E. TRANS NARRATIVAS DO SELF Uma análise a partir de diários virtuais de transição transexual no YouTube. UFPE. Pernambuco, 2015.

SANDVINE. The Mobile Internet Phenomena Report. 2019. Disponível em: https://www.sandvine.com/hubfs/downloads/phenomena/2019-mobile-phenomena-report.pdf.

SANTHIAGO, R. Duas palavras, múltiplos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de;

SANTHIAGO, Ricardo (orgs.). História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p.22-35.

SANTHIAGO, R. História Pública e Autorreflexividade: Da prescrição ao processo. In: Tempo & Argumento. Florianópolis, v.10, n.23, p. 286-309. 2018.

SCHWARCZ, L. K. M. Biografia como gênero e problema. História Social (UNICAMP), v. 24, p. 51-74, 2013.

SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

SENNETT, R. Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro, Record. 2003.

SIBILIA, P. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão? Ciência e Cultura. v.62, p. 52-55, 2010.

SIBILIA, P. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMPÓSIO Internacional de História Pública. Retirado de: ZUMBI PRODUÇÕES CARIRI FILME. “HISTÓRIA EM DEBATE: 3º - SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA PÚBLICA - HISTÓRIA PÚBLICA EM DEBATE”. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u43XbNtpQ2A&t=. Acessado em: 01 de Agosto de 2019.

SOUZA, N. G. S. Procurando/rompendo marcas no corpo. IN: SOARES, G. F.; SILVA, M. R. S. da, RIBEIRO, P. R. C. (org). Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais. ED. da FURG. Rio Grande do Sul, 2006. p. 20-31.

STREY, M. N. de. Corpos e Subjetividades em Exercício Interdisciplinar. Porto Alegre, EDPUCRS, 2004.

ZAHAVI, G. Ensinar história pública no século XXI. In: ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabelo. ROVAI, Marta (Org.). Introdução à História Pública. São Paulo, Letra e Voz, 2011. p- 53-64.